



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

Wellton Jonh Pereira Santos Almeida

Educador e Pai de Santo: memórias sobre José Nazareno Oliveira de Aguiar

Araguaína/TO

2025

Wellton Jonh Pereira Santos Almeida

Educador e Pai de Santo: memórias sobre José Nazareno Oliveira de Aguiar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), como requisito parcial para qualificação do mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Sariza Oliveira Caetano Venâncio

Araguaína/TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

J77e Jonh Pereira Santos Almeida , Wellton .
 Educador e Pai de Santo: memórias sobre José Nazareno
 Oliveira de Aguiar / Wellton Jonh Pereira Santos Almeida . -
 Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.
 157 f.

 Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação -
 Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e
 Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do
 Tocantins, 2025.

 Orientadora: Sariza Oliveira Caetano Venâncio.

 1. Memória . 2. José Nazareno . 3. Umbanda .

CDD 301.09

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Wellton Jonh Pereira Santos Almeida

Educador e Pai de Santo: memórias sobre José Nazareno Oliveira de Aguiar

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI). Foi avaliada como requisito parcial para qualificação do mestrado em Estudos de Cultura e Território, e aprovada pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 30 /06 /2025

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **SARIZA OLIVEIRA CAETANO VENANCIO**
Data: 11/07/2025 10:23:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Sariza Oliveira Caetano Venâncio – Orientadora (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 **ROGERIO DE CARVALHO VERAS**
Data: 10/07/2025 20:56:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras - Membro externo (UFMA)

Documento assinado digitalmente
 **VINICIUS GOMES DE AGUIAR**
Data: 11/07/2025 10:19:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vinícius Gomes de Aguiar - Membro interno (UFNT)

*Dedico este trabalho a minha filha, Maria
Teresa. E à minha avó Maria Amélia, in
memoriam*

AGRADECIMENTOS

Expresso minha mais profunda gratidão a todos os que, de forma generosa e significativa, contribuíram para a realização desta pesquisa. Em especial, agradeço aos ex-colegas de trabalho, familiares, amigos, filhos e filhas de santo de José Nazareno Oliveira de Aguiar, por compartilharem suas memórias e experiências. Suas histórias, vozes e reflexões foram fundamentais para reconstituir e compreender a trajetória e memória de Nazareno, permitindo que este trabalho se tornasse possível.

Agradeço ao Dr. Saulo Arantes Dias, profissional que me acompanhou durante o percurso do mestrado, oferecendo suporte terapêutico essencial. Sua escuta qualificada e orientação ética foram fundamentais em momentos de incertezas, frustrações e ansiedades, contribuindo significativamente para que eu pudesse manter o equilíbrio emocional necessário para a continuidade deste trabalho.

A minha filha, Maria Teresa, que chegou durante a escrita desta dissertação e transformou completamente minha vida, tornando-a mais leve e cheia de propósito. Sua presença trouxe amor, luz e inspiração, renovando minhas forças a cada dia. Este trabalho também é para você, que já me ensina tanto, mesmo em tão pouco tempo de vida.

Ao meu companheiro, Rodolfo, pelo apoio constante e por nunca deixar de acreditar em mim, mesmo nos dias mais difíceis. Sua paciência, carinho e compreensão foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

À professora Rosemary Vieira Santos, por ter acreditado em mim ainda recém-formado e por ter me dado a oportunidade de iniciar minha trajetória como professor ao seu lado. Sua confiança, incentivo e generosidade marcaram profundamente minha caminhada profissional e pessoal. Tenho em você uma inspiração de profissional comprometida, ética e generosa. Meu sincero agradecimento.

Ao Valdemar Júnior, pelo seu suporte técnico na formatação, pelos conselhos generosos e pela escuta atenta que me ajudaram a seguir com mais segurança.

E à Natalya Évora, pela organização cuidadosa dos mapas e pela parceria firme ao longo de toda essa jornada.

Agradeço também a todos os professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), que proporcionaram um ambiente acadêmico acolhedor e desafiador. De modo especial, registro minha gratidão à minha orientadora, professora doutora Sariza Oliveira Caetano Venâncio, por sua paciência, dedicação e orientação ao longo de cada etapa desta

jornada. Seu olhar crítico e encorajador foi essencial para o amadurecimento deste trabalho. Agradeço ainda ao professor Plábio Marcos Martins Desidério por suas contribuições valiosas, que enriqueceram este estudo com novas perspectivas.

Agradeço também aos professores Prof. Dr. Rogério de Carvalho Veras (UFMA) e Prof. Dr. Vinícius Gomes de Aguiar (UFNT), membros da banca de qualificação desta pesquisa, cujas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento e avanço deste trabalho. Suas observações perspicazes, críticas e apoio acadêmico foram essenciais para refinar a direção da pesquisa, fortalecendo a qualidade desta investigação.

Por fim, dedico meus agradecimentos a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, colaboraram para a concretização desta pesquisa. Que este trabalho possa servir como uma contribuição à preservação da memória e da cultura afro-brasileira e como uma homenagem àqueles que mantêm viva a espiritualidade e a resistência em seus territórios.

RESUMO

O estudo aborda a reconstrução das lembranças sobre José Nazareno Oliveira de Aguiar, nascido em 26/10/1971 e falecido em 21/04/2021, através das narrativas de ex-colegas de trabalho, familiares, amigos e antigos filhos e filhas de santo. Além disso, examina-se o impacto de sua atuação religiosa e educacional, bem como a importância do terreiro como espaço de preservação cultural e territorialidade. O objetivo principal foi explorar como as memórias coletivas e individuais de Nazareno ressignificam sua presença e memória em diferentes contextos, enfatizando a relação entre memória, identidade e território. Utilizando uma abordagem qualitativa baseada na história oral, esta dissertação também se debruça sobre a destruição do terreiro após sua morte, analisando as implicações desse evento para a preservação da cultura afro-brasileira em Araguaína. Por fim, o trabalho destaca a relevância da preservação da memória e do legado de José Nazareno como parte da luta por reconhecimento e valorização das práticas culturais afro-religiosas no norte do Tocantins. A pesquisa busca contribuir para a valorização da memória coletiva e individual, promovendo o entendimento das dinâmicas socioespaciais e da resistência cultural no território.

Palavras-chave: Memória; cultura afro-brasileira; Umbanda; José Nazareno; Araguaína.

ABSTRACT

This research provides an analysis of the memories, practices, and meanings associated with José Nazareno Oliveira de Aguiar, was born on 26/10/1971 and died on 21/04/2021, emphasizing his role as a Pai de Santo in Umbanda and as a teacher in Araguaína (TO). Through oral interviews, documents, and interdisciplinary theoretical references, the study seeks to understand the significance of his figure as a symbol of cultural resistance, collective identity, and Afro-Brazilian memory. The study explores the reconstruction of memories about Nazareno through narratives from former colleagues, family members, friends, and former devotees. Furthermore, it examines the impact of his religious and educational activities, as well as the importance of the terreiro as a space for cultural preservation and territoriality. The main objective was to investigate how collective and individual memories of Nazareno reframe his presence and legacy in different contexts, emphasizing the relationship between memory, identity, and territory. Using a qualitative approach grounded in oral history, this dissertation also addresses the destruction of the terreiro after his death, analyzing the implications of this event for preserving Afro-Brazilian culture in Araguaína. Finally, this work highlights the relevance of preserving the memory and legacy of José Nazareno as part of the struggle for recognition and appreciation of Afro-religious cultural practices in northern Tocantins. The research aims to contribute to the appreciation of both collective and individual memory, promoting an understanding of socio-spatial dynamics and cultural resistance in the territory.

Keywords: Memory; Afro-Brazilian Culture; Umbanda; José Nazareno; Araguaína.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Percursos da Pesquisa.....	32
Figura 2 – Localização do Município de Araguaína em relação ao Estado do Tocantins e seus municípios circunvizinhos.....	54
Figura 3 – Dona Rosalina mostrando a foto de Nazareno.....	65
Figura 4 – Nazareno, à esquerda, recebendo o certificado do SENAI.....	66
Figura 5 – Termo de Posse de José Nazareno Oliveira de Aguiar.....	71
Figura 6 – Mapa das Escolas Municipais de Araguaína-TO (Zona Urbana e Rural)	72
Figura 7 – Localização das escolas em que Nazareno atuou (Zona Urbana e Rural)	78
Figura 8- Localização do Assentamento Rio Preto.....	80
Figura 9 – Colegas de trabalho e amigas de Nazareno em 2016.....	82
Figura 10 – Titulação de Nazareno para vereador.....	87
Figura 11 – Pagina do TRE que apresenta a posição de Nazareno na lista de candidatos eleitos e suplentes.....	88
Figura 12 – Moção de Pesar dedicada a José Nazareno.....	90
Figura 13 – Nota do PPGCULT.....	96
Figura 14 – Histórico Escolar do curso de Pedagogia UFT.....	97
Figura 15 – Imagem Nazareno de frente ao altar no terreiro localizado no Céu Azul.	113
Figura 16 – Localização do Centro Espírita Santa Bárbara.....	116
Figura 17 – Primeira festa de Rei Caboclo Tupinambá no terreiro no Setor Bougainville	119
Figura 18 – Imagem Festa de Lourenço Légua no terreiro no Setor Bougainville.....	120
Figura 19 – Termo de posse em 2012 de José Nazareno como Delegado Regional da FEB....	123
Figura 20 – Terreiro após a destruição.....	143
Figura 21 – Imagem atual do local onde era o terreiro.....	144
Figura 22 – Foto da lapide de onde Nazareno está sepultado juntamente com outros familiares no Cemitério São Lazaro em Araguaína-TO.....	148
Quadro 1 – Dados das entrevistas.....	30
Quadro 2 – Lotações de José Nazareno no município de Araguaína/TO entre 1995 e 2019.....	73
Tabela 1 – População total residente em Araguaína por religiões afro-brasileiras.....	44
Tabela 2 – Calendário do Centro Espírita Santa Bárbara.....	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CAMINHOS METODOLÓGICOS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	25
2 JOSÉ NAZARENO: DO ESTUDANTE AO PROFESSOR	53
2.1 O contexto familiar de Nazareno	58
2.2 Entre ida e vinda.....	62
2.3 Nazareno, o educador.....	68
2.4 Da educação à política.....	86
2.5 Nazareno, o acadêmico.....	93
3 NAZARENO, PAI DE SANTO: ENTRE TERRITORIALIZAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO	99
3.1 Primeiro contato de Nazareno com as afro-religiosidades	99
3.2 Do catolicismo à Umbanda	104
3.3 “Pois é, agora sou Pai de santo!”	109
3.4 A Prática religiosa de Nazareno	121
3.5 Do Cuidar do Outro ao Esquecimento de Si: A Doença e o Recolhimento de Nazareno	131
3.6 José Nazareno Oliveira de Aguiar e Centro Espírita Santa Bárbara: o fim?	135
CONCLUSÃO.....	149
REFERÊNCIAS	151

INTRODUÇÃO

Desde que **inicie** minha jornada educacional, aos sete anos de idade, ela foi marcada por minha passagem por escolas públicas. Ao longo desses anos, enfrentei os desafios e aproveitei as oportunidades que o sistema público de ensino me ofereceu. Esse período foi fundamental para moldar minha determinação e resiliência — habilidades que se mostraram essenciais na minha trajetória acadêmica.

Ao concluir o ensino fundamental, pensando em me colocar em escolas públicas de um melhor padrão, minha avó se mudou de cidade comigo. Assim, saímos da cidade de Buriti do Tocantins, localizada na região do Bico do Papagaio, e **fomos** morar em Tocantinópolis-TO, onde fiz todo o meu Ensino Médio. Após o término do Ensino Médio, vislumbrei a possibilidade de continuar meus estudos na universidade pública da cidade onde eu residia na época: a Universidade Federal do Tocantins – Campus de Tocantinópolis. Por questões financeiras, na época minha família não conseguiu pagar a inscrição do vestibular e, por desconhecer a possibilidade da taxa de isenção, acabei por não fazer a seletiva na instituição.

Naquele mesmo ano, 2004, através da nota do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e graças ao Programa Universidade para Todos (ProUni), consegui uma bolsa de estudos integral numa faculdade particular de Araguaína — o ITPAC (Instituto Tocantinense Antônio Carlos). Assim, ingressei em 2005 no curso de Pedagogia. A chance de ingressar no ensino superior foi um marco na minha vida, possibilitando-me o acesso a recursos e a uma qualidade de ensino que expandiram ainda mais meus horizontes acadêmicos.

Durante a graduação, me dediquei intensamente ao meu curso, pois, sendo bolsista, precisava ter notas acima dos conceitos para manter a bolsa. Dessa forma, eu participava de projetos, pesquisas e atividades extracurriculares que enriqueceram minha formação. Esse período foi crucial para o meu desenvolvimento profissional e acadêmico, preparando-me para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e me motivando a continuar buscando conhecimento.

Com a conclusão da graduação, logo fui convidado a retornar para Tocantinópolis-TO, no ano de 2009, para trabalhar como professor. Já no ano seguinte, em 2010, passei no concurso para professor no município de Araguaína-TO, onde retornei e, impulsionado pelo desejo de aprofundar meus estudos, ingressei numa especialização dentro da minha área de formação, que é a Educação. Finalizada a especialização, me dediquei à minha profissão de professor de anos iniciais e, por um longo período, tenho atuado como professor, coordenador e na direção de escolas públicas da cidade de Araguaína.

Percebendo a necessidade de aprofundar meus estudos, após um longo período afastado da academia, procurei retomar o antigo desejo de cursar um mestrado em uma universidade pública. Confesso que retomar os estudos, após um período significativo afastado da academia, representou um desafio complexo. Esta jornada se iniciou no ano de 2022, com incentivo do meu companheiro. Naquele ano, não logrei êxito na tentativa de ingressar, mas, no ano seguinte, em 2023, ingressei como aluno especial e, no mesmo ano, como aluno regular. Todo esse processo não foi apenas um retorno à sala de aula como estudante, mas também um reencontro com o rigor acadêmico, a disciplina do estudo contínuo e a exigência de atualização constante em um campo de conhecimento diferente do meu. Todo esse novo universo me causou insegurança, mas também o desejo de me aprimorar cada vez mais no campo da pesquisa.

Os desafios enfrentados ao voltar aos estudos são diversos. Primeiramente, há a necessidade de conciliar as responsabilidades profissionais com as demandas acadêmicas. Como eu estava numa gestão escolar, meu cotidiano era marcado por reuniões e por ter que acompanhar toda a rotina da escola. Acrescentar a isso o compromisso com um programa de mestrado requer uma gestão eficiente do tempo e uma capacidade de organização ampliada, que, aos poucos, fui desenvolvendo para conseguir me dedicar ao programa.

Outro aspecto significativo da minha jornada acadêmica está relacionado à minha experiência com a Umbanda. Desde criança, fui introduzido a essa religião por meio de minha avó e, mais tarde, fortaleci ainda mais esse vínculo ao lado de uma pessoa muito próxima, que passou a se dedicar e a se desenvolver como sacerdote, e eu sempre acompanhando essa jornada com respeito e envolvimento.

A espiritualidade sempre teve um papel central na minha vida, e as práticas da Umbanda me proporcionaram uma base sólida de valores e crenças que moldaram minha visão de mundo. Participar dos rituais e aprender sobre a história e os ensinamentos dessa religião me deu uma compreensão profunda de comunidade, respeito e conexão com o divino. Foi a partir da minha relação com a educação e a religião que ouvi, pela primeira vez, falar sobre José Nazareno — tanto enquanto professor quanto umbandista. Com a entrada no mestrado, ouvi falar dele novamente, quando a orientadora me propôs escrever sobre sua trajetória.

Sendo assim, durante as discussões sobre cultura e território no PPGCULT, fui percebendo como esses dois conceitos estavam diretamente relacionados com minha trajetória, assim como com a trajetória de José Nazareno. A reflexão sobre os territórios físicos e simbólicos no processo de territorialização e desterritorialização, na perspectiva de Rogério Haesbaert, me ajudou a entender a história de vida de Nazareno, podendo vislumbrar como ele

não apenas ocupou espaços físicos, mas também simbólicos, influenciando profundamente a comunidade educacional e religiosa na qual estava inserido.

Desde minha infância em escolas públicas até minha jornada acadêmica e profissional, testemunhei de perto a dinâmica de construção de territórios simbólicos. Esses territórios não se limitam apenas aos espaços geográficos, mas também abrangem os domínios culturais e espirituais que moldam nossa identidade e interações sociais. Ao longo dos anos, participei ativamente desses espaços, seja como aluno, professor, gestor escolar ou pesquisador no campo da educação e da religião. A mudança de Buriti do Tocantins para Tocantinópolis-TO marcou um deslocamento não apenas físico, mas também cultural, onde experienciei novos territórios simbólicos na formação educacional. O acesso à faculdade, inicialmente através do ProUni, foi um ponto de virada significativo, ampliando meus horizontes e consolidando meu compromisso com a educação pública e inclusiva. Esse período não apenas fortaleceu minha resiliência, mas também expandiu minha compreensão sobre a importância dos territórios simbólicos na construção de identidades individuais e coletivas.

Minha incursão no mestrado, focando na história de vida de José Nazareno, foi um retorno à academia após um período dedicado à prática educacional. Este novo território simbólico não só me desafiou intelectualmente, mas também me proporcionou uma nova perspectiva sobre a interseção entre espiritualidade e educação. A pesquisa revelou como Nazareno ocupou múltiplos territórios simbólicos como professor e líder religioso, influenciando tanto o ambiente educacional quanto a prática da Umbanda na região.

A análise das entrevistas com filhos de santo, médiuns e colegas de trabalho de Nazareno evidenciou como sua liderança espiritual e compromisso com a educação foram cruciais na construção desses territórios. Suas práticas pedagógicas e rituais religiosos não apenas coexistiram, mas se complementaram, demonstrando como os territórios simbólicos se entrelaçam e se reconfiguram ao longo do tempo.

Portanto, ao explorar os territórios simbólicos de José Nazareno, percebi como esses espaços não são estáticos, mas dinâmicos — moldados pelas interações humanas, pelas memórias compartilhadas e pelas práticas culturais. Essa pesquisa não apenas narra a vida de um indivíduo, mas também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a importância dos territórios simbólicos na construção e na preservação das identidades culturais e religiosas.

Este estudo, portanto, não se limita a um relato histórico, mas também representa uma jornada pessoal de descoberta e valorização das conexões entre educação, espiritualidade e memória coletiva. Segundo Dosse (2009, p. 112), “o biógrafo nunca é um observador neutro: ele escolhe, organiza e dá sentido aos fatos, inevitavelmente projetando sua própria visão de

mundo na narrativa”. Assim, como uma espécie de biógrafo da vida de Nazareno, eu e os entrevistados desta pesquisa acabamos fazendo escolhas e recortes sobre o que será narrado, a partir das suas experiências com ele — e para além dele. Ao refletir sobre os territórios simbólicos de José Nazareno, somos instigados a reconhecer não apenas a complexidade de sua vida, mas também a riqueza dos territórios simbólicos que ele ajudou a forjar e a manter vivos na comunidade educacional e religiosa.

Foi no decorrer das aulas no mestrado e da realização da pesquisa que percebi como essa vivência influenciou minha abordagem acadêmica. A Umbanda me ensinou a ter paciência, resiliência e a importância de me conectar com as pessoas e com a espiritualidade — elementos que se mostraram essenciais no contexto acadêmico. Além disso, o avanço das metodologias de ensino e pesquisa mudou muito desde quando fui estudante. Isso exigiu de mim um processo de adaptação e atualização que foi intenso, já que estive afastado do ambiente acadêmico por um período de dez anos.

Conciliar essas duas esferas — a profissional e a acadêmica — junto com minha experiência espiritual foi um desafio que me proporcionou crescimento pessoal e profissional. A gestão do tempo tornou-se uma habilidade vital, permitindo-me equilibrar os compromissos da escola com as exigências do mestrado e, ao mesmo tempo, manter minha conexão com a Umbanda. Essa jornada tem sido de aprendizado contínuo, onde cada desafio superado fortalece ainda mais meu compromisso com o desenvolvimento pessoal e profissional.

Foi diante desses desafios e aprendizados que busquei atingir o objetivo da minha pesquisa: abordar as memórias sobre e de José Nazareno Oliveira de Aguiar. Para isso, adotei uma abordagem metodológica fundamentada na História Oral e na Análise Documental, permitindo reconstruir sua trajetória a partir de diferentes perspectivas. Como Nazareno já estava falecido no momento da pesquisa, tornou-se necessário recorrer a múltiplas fontes que registraram sua vida e atuação. Nesse sentido, compreendo que “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias” (DOSSE, 2009, p. 11), pois, ao reconstruir a memória de Nazareno, também ilumino aspectos do contexto histórico e social em que ele esteve inserido — e trazemos amores e dores em sua trajetória. Além disso, a escrita biográfica está sempre ancorada no presente, sendo atravessada por uma relação de implicação entre autor e objeto de estudo, já que “a biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor” (DOSSE, 2009, p. 11). Dessa forma, minha pesquisa se insere nesse campo de tensões entre memória, história e subjetividade, buscando um equilíbrio entre o rigor metodológico e a sensibilidade necessária à reconstrução de sua trajetória.

Em primeiro lugar, realizei entrevistas com pessoas que conviveram diretamente com ele, incluindo ex-alunos, colegas de profissão e filhos de santo. Esses relatos possibilitaram a construção de uma memória coletiva sobre sua vida, trazendo à tona experiências, percepções e significados atribuídos à sua trajetória como professor e Pai de Santo. Além das entrevistas realizadas para esta pesquisa, foram fundamentais as entrevistas concedidas pelo próprio Nazareno em trabalhos anteriores, como na dissertação de Cleyton Gomes de Almeida (2019) e na pesquisa de Sariza Oliveira Caetano Venâncio (2013; 2019). Esses registros possibilitaram o acesso direto à sua voz, permitindo compreender como ele próprio narrava sua história, suas experiências e sua visão sobre a Umbanda e a educação.

Além das fontes orais, foram analisados documentos oficiais e registros públicos, como moções de pesar, notas institucionais e matérias jornalísticas. Esses materiais demonstram como sua trajetória foi reconhecida em diferentes esferas da sociedade araguainense, ao mesmo tempo que revelam omissões e apagamentos, evidenciando disputas simbólicas sobre sua memória. A pesquisa ainda se baseia em fontes secundárias, como dissertações e artigos acadêmicos que discutem a história da Umbanda em Araguaína e as relações entre religião, identidade e memória. A partir desses estudos, foi possível contextualizar a experiência de José Nazareno dentro de um panorama mais amplo de resistência e afirmação afro-religiosa.

Ao lidar com a biografia como ferramenta narrativa, é importante reconhecer que:

[...] o trabalho do biógrafo é muitas vezes identificado ao labor do beneditino, a tal ponto que ele precisa consagrar sua própria existência a esclarecer a vida de um estranho, ao preço de sacrifícios pessoais que transformam sua escolha em sacerdócio. O biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar (Dosse, 2009, p. 14).

A frase de Dosse é alentadora quando nos deparamos com a vastidão de fontes e a complexidade das memórias sobre Nazareno e a angústia de não conseguir narrar tudo, porque a cada (re)visitação às fontes uma nova descoberta surge.

Nesse processo, o pesquisador/biógrafo deve equilibrar proximidade e distanciamento, evitando tanto uma visão excessivamente subjetiva quanto um afastamento que impeça a compreensão do indivíduo em sua complexidade. Além disso, a escrita biográfica exige uma dedicação profunda: “O biógrafo precisa amar suficientemente sua obra para sacrificar-lhe um longo período da vida, mas, ao mesmo tempo, tem de estabelecer uma distância crítica que lhe permita ir até o fim da identificação com um sujeito alheio, capaz de pôr em perigo sua identidade” (Dosse, 2009, p. 15). Poucas não foram as vezes que o fato de ser do povo de santo, professor, negro e homossexual — características compartilhadas com Nazareno — me

aproximaram de tal forma de sua história de vida que não sabia se eu falava dele ou de mim. Foram as orientações, as leituras dos textos e as disciplinas no PPGCULT que me ajudaram a buscar um distanciamento e entender o perigo dessa proximidade, ainda que, hora ou outra, isso não pareça no texto.

Juntamente com as leituras metodológicas, as abordagens teóricas contribuíram para essa pesquisa. Assim, autores como Pollak, Halbwachs e Haesbaert vão nos mostrar que a memória é construída socialmente, sendo constantemente reconfigurada por diferentes atores e contextos. Assim, a pesquisa buscou não apenas registrar as memórias sobre Nazareno, mas também compreender os mecanismos que moldam e selecionam os aspectos de sua trajetória que são preservados ou silenciados na memória coletiva. Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a trajetória de vida do Pai de Santo e professor Nazareno, como era mais conhecido, a partir das narrativas de pessoas ligadas a ele — a partir da educação e da religião que ele professava, a Umbanda — a fim de revelar sua influência e legado nas esferas educacional e religiosa.

Este tema é significativo para mim, tanto academicamente quanto profissionalmente, pois, antes de me deparar com a pesquisa, eu já tinha ouvido falar sobre Nazareno no ano de 2015. Naquele momento, eu fazia parte do Conselho Municipal de Educação e, em conversa pós-reunião, alguém citou seu nome e disse, entre risos, que era melhor não mexer com ele. Só depois eu descobri que o comentário se devia ao fato de ele ser um dirigente umbandista, ou, como muitos chamam, Pai de Santo.

Além desse relato, em outros momentos, uma colega de trabalho na época, a professora Jacinta, sempre comentava sobre a festa dos pretos-velhos que era realizada no terreiro de Nazareno. Ela falava que todo ano fazia doação de um saco de feijão preto para a celebração. Já em outro momento, quando eu e meu companheiro estávamos em busca de um terreiro de Umbanda em Araguaína para frequentarmos, conhecemos Yasmin, uma ex-filha de santo de Nazareno, que compartilhou diversas histórias com a gente sobre suas vivências com o dirigente. Nessa época, eu já estava tentando ingressar no mestrado, com a temática sobre a Umbanda. Porém, não fazia ideia de que viria a realizar a pesquisa sobre a história de vida de Nazareno.

No meu primeiro encontro com minha orientadora, ela trouxe a proposta de investigar e documentar a vida do já falecido José Nazareno, como uma continuação de suas pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras na região. A partir de então, comecei minhas leituras e pesquisas sobre a temática, e ali encontrei não apenas um tema e recorte de pesquisa, mas

também uma fonte de inspiração para mim e uma oportunidade de contribuir para a preservação de uma memória coletiva do povo de santo, que é muitas vezes marginalizada e silenciada.

Assim, a pesquisa buscou apresentar a história de vida de Nazareno por meio de relatos e testemunhos das memórias dos entrevistados, a partir de como era a dinâmica e os elementos dos rituais umbandistas realizados por ele, bem como sua vivência enquanto educador. Buscamos analisar também os estudos acadêmicos anteriores sobre ele, avaliando como esses trabalhos contribuíram para a compreensão da figura de Nazareno na comunidade umbandista, escolar e acadêmica. "Falar de história de vida é pressupor, pelo menos, — e isto não é pouco, já que a vida é uma história inseparavelmente — o conjunto de acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato desta história." (Bourdieu, 1986, p. 69).

Essa definição destaca a complexidade envolvida na construção de uma narrativa de vida, enfatizando que é impossível separar os eventos vividos pelo indivíduo de sua representação narrativa. Isso é particularmente relevante no contexto da pesquisa sobre Nazareno, pois nos leva a considerar não apenas os acontecimentos de sua vida, mas também como esses eventos são lembrados e relatados pelos membros da comunidade umbandista e acadêmica.

Ao explorar a dinâmica e os elementos dos rituais umbandistas conduzidos por Nazareno, foi possível identificar como sua prática religiosa se conectava com seu papel como educador. Os relatos dos entrevistados não só reconstruíram as cerimônias e os valores transmitidos por ele, mas também iluminaram sua presença e ação no cenário da educação no município de Araguaína.

Além disso, a análise dos estudos acadêmicos anteriores, os quais serão abordados de forma mais específica durante os capítulos, revelou como a figura de Nazareno foi representada e interpretada em diferentes contextos. Esses trabalhos acadêmicos contribuíram significativamente para a compreensão de sua influência tanto na esfera religiosa quanto na educacional, destacando a importância de seu legado. A interseção entre sua prática umbandista e sua atuação como educador oferece um campo fértil para entender como suas ações impactaram e moldaram a comunidade que ele estava inserido.

Portanto, a investigação das narrativas de vida e das práticas religiosas de Nazareno, à luz das teorias de Bourdieu e dos estudos acadêmicos, permite uma compreensão mais aprofundada de sua contribuição única. A complexidade de sua história de vida, conforme articulada pelos testemunhos e pelas análises acadêmicas, evidencia a indissociabilidade entre

vida e relato, sublinhando a relevância de uma abordagem mais geral para a compreensão de sua trajetória.

Para a realização da pesquisa sobre a história de vida de Nazareno, foram feitas doze entrevistas, utilizando questionários temáticos adaptados para cada entrevistado. As entrevistas foram divididas em dois blocos principais: o primeiro bloco consistiu em pessoas ligadas à Umbanda, como filhos de santo ou médiuns, que tiveram Nazareno como Pai de Santo; o segundo bloco abrangeu pessoas que o conheceram no contexto profissional e pessoal, principalmente na área da educação. Vale ressaltar que Fabiana Ferrari, citada nas fontes orais, embora não tenha sido entrevistada formalmente, por ser secretária no departamento em que Nazareno trabalhou, passou informações valiosas por meio de conversas no WhatsApp.

Os entrevistados do primeiro bloco incluíram:

1. **Graziele Formiga da Silva** — filha de santo que teve uma relação próxima com Nazareno, participando ativamente dos rituais e das práticas religiosas conduzidas por ele. Ela é a mãe biológica do filho que Nazareno registrou como pai.
2. **Lucélia da Silva Costa** — médium que iniciou sua jornada espiritual sob a orientação de Nazareno, destacando-se pela participação em cerimônias e pela aprendizagem direta dos ensinamentos umbandistas.
3. **Silvia Ribeiro da Silva** — irmã adotiva de Nazareno e também médium, responsável pela organização de eventos no terreiro, com uma visão detalhada sobre a dinâmica e os elementos dos rituais.
4. **Maria Julia dos Santos** — foi a segunda médium do terreiro de Nazareno quando ele iniciou; ela colaborou na condução de sessões espirituais e no apoio a Nazareno no Centro Espírita.
5. **Raimundo Filho de Sousa** — médium que compartilhou experiências de crescimento pessoal e espiritual sob a tutela de Nazareno, desde a época em que Nazareno era missionário na igreja católica de Araguaína; ressaltou a sabedoria e liderança dele como sacerdote.

Os entrevistados do segundo bloco incluíram:

6. **Professor Brás Alves de Noieto** — colega de Nazareno na área da educação, que trabalhou com ele no ano de 1992 na Escola Municipal Simão Lutz Kossobutzki, em Araguaína.
7. **Professora Jacinta Ribeiro Lopes** — foi gestora escolar de Nazareno e amiga pessoal, conhecendo-o desde a década de oitenta. Foi diretora do departamento de ensino da zona rural de Araguaína e colaborou com narrativas que trouxeram insights sobre sua atuação profissional.
8. **Maria Alves da Silva** — diretora escolar do departamento da zona rural que trabalhou diretamente com Nazareno na implementação de programas educativos, compartilhando experiências sobre sua dedicação e liderança.
9. **Aurélia de Souza Santos** — colega de trabalho de Nazareno, que destacou sua atuação como coordenador pedagógico no departamento da zona rural e também sua amizade pessoal.
10. **Plábio Marcos Martins Desidério** — professor de Nazareno na graduação do programa de formação de professores na Universidade Federal do Tocantins, entre 2012 e 2015, que discutiu a interseção entre a espiritualidade de Nazareno e sua prática educacional; trouxe também aspectos dele como aluno e sacerdote, já que levava acadêmicos para conhecer as práticas religiosas de Nazareno como Pai de Santo no Centro Espírita.
11. **Roseane Costa** — amiga pessoal de Nazareno, que o conheceu quando ela era criança, no grupo de jovens da igreja católica nos anos de 1990; após um período fora da cidade, reencontrou Nazareno e manteve contato até seu falecimento.
12. **Rosalina Oliveira Aguiar** — mãe biológica de Nazareno, que compartilhou como ele era como filho e o amor que sente por ele.

Através dessas entrevistas, foi possível coletar uma ampla gama de relatos que ajudaram a reconstruir a trajetória de Nazareno, tanto na esfera religiosa quanto na profissional. Os depoimentos forneceram uma visão detalhada de como sua liderança na Umbanda e seu comprometimento com a educação impactaram profundamente as pessoas ao seu redor.

Os profissionais que trabalharam com ele forneceram relatos sobre sua atuação no campo educacional, enquanto os umbandistas compartilharam suas experiências e percepções sobre sua liderança espiritual. Cada entrevistado contribuiu com uma peça para a construção dessa pesquisa, permitindo criar uma narrativa que reflete tanto os eventos objetivos quanto as subjetividades envolvidas.

Primeiramente, selecionamos profissionais que trabalharam diretamente com ele. Essas pessoas compartilharam experiências cotidianas e profissionais, observando suas práticas pedagógicas, suas interações no ambiente de trabalho e sua postura enquanto educador. Essas memórias são fundamentais para entender sua influência e seu impacto no campo profissional, revelando aspectos de sua personalidade e ética de trabalho que marcaram sua trajetória como professor. O quadro 1 apresenta o detalhamento dessas informações.

Paralelamente, escolhemos umbandistas, filhos de santo e médiuns que tiveram contato ou convivência com Nazareno como Pai de Santo. Esses indivíduos vivenciaram de perto sua liderança espiritual, suas orientações e seu compromisso com a religião. Os relatos dessas memórias desses seguidores são vitais para compreender seu papel e legado na Umbanda, oferecendo uma visão detalhada de sua atuação como sacerdote umbandista.

Assim, esta pesquisa busca dar visibilidade a um líder espiritual cujas experiências de vida e ensinamentos impactaram aqueles que o conheceram e as comunidades às quais serviu. Para reconstruir essa história de vida e tornar esse trabalho uma realidade, utilizamos a História Oral. É uma metodologia de pesquisa que se baseia na coleta de depoimentos e memórias de indivíduos que vivenciaram ou testemunharam eventos históricos. Essa abordagem é fundamental para capturar experiências pessoais e perspectivas que muitas vezes não estão presentes em fontes documentais tradicionais.

Paul Thompson, um dos principais teóricos da História Oral, destaca: "A metodologia da História Oral envolve várias etapas, incluindo a preparação e condução de entrevistas, a transcrição dos depoimentos, e a análise e interpretação dos dados coletados." (Thompson, 2000, p. 25). Essa definição sublinha a importância de uma abordagem metódica e sistemática para garantir a profundidade das narrativas coletadas.

A metodologia da História Oral, conforme discutido por Paul Thompson, envolve várias etapas essenciais para a coleta e análise de dados. Desse modo, as entrevistas foram realizadas de forma cuidadosa, garantindo um ambiente seguro e confortável para os entrevistados, incentivando-os a compartilhar suas memórias e percepções de forma aberta e sincera. Outro aspecto importante da História Oral é que ela permite que as vozes das pessoas comuns, muitas vezes esquecidas pela historiografia ou pesquisas que priorizam os grandes eventos e personagens, sejam ouvidas, reconhecendo e valorizando suas contribuições para a História.

Michael Pollak (1989) destaca a complexidade e a importância da memória na construção da identidade individual e coletiva. Ele afirma que a memória é um campo de batalha, e é a partir dessa perspectiva que percebemos como muitos entrevistados buscaram dar suas versões sobre determinados eventos que envolveram Nazareno, chamando para si a

autoridade da narrativa por terem vivido mais próximo dele. Outras pessoas contactadas, por outro lado, recusaram-se a participar da pesquisa sob a justificativa de não quererem se envolver em "assuntos delicados". Tais assuntos estão ligados a questões pessoais que ora envolvem a religiosidade, ora envolvem relacionamento homoafetivo.

No primeiro caso, uma Mãe de Santo de Araguaína que busca levar o legado de Nazareno recusou-se a conceder entrevista para a pesquisa, justificando se tratar de um tema sensível devido a sua saída conturbada da casa. O segundo caso envolve o companheiro de Nazareno, que também declinou do convite para a entrevista, mas por motivos distintos. Ele argumentou que não poderia participar devido a questões judiciais, uma vez que está em processo na justiça para o reconhecimento de seus direitos como cônjuge de Nazareno, com quem manteve uma união estável¹. Dessa forma, percebe-se que, ainda que as recusas tenham sido justificadas de maneiras diferentes, ambas possuem relação direta com a trajetória pessoal de José Nazareno e com suas vertentes de maior questionamento social.

Vemos, dessa forma, que a memória não é apenas uma reconstrução do passado, mas também um instrumento de poder e legitimidade. As narrativas coletadas refletem a disputa por reconhecimento e a tentativa de estabelecer uma versão dominante dos eventos vividos. Essa dinâmica evidencia como a memória é seletiva e subjetiva, influenciada pelas relações pessoais e contextos sociais dos entrevistados. Ao mesmo tempo, a recusa de alguns em participar da pesquisa indica as tensões e sensibilidades envolvidas na rememoração de Nazareno, mostrando que a história oral não só recupera memórias, mas também revela os silêncios e ausências significativos na construção da história.

Adotamos também a noção de recordações-referências, conforme desenvolvida por Josso (2004), para compreender as experiências narradas por José Nazareno e seu processo de construção identitária. Esse conceito nos permite analisar como as memórias evocadas por ele não são meramente recordações de eventos passados, mas elementos estruturantes de sua identidade, fundamentais para dar coerência à sua trajetória de vida.

Segundo Josso (2004), as recordações-referências são memórias que, ao serem resgatadas e narradas, não apenas descrevem fatos vividos, mas os ressignificam, organizando-os em uma lógica narrativa que confere sentido ao percurso do sujeito. Dessa forma, ao rememorar sua formação e atuação como educador, Nazareno não apenas reconstrói seu

¹ Devido a situação delicada e por termos poucas falas sobre a orientação sexual de Nazareno o tema não será desenvolvido com profundidade nesse trabalho, mas faremos menção às suas relações afetivas quando se fizer pertinente ao recorte da pesquisa.

percurso individual, mas também insere suas experiências em um contexto mais amplo, dialogando com processos coletivos e históricos que marcaram sua trajetória.

A construção dessas memórias está diretamente relacionada ao pertencimento social e às interações do sujeito com seu meio, como argumenta Halbwachs (1990). Ele afirma que a memória individual é inseparável da memória coletiva. Assim, ao trazer suas recordações, Nazareno não apenas reafirma sua identidade como professor e líder religioso, mas também expressa os desafios e valores compartilhados pelos grupos dos quais fez parte. Nesse sentido, a abordagem das recordações-referências nos permite compreender como suas experiências subjetivas se entrelaçam com processos socioculturais mais amplos, tornando-se parte de uma memória coletiva que ultrapassa sua vivência individual.

Michael Pollak (1989) afirma que a memória "não é um simples armazém de recordações, mas um processo ativo de construção e reconstrução, de seletividade e significação, onde o esquecimento e o silêncio desempenham papel essencial" (Pollak, 1989, p. 204). Isso enfatiza que a memória é dinâmica e sujeita a influências e interpretações diversas. Portanto, ao selecionar pessoas que conviveram com ele tanto no âmbito profissional quanto espiritual, reconhecemos que suas memórias não são meros relatos de fatos, e isentas das relações vivenciadas, mas narrativas ativamente construídas e carregadas de significados pessoais. Essas narrativas, com suas lacunas e silêncios, são essenciais para capturar a complexidade que é reconstruir uma história de vida pela História Oral, permitindo-nos compreender como ele é lembrado e interpretado por diferentes indivíduos em contextos variados.

Portelli vem afirmar que “a memória é um processo ativo de criação de significado. Não é apenas a reprodução passiva do passado, mas sim a construção de narrativas que fazem sentido no presente” (Portelli, 1997, p. 15). Dessa forma, acessar as memórias por meio do relato torna-se importante para perceber a dinamicidade da memória. Ao investigar a história de vida do professor e Pai de Santo José Nazareno, a análise das narrativas não deve ser limitada à mera reprodução de eventos passados, mas sim reconhecendo a ativa construção de significado que ocorre durante o processo de relato dos diversos entrevistados. Desse modo, os dois autores mostram a dinamicidade da memória e como ela é moldada pelo presente e pelos contextos sociais, políticos e culturais.

Essas perspectivas sublinham a importância de considerar não apenas o que é lembrado, mas também como e por que essas memórias são compartilhadas, influenciando a compreensão coletiva e individual de figuras como José Nazareno. Portanto, ao explorar as lembranças dos entrevistados sobre Nazareno, foi fundamental considerar não apenas os eventos narrados em

si, mas também como essas lembranças são influenciadas pelo momento da entrevista, pelas relações que cada participante tinha com Nazareno, pelas perspectivas educacionais ou religiosas de cada um dos entrevistados, dentre outros fatores que auxiliaram na análise e na reflexão da dinamicidade intrínseca da memória. Ressaltamos que esta pesquisa se configura como um espaço de reflexão e valorização da memória sobre José Nazareno, mas, ao mesmo tempo, representa, de alguma forma, minha própria trajetória de dedicação à pesquisa, de estudante, de professor e de umbandista.

Na dissertação que se segue, buscamos reconstruir e analisar a memória de José Nazareno Oliveira de Aguiar, explorando diferentes facetas de sua trajetória como educador, líder religioso e figura significativa no contexto cultural afro-religioso. O trabalho está organizado em capítulos que abordam aspectos teóricos, metodológicos e biográficos dessa memória.

O Capítulo 1, intitulado “Caminhos Metodológicos e Fundamentação Teórica”, discute a metodologia adotada para a pesquisa, com ênfase na História Oral e na Pesquisa Documental. São apresentados os conceitos fundamentais de autores como Paulo de Salles Oliveira, Paul Thompson e José Carlos Sebe Bom Meihy, que orientam a coleta e análise dos dados. O capítulo detalha ainda os caminhos conceituais e teóricos que trilhamos. Assim, a partir de conceitos como memória, território e identidade, analisamos as memórias sobre e de José Nazareno com base em Maurice Halbwachs, Michel Pollak, Rogério Haesbaert e Stuart Hall.

O Capítulo 2 é dedicado à biografia de José Nazareno: “José Nazareno: Do Estudante ao Professor”. Este capítulo é subdividido em várias seções, começando com “O Contexto Familiar de Nazareno”, que explora suas origens e influências familiares. Em “Entre Ida e Vinda”, é abordada sua trajetória de vida, incluindo suas idas e vindas ao longo do tempo e como isso contribuiu para a construção de suas identidades. Em “Nazareno, o Educador”, discutimos sua atuação como professor e a importância de sua contribuição à educação. O capítulo também aborda a relação de Nazareno com a política araguainense em “Da Educação à Política” e, por fim, o texto explora sua formação acadêmica e o impacto de sua experiência universitária em “Nazareno, o Acadêmico”.

O Capítulo 3, intitulado “Nazareno, Pai de Santo: entre territorialização e desterritorialização”, examina a faceta religiosa de Nazareno, com um enfoque em sua atuação como líder espiritual no terreiro de Umbanda. Este capítulo investiga a dinâmica de territorialização do terreiro enquanto espaço de resistência cultural e espiritual, além de analisar a importância de Nazareno como Pai de Santo para seus filhos e filhas de santo. Também é

discutido o luto e a desterritorialização do terreiro a partir de sua destruição após sua morte, refletindo sobre os impactos dessa perda para a comunidade religiosa e para a memória coletiva.

Por fim, a Conclusão sintetiza os achados e análises da pesquisa, destacando as contribuições de Nazareno ao campo educacional e religioso e a importância de sua memória na construção de uma identidade coletiva e cultural afro-brasileira.

1 CAMINHOS METODOLÓGICOS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo teórico e metodológico, busca-se ressaltar a importância da metodologia nas Ciências Humanas, inspirando-se nas reflexões de Paulo de Salles Oliveira, em *Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas* (1999). Para o autor, o método não se resume a um conjunto de técnicas, mas constitui um caminho fundamentado em princípios que orientam o pesquisador na interpretação coerente e criteriosa das questões sociais. Dessa forma, a metodologia assegura que a pesquisa alcance seu objetivo geral, que, neste trabalho, consiste em reconstruir a memória de José Nazareno.

Para atingir nosso objetivo, empregamos a História Oral, que permitiu captar as memórias e perspectivas pessoais dos entrevistados, e a Pesquisa Documental, essencial para complementar e contextualizar os relatos orais com registros e documentos. Essa abordagem possibilita que a pesquisa não só reconstitua, mas também valorize e preserve as memórias individuais e coletivas sobre José Nazareno, abordando tanto sua história quanto as memórias sobre ela.

A metodologia da História Oral tem sido amplamente desenvolvida por vários estudiosos ao longo das décadas, destacando-se nomes como Paul Richard Thompson, Alessandro Aurelio Portelli e José Carlos Sebe Bom Meihy, cujas obras são fundamentais para a compreensão e aplicação dessa abordagem. Paul Thompson é um dos pioneiros da História Oral. Em sua obra *A Voz do Passado: História Oral* (1992), ele explora as vantagens e desafios da História Oral, discutindo técnicas de entrevista, análise de dados e a importância de preservar as vozes daqueles que vivenciaram eventos históricos. Seu trabalho legitima a História Oral como uma metodologia científica respeitável e proporciona uma base sólida para pesquisadores interessados em capturar e analisar memórias pessoais.

Alessandro Portelli, outro proeminente autor no campo, enfatiza a importância das narrativas pessoais em sua obra *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: forma e significado na história oral* (2010). Ele argumenta que a História Oral vai além da simples coleta de fatos,

sendo uma investigação sobre como os eventos são lembrados e interpretados pelos entrevistados. Destaca a subjetividade e a memória coletiva como elementos essenciais para uma compreensão histórica mais rica e diversificada.

No contexto brasileiro, José Carlos Sebe Bom Meihy desponta como uma referência central no campo da História Oral, especialmente com sua obra *Manual de História Oral* (2005). Meihy propõe uma metodologia prática e teórica para o uso da História Oral como ferramenta de pesquisa histórica, ressaltando que as entrevistas e os relatos orais são essenciais para resgatar e preservar a memória de indivíduos e comunidades frequentemente excluídos da narrativa oficial. Segundo Meihy, “a história oral permite a recuperação da memória daqueles que foram silenciados pelas estruturas de poder, possibilitando uma reescrita da história a partir de baixo” (Meihy, 2005, p. 67). Ele ainda destaca a importância da inclusão de vozes marginalizadas na construção historiográfica. Suas diretrizes metodológicas oferecem um roteiro claro para a condução de entrevistas, registro e análise das memórias, contribuindo significativamente para o campo da História Oral no Brasil.

As contribuições desses autores, assim como de outros, foram observadas na reconstrução da memória de José Nazareno Oliveira de Aguiar, a partir das entrevistas com pessoas que conviveram com ele. As pessoas inicialmente foram escolhidas pela proximidade que tínhamos com elas e pelo conhecimento de suas relações com Nazareno. Depois, a partir da técnica “bola de neve”, fomos sendo levados e apresentados a pessoas que não conhecíamos. A técnica de amostragem bola de neve foi utilizada nesta pesquisa como estratégia para alcançar interlocutores que tiveram contato direto com José Nazareno. Esse método, amplamente empregado em pesquisas qualitativas, consiste em identificar um primeiro participante relevante para o estudo que, por sua vez, indica outros indivíduos que possam contribuir com informações significativas. Esse processo se repete sucessivamente, ampliando a rede de entrevistados de forma gradual. No contexto desta dissertação, a técnica foi essencial para acessar pessoas que conviveram com Nazareno em diferentes momentos de sua vida, permitindo a construção de um panorama mais amplo e diversificado sobre o Nazareno professor, filho, umbandista ou amigo. Assim, vimos nas entrevistas muitos matizes de uma mesma pessoa e como cada entrevistado mobilizava determinados sentimentos para lembrar dele.

Maria Júlia, por exemplo, descreveu Nazareno como uma “figura paternal, rígido, mas carinhoso”, ressaltando sua dedicação à espiritualidade e sua liderança no terreiro. Ela também mencionou com pesar que, após a morte de Nazareno, em 21 de abril de 2021, o terreiro foi destruído, restando apenas algumas paredes em ruínas e vestígios da antiga construção. No

espaço onde antes ocorriam as giras, hoje predominam o mato e a degradação. Os lotes que compunham o terreiro encontram-se abandonados e há uma placa de venda no local. Quanto às imagens e objetos sagrados, parte foi distribuída entre os filhos de santo, enquanto outros foram descartados num matagal próximo. O ocorrido trouxe grande tristeza e frustração: “Nazareno faleceu devido a complicações de saúde agravadas por uma diabetes severa. Após sua morte, o terreiro (...) foi destruído e suas imagens e objetos sagrados foram descartados” (Maria Júlia Rocha dos Santos, entrevista realizada em 10 de maio de 2024). Sobre a destruição do terreiro de Nazareno, abordaremos com mais detalhes no Capítulo 3.

Raimundo Filho, outro entrevistado, relembra que Nazareno “acolhia a todos, sem distinção”, e que ele era “uma pessoa excelente para ensinar e aconselhar, tanto pessoalmente quanto espiritualmente”. Ele também relatou com saudade a experiência de convivência com Nazareno, que era próximo de sua família: “Ele era nosso vizinho também... a convivência do dia a dia, os conselhos, as conversas, a amizade pessoal faz muita falta” (Raimundo Filho de Sousa, entrevista realizada em 29 de maio de 2024). Raimundo foi uma das pessoas entrevistadas que mais contribuiu na descrição das cerimônias realizadas no terreiro, como a festa de São Cosme e São Damião e os trabalhos de caboclos, destacando a importância do caboclo Tupinambá, como veremos mais adiante.

Lucélia, outra entrevistada, também ofereceu um relato emocionado sobre a presença de Nazareno em sua vida. Ela mencionou que Nazareno era alguém sempre disposto a ajudar e aconselhar: “Ele sempre me dava muitos conselhos... às vezes eu chegava lá agoniada, e ele sentava comigo e conversava até eu me sentir melhor” (Lucélia da Silva Costa, entrevista realizada em 19 de março de 2024). Ela reforça o impacto positivo que ele teve em sua vida e destaca a tristeza que sentiu ao ver o fim do terreiro: “Foi muito triste ver o que aconteceu com o terreiro dele depois que ele faleceu. Destruíram tudo, e a memória dele ficou muito abalada” (Lucélia da Silva Costa, entrevista realizada em 19 de março de 2024).

Além das memórias como dirigente umbandista, Nazareno foi lembrado pela intersecção que havia entre suas identidades como professor, aluno e Pai de Santo. Plábio destacou a capacidade de Nazareno em separar a vida religiosa da atuação acadêmica: “Ele nunca falou da religião dele assim na sala de aula... ele separava muito bem: aqui eu sou aluno, não sou nem diretor, nem Pai de Santo” (Plábio Marcos Martins Desidério, entrevista realizada em 17 de maio de 2024). Plábio também mencionou a paciência de Nazareno em ensinar sobre as religiões afro-brasileiras, talvez vinda de sua experiência pedagógica: “Ele tinha uma paciência de pegar pessoas que vão pela primeira vez e ser didático, mostrando a importância

do respeito à religião afro” (Plábio Marcos Martins Desidério, entrevista realizada em 17 de maio de 2024).

Esses relatos ilustram como, a partir da metodologia da História Oral, podemos ter acesso às memórias que detalham a história de vida de alguém, e como essas memórias carregam sentimentos positivos e negativos a partir das histórias ali reconstruídas. Foi com a contribuição dessa metodologia que vimos uma forma de preservação da memória e da passagem de José Nazareno pela cidade de Araguaína. Através das entrevistas, foi possível recuperar não apenas a história de sua vida, mas também o impacto que ela teve nas pessoas ao seu redor, tanto no âmbito religioso quanto educacional.

Seguindo as diretrizes propostas por Meihy (2005), nos empenhamos em ouvir e registrar as vozes das pessoas que quiseram contar sobre suas relações com Nazareno. Isso possibilitou que, de certa forma, ampliássemos a compreensão sobre a história de Araguaína ao incluir perspectivas pessoais e subjetivas de sujeitos muitas vezes silenciados pelos grandes fatos e, desse modo, ajudamos a enriquecer o campo historiográfico regional com uma perspectiva mais diversa e inclusiva.

Os autores citados estabeleceram as bases teóricas e metodológicas da História Oral, as quais procuramos seguir nesse trabalho, demonstrando sua aplicabilidade e importância na construção de narrativas históricas detalhadas e diversificadas. Assim, nos valem da História Oral para atingirmos o objetivo dessa pesquisa, mas também como aporte para nosso compromisso com a memória e a história de um indivíduo que possui uma representatividade, em particular para mim, e, de modo geral, para outras pessoas que têm a Umbanda como religião na cidade de Araguaína. Para Michael Pollak (1989):

“A História Oral, ao privilegiar os excluídos, reabilita a periferia e a marginalidade, contrastando com abordagens anteriores que enfatizavam a memória coletiva nacional. As memórias subterrâneas, embora muitas vezes silenciadas, emergem em momentos de crise, desafiando e competindo com as narrativas dominantes” (Pollak, 1989, p. 05).

Nossa pesquisa adentra um terreno culturalmente fértil, mas não necessariamente harmônico, ainda mais quando se trata de falar sobre a memória de outra pessoa. A pesquisa acabou encontrando conflitos e uma competição por quem teria o direito e legitimidade de falar sobre a vida de Nazareno. Diferentes memórias e reivindicações surgiram durante o trabalho de campo.

Antes de falarmos sobre as pessoas entrevistadas, convém pontuar que buscamos envolver outros sujeitos indicados pelos entrevistados como amigos ou conhecidos de

Nazareno. No entanto, ao entrar em contato e explicar o propósito da pesquisa, que visa reconstruir sua história por meio das memórias dessas pessoas, deparei-me com recusas diversas ou, simplesmente, com a ausência de respostas às tentativas de contato. Essa situação ilustra a complexidade e os desafios inerentes à pesquisa sobre memória, mas também sobre esquecimento ou silenciamento. Como Pollak (1989) argumenta em sua obra sobre memória e silêncio, o processo de lembrar e esquecer está intrinsecamente ligado às dinâmicas sociais e individuais. Ou seja, no caso aqui pesquisado, vemos como os afetos ou conflitos internos entre os membros do terreiro ou mesmo familiares vão orientar as histórias e interpretações sobre determinados fatos da vida de Nazareno.

A recusa em compartilhar memórias, ou o silêncio diante do convite para participar da pesquisa, refletem não apenas barreiras individuais, mas também contextos sociais, emocionais ou conflituosos que influenciam a disposição das pessoas em participar de tal empreendimento.

Portanto, percebemos essas não-narrativas como espaços de silêncio e ausência que também contêm significados relevantes para a compreensão da vida e da memória de Nazareno. Ao todo, entrevistamos 12 (doze) pessoas, são elas:

1. Aurélia de Souza Santos
2. Brás Alves de Noleto
3. Grazielle Formiga da Silva
4. Jacinta Ribeiro Lopes
5. Lucélia da Silva Costa
6. Maria Alves da Silva
7. Maria Júlia Rocha dos Santos
8. Plábio Marcos Martins Desidério
9. Raimundo Filho de Sousa
10. Roseana Costa
11. Rosalina Oliveira Aguiar
12. Silva Ribeiro da Silva

No total, foram gravados 5 (cinco) horas e 6 (seis) minutos de áudios, que posteriormente foram transcritos e minuciosamente analisados para fornecer os elementos necessários à pesquisa. O processo de entrevistas teve início com a seleção dos participantes em colaboração com minha orientadora, seguido pelo agendamento individual, por mensagens via WhatsApp ou chamadas telefônicas. Após a definição do dia e horário por parte dos

entrevistados, dirigi-me às suas residências. Alguns residem em Araguaína, outros em cidades próximas e outros moram em chácaras.

A seguir, apresenta-se o quadro 1, com detalhamento contendo todas as informações do processo, incluindo os nomes dos entrevistados, a duração das entrevistas, os locais onde foram realizadas, o número total de entrevistas e as datas de realização. Esse quadro é fundamental para fornecer uma visão clara e concisa da pesquisa, permitindo que os leitores compreendam a diversidade dos entrevistados e, a partir de que lugar, cada um fala sobre sua experiência com Nazareno.

Quadro 1 – Dados das entrevistas

Nome	Categoria	Local	Duração	Quantidade	Data
Lucélia	Umbandista	Residência em Bielândia ²	38 minutos	(01) uma	Terça-feira 19/03/2024
Maria	Educação	Residência No bairro Jardim dos Ipês II	23 minutos	(01) uma	Quarta-feira 20/03/2024
Jacinta	Educação	Local de trabalho Bairro Neblina	15 minutos	(01) uma	Sexta-feira 22/03/2024
Brás	Educação	Local de trabalho Setor Araguaína Sul	07 minutos	(01) uma	Terça-feira 30/04/2024
Aurélia	Educação	Rota de trabalho Vila Ribeiro	07 minutos	(01) uma	Terça-feira 30/04/2024
Silvia/ Grazy	Umbandista	Residência Setor Itaipu	02 horas	(01) uma	Quinta-feira 04/05/2023
Julia	Umbandista	Chácara As margens da BR-153 sentido Wanderlândia-TO	55 minutos	(01) uma	Sexta-feira 10/05/2024
Plábio	Educação	UFNT Setor cimba	17 minutos	(01) uma	Sexta-feira 17/05/2024

² Lucélia morava em Araguaína quando Nazareno era vivo. Depois, por questões de emprego, se mudou algumas vezes. Na data da entrevista Lucélia residia em Bielândia. Atualmente está de volta a Araguaína.

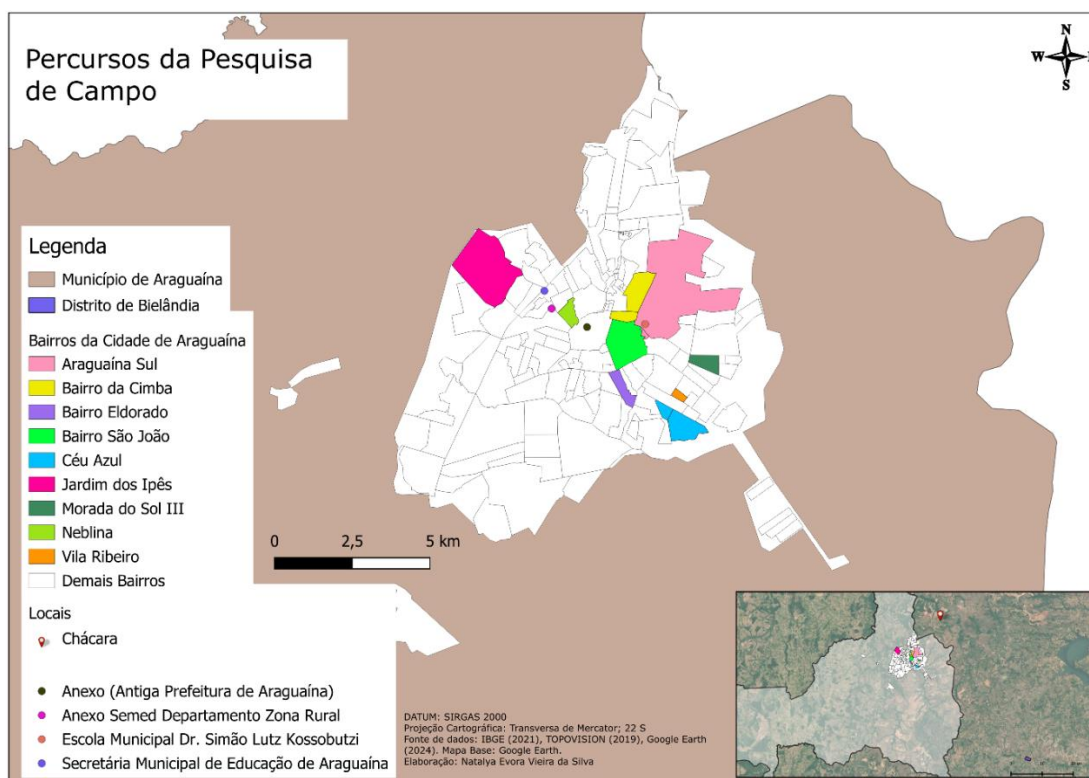
Roseane	Amiga pessoal	Residência Bairro São João	39 minutos	(01) uma	Sexta-feira 17/05/2024
Rosalina	Mãe biológica	Residência Setor Eldorado	1 hora 15 minutos	(02) duas	Quarta-feira 22/05/2024 - Segunda-feira 27/05/2024
Raimundo Filho	Umbandista	Residência Setor Araguaína Sul	40 minutos	(01) uma	Quarta-feira 29/05/2024

Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda no quadro, buscamos categorizar os entrevistados a partir da relação que estes tinham com Nazareno. O termo **“categoria”** foi utilizado para classificar os entrevistados com base em suas relações com José Nazareno. Essa categorização é importante, pois revela a complexidade das interações que ele teve em diferentes esferas de sua vida, como a religião e a educação. Ao agrupar os entrevistados em categorias como **“Umbandista”**, **“Educação”** e **“Amiga pessoal”**, podemos analisar mais eficazmente como cada grupo contribui para a construção da memória e da identidade de Nazareno. Essa diversidade de experiências e histórias nos ajuda a entender as múltiplas dimensões de sua vida e a intersecção entre suas práticas espirituais e seu papel como educador.

Complementarmente, foi necessário percorrer diferentes territórios para alcançar esses sujeitos de memória, cujos vínculos com Nazareno atravessam espaços diversos da cidade e da região. A coleta dos relatos implicou deslocamentos por bairros centrais e periféricos de Araguaína, assim como por chácaras na zona rural e localidades em municípios vizinhos. Esses percursos evidenciam não apenas a dispersão espacial das lembranças sobre José Nazareno, mas também a amplitude de sua presença simbólica e afetiva em diferentes contextos.

A seguir, o mapa 1 apresenta os locais visitados durante o trabalho de campo, oferecendo uma dimensão espacial aos trajetos percorridos na busca por memórias e narrativas sobre sua vida e atuação.

Figura 1 – Mapa do Percursos da Pesquisa

Fonte: Elaborado por Natália Evora Vieira da Silva, 2024

Além das entrevistas realizadas em bairros, chácaras e no distrito de Bielândia, pertencente ao município de Filadélfia, Tocantins, a pesquisa também exigiu visitas a instituições públicas onde busquei documentos físicos que pudessem contribuir para a reconstrução da memória de José Nazareno. Estive na Prefeitura de Araguaína, especificamente no Departamento de Recursos Humanos e no Departamento de Ensino da Zona Rural, onde procurei registros funcionais e históricos relacionados à sua atuação como professor. Também realizei consultas na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), na tentativa de localizar documentos oficiais, arquivos e outros vestígios administrativos que ajudassem a compreender sua trajetória educacional dentro da rede pública do município. Esses deslocamentos demonstram o esforço em articular fontes orais e documentais para a construção desta dissertação.

Assim, podemos observar que há pessoas que fazem parte do seu universo religioso, outras que pertencem ao campo educacional e outras que compõem sua vida mais íntima, como mãe, irmã e amigas. Essa diversidade, como veremos nos capítulos seguintes, foi fundamental para compreendermos ao menos três áreas de atuação de Nazareno: a educação, a religião e, de forma mais tangencial, sua vida afetiva. Os relatos dos entrevistados não apenas revelam

aspectos singulares da vida de Nazareno, mas também evidenciam a interseção entre sua prática espiritual e educacional.

Ao analisar as memórias dos entrevistados sobre Nazareno, é fundamental reconhecer a dinamicidade da memória coletiva, conforme destacado por Michael Pollak: “As memórias individuais são moldadas e influenciadas pelo contexto social e cultural em que estão inseridas” (Pollak, 1989, p. 5). E, como salientado por Pierre Bourdieu (2000), as histórias de vida não são meramente relatos individuais, mas reflexos das estruturas sociais mais amplas que moldam as experiências pessoais.

Nesse sentido, Dosse (2019) argumenta que “escrever a vida é um horizonte inacessível, que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender” (p. 11). Isso reforça a ideia de que a reconstrução da memória não se dá de forma linear ou objetiva, mas por meio de fragmentos e interpretações que emergem no processo de rememoração e narração. No caso aqui estudado, o desejo ora é dos entrevistados, ora é do pesquisador. Bourdieu (2000) complementa essa discussão ao afirmar que as trajetórias individuais são influenciadas pelas disposições e pelos campos sociais em que os sujeitos estão imersos. Dessa forma, compreender a vida de Nazareno exige uma análise que vá além do indivíduo, inserindo-o no contexto mais amplo de sua comunidade religiosa e das dinâmicas sociais envolvidas, como o universo da educação. Assim, ao analisarmos as narrativas dos entrevistados sobre Nazareno, não consideramos apenas os eventos passados em si, mas também como essas memórias são influenciadas pelo momento da entrevista, pelas perspectivas individuais dos entrevistados, por seus desejos de narrar e se conectar com a história de Nazareno — ou seja, as entrevistas refletem, portanto, a natureza dinâmica da memória coletiva.

Nas entrevistas, analisamos não somente o dito, mas também o silenciado e o esquecido. Pollak (1989) mostra que o esquecimento e o silêncio não são necessariamente negativos, podendo ser compreendidos como mecanismos de defesa ou formas de lidar com traumas e conflitos passados. Ele destaca a importância de reconhecer e confrontar os silêncios e esquecimentos na construção da história, a fim de promover uma compreensão mais completa e inclusiva do passado.

A História Oral, nesta pesquisa, justifica-se por ser uma metodologia fundamental para captar as memórias e os silêncios daqueles que vivenciaram eventos e trajetórias muitas vezes negligenciadas pela história oficial. Segundo Pollak (1989, p. 6), “o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa, antes de mais nada, encontrar uma escuta”. O ato de lembrar e esquecer é uma escolha que revela tanto os conflitos internos quanto as tensões sociais. Na prática da História Oral, o que os entrevistados optam

por lembrar e por esquecer ao compartilhar suas memórias não apenas ilumina aspectos do passado, mas também revela as dinâmicas de poder e resistência que moldam essas narrativas. No caso de Nazareno, essa metodologia foi essencial para entender como os entrevistados decidiram o que contar e o que silenciar sobre sua trajetória como Pai de Santo e professor.

Durante as entrevistas, ficou evidente que algumas memórias foram cuidadosamente selecionadas, enquanto outras foram omitidas, talvez por serem dolorosas ou por envolverem conflitos ainda presentes na memória coletiva da comunidade. Percebemos esses esquecimentos ou seleções pelo fato de que alguns entrevistados ressaltavam determinado acontecimento, enquanto outros não, mesmo sabendo que estavam presentes ou envolvidos. Um exemplo dessa escolha entre lembrar e esquecer pode ser observado nas falas de Silvia, irmã de criação de Nazareno. Ela compartilhou memórias da convivência com ele e revelou os desafios que enfrentou, especialmente em relação à aceitação de sua sexualidade dentro da própria família e da comunidade religiosa: “O Nazareno já tinha os problemas dele porque muita gente não o aceitava, com a vida dele, com a sexualidade dele. A família dele criticava muito” (Silvia Ribeiro da Silva, entrevista realizada em 4 de maio de 2024). Ela foi uma das poucas pessoas a tocar no assunto, embora se saiba que todos sabiam sobre Nazareno e seu companheiro.

Silvia escolheu lembrar dos momentos em que Nazareno foi desrespeitado e enfrentou rejeições, mas também silenciou aspectos que poderiam intensificar esses conflitos, sugerindo um cuidado ao relatar os fatos. Os entrevistados, ao compartilharem suas memórias, optaram por destacar aspectos que engrandecem Nazareno como líder espiritual e professor, mas também escolheram esquecer ou minimizar as tensões e os desafios que ele enfrentou. Sobre a memória de dirigentes que faleceram, Sariza Oliveira Caetano Venâncio e Mundicarmo Ferretti (2013), no artigo “Os antigos que trabalhavam perfeitamente morreram”: a memória da Umbanda em Araguaína (TO), observaram que:

(...) o que chamou nossa atenção foi o fato de que todos são lembrados por seus ‘bons trabalhos’, ‘por trabalharem bem’. Essas afirmativas podem ter uma multiplicidade de compreensões: podem se referir ora ao fato de uma gira ter início, meio e fim, ora a outro tipo de organização ritual, mas coerente para o dirigente que assiste, ora ao fato de um trabalho, uma cura ou outra atividade ser realizada com êxito, e ora ao universo binário cristão (bem/mal), sendo um ‘bom trabalho’ uma oposição aos trabalhos de ‘magia negra’. Independente do significado desse passado para cada narrador, as memórias selecionadas, para ser transmitidas ao público externo aos terreiros, são sempre positivas. Como veremos, os problemas enfrentados e os desafios vividos ficaram para ser narrados sobre a vida dos que ainda estão vivos. Os problemas parecem ser encarados como atribulações a ser superadas para haver purificação espiritual desses dirigentes. No caso dos que já morreram, a morte parece cumprir essa tarefa purificadora. (Venâncio; Ferretti, 2013, p. 82-83).

Veremos nos capítulos seguintes como muitas das memórias narradas pelos entrevistados buscaram apresentar o que poderíamos chamar de ‘a melhor versão’ de Nazareno. Ou seja, todos falam de seu legado enquanto bom professor, bom filho, bom amigo, bom aluno, bom dirigente e umbandista. Contudo, são silenciados quaisquer conflitos, atos ou lembranças que possam desabonar sua memória. Esse silêncio não reflete a ausência de problemas, visto que estes foram expostos quando algumas pessoas recusaram entrevistas.

Mesmo Silvia mencionando o desrespeito de membros da comunidade religiosa, evitou aprofundar certos detalhes, revelando o que Pollak (1989) identifica como “silêncios protetores”, que podem ser formas de lidar com traumas e conflitos passados. Ao longo do processo, ficou claro que as memórias sobre Nazareno não são registros objetivos de eventos, mas moldadas pelas subjetividades dos entrevistados e por suas escolhas de lembrar ou esquecer certos aspectos de sua convivência com ele. Essas decisões revelam o que é valorizado, mas também o que ainda causa desconforto ou dor. Nesse sentido, a História Oral permitiu uma escuta ativa dessas vozes, criando espaço para as narrativas compartilhadas e para os silêncios carregados de significado.

Juntamente com a metodologia da História Oral, utilizamos também a Pesquisa Documental. Inicialmente, essa não era nossa intenção, mas o trabalho de campo nos trouxe documentações que acreditamos enriquecer a pesquisa e preencher algumas lacunas das narrativas. A pesquisa documental fornece dados objetivos e cronológicos, como certidões, registros e documentos oficiais que fundamentam a história da vida pessoal, educacional e religiosa de Nazareno. Documentos como a certidão de posse de Nazareno como professor no município de Araguaína, de 1995, assim como os registros ligados ao seu terreiro — ata de fundação de 2012 e termo de nomeação como delegado regional da Federação Espírita do Brasil no mesmo ano — ajudam a contextualizar sua atuação em diferentes esferas, enquanto os relatos orais revelam as experiências vividas e os significados atribuídos por aqueles que o conheceram. De acordo com Cellard, citado por Sá-Silva et al. (2009):

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é evidentemente insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele representa a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (Cellard, 2008, p. 295 *apud* Sá-Silva et al., 2009, p. 02).

É certo que a referência de distância temporal varia conforme as situações, e no caso aqui estudado, só as entrevistas já seriam suficientes para compreendermos a história de vida

de Nazareno. Contudo, acreditamos que trazer os documentos é uma forma de registrar e manter um acervo sobre a vida dele, assim como sobre uma época no norte do Tocantins. Contudo, a pesquisa documental enfrenta desafios específicos no Brasil, como apontado por Edson de Almeida Bacellar (2005):

(...) os arquivos brasileiros enfrentam sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, instalações adequadas e de recursos. Geralmente não prioritários aos olhos governamentais, foram durante muito tempo tratados como instituições de segunda categoria, verdadeiros depósitos de papeis velhos e de funcionários problemáticos. Mesmo na iniciativa privada, ainda hoje, é muito comum denominar os serviços de arquivo como “arquivo morto”, como que ignorando a preciosidade de muitos dos documentos ali esquecidos. (Bacellar, 2005, p. 49).

Esses obstáculos tornaram a reconstituição da trajetória de Nazareno mais complexa, visto que muitos registros administrativos dos locais onde atuou são incompletos ou inexistentes, prejudicando a continuidade da pesquisa sobre sua carreira profissional. O autor destaca que cabe ao pesquisador superar as barreiras burocráticas e a ausência de informações organizadas nos arquivos públicos (Bacellar, 2005, p. 46). Para reconstruir o percurso profissional de Nazareno, tive que buscar informações complementares em alguns órgãos públicos pelos quais ele passou. Vale pontuar que minha inserção no meio educacional, como servidor concursado na rede municipal de ensino de Araguaína há muitos anos, possibilitou maior acesso à documentação e a pessoas que detinham informações específicas.

O primeiro passo para acessar os arquivos foi solicitar autorização à Secretaria Municipal de Educação de Araguaína (SEMED). Agendei uma reunião com a secretária, que me recebeu em 8 de maio de 2024. Durante o encontro, expliquei o objetivo da pesquisa sobre o servidor José Nazareno. A secretária solicitou alguns documentos, como o Parecer do Conselho de Ética e Pesquisa, além de ofício e carta de anuência para a visita e o acesso a documentos nas escolas municipais onde Nazareno trabalhou.

Após as autorizações, iniciei as pesquisas documentais. Primeiro, fui ao departamento denominado Zona Rural, anexo da SEMED responsável pelas escolas dessa área, onde Nazareno foi lotado como servidor efetivo. Trabalhou como professor pedagogo nas séries iniciais do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e como um dos coordenadores responsáveis pela supervisão dessas escolas ao longo de sua carreira na rede municipal.

Durante a pesquisa, encontrei um arquivo físico com documentos como faturas de energia, RG, CPF e um dossiê atualizado com informações pessoais do servidor. No entanto, não localizei documentos relevantes sobre sua vida profissional, como data de posse ou as escolas onde esteve lotado.

Com a necessidade de obter mais informações, visitei o departamento de inspeção pedagógica da SEMED. A diretora do departamento informou que o dossiê estaria disponível na Escola Municipal Dr. Simão Lutz Kossobutzki, no Bairro Araguaína Sul. Após contato com a secretaria escolar, tive acesso ao dossiê com as informações e documentos que buscava para a pesquisa documental sobre sua carreira educacional.

Mantive contato também com o Conselho Municipal de Educação, onde analisei atas em busca de informações sobre Nazareno. Pesquisei no setor de Recursos Humanos da SEMED, examinando livros de ponto e outros arquivos referentes ao período de sua atuação na educação. Todo esse material contribuiu para a elaboração do Capítulo 2 desta dissertação.

De acordo com Sá-Silva et al. (2009), "é primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado" (p. 8). Assim, neste trabalho abordaremos a história de Araguaína com enfoque nos períodos em que Nazareno foi professor e Pai de Santo. Essa abordagem amplia a compreensão sobre a vida dele e sobre a região, destacando as relações construídas e mantidas, seja como educador ou como líder religioso.

Para analisar os dados coletados, utilizamos referenciais teóricos fundamentais para as discussões sobre memória, identidade e territorialidade. Dialogamos com autores como Maurice Halbwachs (2003), Michael Pollak (1989), Stuart Hall (2016), Pierre Bourdieu (2000, 2007, 2008) e Rogério Haesbaert (2019, 2004). Esses autores oferecem ferramentas essenciais para compreender como a memória coletiva e individual de figuras como Nazareno é construída, moldada e reinterpretada ao longo do tempo.

Ao investigar as memórias formadas a partir da presença e ausência (morte) de Nazareno na relação com seus interlocutores, esta pesquisa evidenciou como ele se tornou um símbolo de resistência e reafirmação de elementos identitários e territoriais essenciais à memória coletiva dos entrevistados. Esse processo revelou também como as memórias foram reconstruídas por diferentes personagens de diferentes pertencimentos. São as entrevistas e as memórias que emergiram delas que possibilitam uma análise interdisciplinar, cruzando conceitos como memória, identidade, cultura e território.

Maurice Halbwachs (2003), em sua obra sobre memória coletiva, oferece uma teoria fundamental para compreender como a memória não é fenômeno apenas individual, mas se constrói e transmite dentro de um contexto social. Segundo ele:

(...) a memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (Halbwachs, 2003, p.53 e 54)

Neste trabalho, esse conceito é utilizado para a memória coletiva sobre a vida de Nazareno, especialmente dentro da comunidade umbandista e educacional de Araguaína. É um exemplo de como o processo social de construção da memória ocorre no compartilhamento de experiências comuns por sujeitos em contextos específicos.

Assim, entendemos que os relatos dos praticantes de Umbanda que foram filhos de santo, frequentadores do terreiro, bem como seus colegas da educação, não são retratos fiéis do passado, como nenhuma história o é. São recortes do que se lembra no coletivo e no campo individual, e do que se escolhe esquecer. Para Halbwachs, a memória coletiva seleciona o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido; este último é tão importante quanto o primeiro (2003, p. 71).

Percebemos na pesquisa que a memória enfatiza aspectos importantes que transmitem um Nazareno como símbolo da resistência cultural afro-brasileira para esses sujeitos. A memória dele não é apenas recordação pessoal, mas representação do que significava para essas comunidades: líder espiritual que personificava a luta pela manutenção da identidade e prática da Umbanda em Araguaína, e professor engajado na formação de seus estudantes e na qualidade da educação local.

Apesar dos relatos individuais sobre as relações pessoais com Nazareno, a memória do indivíduo ou grupo ganha significado e continuidade no coletivo (Halbwachs, 2003). Meihy (2005) afirma que memórias individuais são constitutivas da memória coletiva e histórica, importantes para a transmissão de conhecimentos e valores. Portanto, as memórias aqui não são dados simples, mas elementos fundamentais para reconstruir a história de uma liderança cujas práticas transcendem o âmbito pessoal, representando a resistência e identidade comunitária.

Esse processo é essencial para preservar práticas culturais, como as defendidas por Nazareno. Ele não é lembrado apenas como indivíduo, mas como parte de um todo social e cultural mantido vivo por quem continua a praticar e ensinar o que aprendeu. A memória coletiva dele é reflexo de uma cultura e identidade atravessando o tempo, constantemente reafirmadas e reatualizadas por aqueles que se reconhecem nessa herança cultural, seja no campo afro-religioso ou educacional.

Portanto, ao aplicar o conceito de memória coletiva de Halbwachs aos relatos dos entrevistados sobre Nazareno, entende-se que a memória sobre ele não se perde com a sua morte, mas é continuamente ressignificada pelos membros da comunidade umbandista e da educação, garantindo que suas práticas, valores e identidade sejam transmitidos para as novas gerações ou perpetuados através de trabalhos acadêmicos como este. Isso demonstra como as

memórias coletivas não apenas preservam o passado, mas também influenciam a construção de uma identidade cultural e social dentro do contexto em que são mantidas vivas.

Essa perspectiva encontra respaldo nos estudos de Michael Pollak (1989), que argumenta que a memória e a identidade não são construções individuais, mas sim processos coletivos que se formam e se ressignificam constantemente, especialmente em contextos de resistência e marginalização. Ele afirma que:

Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. (Pollak, 1989, p. 4).

A memória, nesse sentido, não é apenas uma forma de recordar o passado, mas uma prática política de resistência que se articula no presente, atuando como uma base para a reconstrução e reinterpretação da identidade coletiva.

No contexto desta pesquisa sobre Nazareno, as assertivas de Pollak (1989) se tornam ainda mais relevantes. Em uma sociedade como a brasileira, em que as religiões de matriz africana vêm, cada vez mais, sendo perseguidas, a memória sobre o dirigente, resgatada por aqueles que conviveram com ele — especialmente o povo de santo — serve como um alicerce para a construção da identidade coletiva desses indivíduos e para a preservação de suas raízes. Nesse contexto, Sidnei Nogueira (2020) argumenta que a intolerância religiosa, muitas vezes disfarçada de preconceito e discriminação, está intimamente ligada ao racismo religioso — uma expressão de racismo estrutural que visa não apenas marginalizar as religiões afro-brasileiras, mas também apagar suas histórias e práticas culturais.

O autor observa que, ao longo da história, as religiões afro-brasileiras foram alvo de estigmatização, com suas práticas sendo deslegitimadas e suas memórias silenciadas. A intolerância religiosa, portanto, funciona como uma forma de negação da existência e da identidade dos praticantes dessas religiões. Nesse cenário, a memória de líderes espirituais como José Nazareno se torna crucial para a resistência cultural e para a preservação da identidade do povo de santo.

A memória desses líderes, como discute Nogueira (2020, p. 121), é vital para a continuidade das tradições espirituais em um ambiente hostil, funcionando como uma ferramenta de resistência e afirmação cultural. O autor afirma que “a memória do líder religioso

não é apenas uma recordação do passado, mas uma ferramenta viva para a resistência e afirmação da identidade diante das forças de destruição cultural” (Nogueira, 2020, p. 121). Através dessa memória, o povo de santo fortalece seus laços de pertencimento e solidariedade, garantindo a continuidade das práticas espirituais, mesmo em face da violência religiosa.

Além disso, Nogueira ressalta a importância das narrativas orais na preservação da memória de líderes religiosos, observando que, ao serem transmitidas entre gerações, essas memórias não só mantêm vivas as tradições, mas também são um pilar para a resistência cultural. Ele destaca que as memórias desses líderes são a base que sustenta as tradições e mantém vivas as práticas espirituais de uma comunidade que se vê constantemente ameaçada (Nogueira, 2020, p. 144).

Nesse sentido, Nazareno não é lembrado apenas como uma figura importante para os grupos aos quais pertencia, mas como um símbolo de resistência cultural que permanece vivo nas práticas e nas narrativas dos que o seguiram e com ele aprenderam.

A reconstrução da trajetória de Nazareno, através desta pesquisa a partir das histórias dos que compartilharam sua vivência, torna-se também um ato de resistência contra a intolerância religiosa e o preconceito contra o povo de santo. Ao traçar e narrar sua história, essa pesquisa não apenas busca preservar a memória de um sacerdote religioso, mas também reafirmar os valores sobre identidade, cultura e território de um grupo que, apesar da adversidade e da marginalização, continua a se fortalecer e a resistir.

Esse processo de ressignificação da memória, como enfatizado por Pollak (1989, p. 3), é um elemento central para a manutenção da identidade coletiva em contextos de opressão. Ao retomar e reinterpretar as memórias sobre Nazareno, os filhos de santo umbandista, além de buscarem preservar sua história, reafirmam sua luta pela afirmação de sua identidade cultural e religiosa, em um movimento contínuo de resistência e fortalecimento frente às tentativas de apagamento e invisibilização.

Nesse sentido, recorremos aos conceitos de Stuart Hall (2016), que nos oferecem uma compreensão das identidades culturais e dos processos de representação — aspectos essenciais para a análise da memória acerca de José Nazareno, especialmente no que se refere ao papel da resistência afro-brasileira. Hall (2016, p. 23) propõe que as identidades culturais não são fixas ou predeterminadas, mas construídas socialmente, em constante transformação e influenciadas por disputas históricas e relações de poder. Ao longo do trabalho, veremos como as narrativas se transformam de entrevistado para entrevistado — ainda que, muitas vezes, só em pequenos detalhes — e como essas mudanças podem mostrar mais do que esquecimento ou confusão; mostram também uma proximidade e maior relação com Nazareno. Analisamos essas

mudanças como uma tentativa de mostrar maior intimidade, logo, poder sobre a memória de Nazareno. Essas disputas narrativas foram constantes nas entrevistas.

O terreiro de José Nazareno não era apenas um espaço religioso, mas também um lugar de construção e reafirmação de identidades culturais. Como destaca Stuart Hall (2016), as identidades culturais não são fixas ou predeterminadas, mas socialmente construídas, influenciadas por disputas históricas e relações de poder. Nesse processo, a forma como essas identidades são narradas e lembradas mostra a representação que se tem, não apenas da realidade, mas como também se constrói essa realidade ao mesmo tempo. Hall (2016) explica que as representações culturais não são neutras; elas moldam e são moldadas pelo poder, pela ideologia e pelas relações sociais, desempenhando um papel central na formação de identidades e na construção de percepções sobre o que é considerado "normal" ou "legítimo" em uma sociedade.

A destruição do terreiro, a dispersão de seus elementos sagrados e a reivindicação de descendentes de Nazareno exemplificam como essas disputas físicas e simbólicas constroem representações sobre a religiosidade de Nazareno e direcionam a memória coletiva sobre ele e suas práticas. Dessa forma, a representação desempenha um papel fundamental na maneira como a memória de Nazareno é construída e disputada. Como aponta Hall (2016):

[...] a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura. Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos (p. 31).

Assim, a destruição do terreiro não impactou apenas fisicamente o espaço, mas também transformou os significados atribuídos a ele e à sua história. Os restos materiais, as memórias fragmentadas e a disputa pela narrativa sobre a vida de Nazareno são exemplos claros de como a representação não é um simples reflexo da realidade, mas um processo ativo que influencia a forma como as identidades são lembradas e reivindicadas.

Nesse sentido, o uso da História Oral contribuiu para entender as representações e as identidades mobilizadas pelos entrevistados quando lembravam de Nazareno. Vimos, através da metodologia, a construção de uma memória coletiva, especialmente ao preservar identidades e vivências, ou seja, experiências e trajetórias passaram a ser reconhecidas como representações sociais significativas e como expressões de identidade (Meihy, 2005, p. 15). No caso de Nazareno, seu terreiro não era apenas um espaço religioso, mas também um ponto de negociação simbólica, onde valores culturais da Umbanda eram reafirmados e onde a memória

e a história afro-brasileira eram preservadas. Segundo Ferretti (1991), os terreiros de Umbanda e Candomblé não são apenas espaços de culto, mas também de resistência cultural, onde os valores e práticas afro-brasileiras são preservados e afirmados diante da opressão histórica e social. Os valores da religião e a prática comunitária manifestavam-se tanto na relação entre os visitantes e o salão, quanto na interação entre os filhos de santo e as entidades espirituais.

Os filhos de santo e demais visitantes buscavam o auxílio espiritual de Nazareno e das entidades que se manifestavam no terreiro, oferecendo em troca elementos físicos, como velas, bebidas, charutos, dinheiro, cigarros e outros itens tradicionalmente associados aos guias espirituais, e elementos simbólicos como fé e devoção. O terreiro funcionava, assim, como um campo de resistência, onde os praticantes da religião não apenas afirmavam sua identidade religiosa, mas também participavam de um processo de construção coletiva da religiosidade e de sua comunidade, sendo Nazareno uma figura central nesse processo.

Hall (2016) também destaca a importância da representação nas dinâmicas sociais, especialmente nos contextos de dominação cultural. Enquanto o dirigente estava vivo, as dinâmicas sociais eram expressas por meio dos rituais semanais realizados aos domingos, sempre ao meio-dia, no seu terreiro localizado no Setor Morada do Sol III, na Rua Perimetral 1, Quadra 94. Esse espaço não era apenas um local de culto, mas um território simbólico, onde a territorialidade era reafirmada pela presença constante dos praticantes e pela interação com a vizinhança. O terreiro funcionava como um ponto de referência para a comunidade religiosa e, ao mesmo tempo, enfrentava desafios territoriais — seja pela resistência externa, seja pela necessidade de afirmação dentro de um espaço urbano em constante transformação.

Segundo sua irmã Silvia, no início do terreiro, em 2015, os vizinhos ficaram assustados com a presença da casa e com as atividades religiosas que ali aconteciam. No entanto, com o tempo, começaram a se acostumar e até mesmo demonstrar curiosidade, chegando a frequentar o espaço para conhecer melhor. Silvia também relata que, em determinada ocasião, os vizinhos acionaram a polícia para averiguar o funcionamento do terreiro. A denúncia, porém, não resultou em nenhuma penalização, “pois não havia irregularidades”. Apesar dessas dificuldades, Nazareno nunca pensou em desistir do salão. Ele tinha um profundo amor pelo espaço e, segundo Silvia, enfrentou muitas adversidades para manter vivo aquele lugar de fé e resistência.

Além disso, o fluxo de pessoas que frequentavam a casa de Nazareno ia além do bairro onde o terreiro estava localizado. Moradores de diferentes partes da cidade e, em alguns casos, de municípios vizinhos se faziam presentes em seus trabalhos. Esse trânsito de indivíduos reforçava a territorialidade do terreiro enquanto um espaço de sociabilidade e resistência

religiosa, onde os laços entre os frequentadores se construíam tanto no âmbito espiritual quanto na convivência cotidiana.

No entanto, com o falecimento de Nazareno, em 2021, o cenário mudou. Especialmente após a destruição do terreiro, que será abordada com mais detalhes no Capítulo 3, o que restou foram as memórias coletivas, agora partilhadas por determinadas pessoas. Acreditamos que o processo das entrevistas pode ser compreendido não apenas como um exercício de rememoração das dinâmicas sociais vivenciadas pelos entrevistados, mas também como parte ativa dessas dinâmicas. Hall (2016, p. 38) ressalta que essas dinâmicas não são neutras; pelo contrário, estão profundamente atreladas a fatores como raça, gênero e classe, evidenciando como as representações culturais podem reforçar ou desafiar desigualdades sociais. A maneira como os entrevistados constroem e compartilham suas narrativas revela disputas de sentido e processos de representação que influenciam a memória coletiva, bem como a ressignificação territorial do terreiro, que agora persiste na lembrança e no discurso dos que o frequentaram. Dessa forma, as entrevistas não apenas resgatam experiências passadas, mas também reconstróem e atribuem novos significados a essas experiências, demonstrando que a representação dos fatos, acessada através da memória e compartilhada de forma oral, está inserida em um campo de disputas — por quem pode ou não falar sobre Nazareno.

A memória de Nazareno, resgatada e mantida viva pelos que conviveram com ele, serve como um meio de resistência afro-religiosa dentro de uma sociedade que é dominada culturalmente por católicos e evangélicos. O Censo de 2022, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), divulgou, em 6 de junho de 2025, os dados referentes à distribuição religiosa no Brasil, constatando que a população brasileira é de aproximadamente 203 milhões de pessoas. Nesse contexto, o Brasil conta com 579,7 mil estabelecimentos religiosos — um número que supera a soma dos estabelecimentos de ensino e saúde no país. Em média, há 286 igrejas para cada 100 mil habitantes, segundo o IBGE, Censo Demográfico 2022.

A distribuição de estabelecimentos religiosos no Brasil varia significativamente entre as regiões. Ainda de acordo com o G1 da Globo, a região Norte se destaca com a maior proporção, apresentando 459 estabelecimentos religiosos para cada 100 mil habitantes. Em contrapartida, a Região Sul apresenta a menor proporção, com 226 estabelecimentos para cada 100 mil habitantes. O Brasil abriga uma rica diversidade religiosa, refletida na multiplicidade de seus estabelecimentos. Entre os mais representativos, destacam-se: templos e igrejas católicas e evangélicas; centros espíritas; terreiros de Umbanda e Candomblé; templos budistas; sinagogas; mesquitas.

O Censo de 2022 também identificou que a maior parte dos estabelecimentos religiosos no Brasil está localizada em propriedade particular, como casas e apartamentos. Essa tendência reflete a forte presença de práticas religiosas em espaços privados, o que é especialmente relevante para a análise das religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda, cujos espaços de culto frequentemente operam em residências.

No estado do Tocantins, o cenário religioso é semelhante ao do Brasil como um todo, com o catolicismo ainda predominante, mas com o crescimento notável de evangélicos nos últimos anos. Em Araguaína, cidade com cerca de 171 mil habitantes, a população reflete essa tendência de aumento dos evangélicos, embora o catolicismo ainda seja a principal religião. Em relação às religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda, o Censo de 2022 não especifica diretamente o número de “povos de santo”. Porém, a pesquisa de mestrado da professora Sariza O. C. Venâncio (2013) traz dados sobre religiões de matriz africana em Araguaína, como a Umbanda e o Candomblé, evidenciando oscilações significativas ao longo das décadas, conforme registrado pelos Censos Demográficos.

Tabela 1 – População total residente em Araguaína por religiões afro-brasileiras.

Censo	População total	Umbanda e Candomblé	Umbanda
1991	103.315	39	—
2000	113.143	—	57
2010	150.484	14	14

Fonte: Venâncio (2013)

Como pode-se ver, em 1991 o Censo apontava que 39 pessoas se declaravam pertencentes a essas religiões na cidade. Contudo, no levantamento de 2000, esse número chegou a zero, retornando a uma modesta expressão de 14 pessoas no Censo de 2010. Ainda segundo Venâncio (2013), quando observamos a categoria específica “Umbanda”, utilizada pelo IBGE, percebe-se outra dinâmica. Em 1991, nenhuma pessoa se declarava adepta dessa religião. Entretanto, o Censo de 2000 registrou 57 pessoas identificadas como umbandistas. Esse número, porém, sofreu uma redução significativa, indo para 14 pessoas no levantamento de 2010. A autora aponta problemas com relação a esses dados, visto que, no ano de sua pesquisa de campo (2011 e 2012), somente uma das casas por ela etnografada já tinha esse quantitativo de gente. Assim, ela analisa as possibilidades para números discrepantes entre o Censo e o observado em campo.

Essas variações, analisadas em conjunto com a pesquisa de Venâncio (2013), sugerem que os dados censitários não refletem plenamente a presença e as dinâmicas das religiões de

matriz africana na cidade — e por que não dizer, no estado e no país. A autora ressalta que essas oscilações não necessariamente indicam uma diminuição ou aumento real no número de praticantes, mas podem estar relacionadas a fatores como invisibilidade social, preconceito e a própria metodologia de coleta de dados do IBGE. Além disso, a análise mais recente é prejudicada pela ausência de dados completos e específicos — no caso do Censo de 2022 — sobre as religiões de matriz africana. Essa lacuna pode estar relacionada à forma como as religiões afro-brasileiras são categorizadas nos levantamentos censitários, muitas vezes agrupadas de maneira genérica, sem distinção entre Candomblé, Umbanda e outras tradições. Além disso, fatores como a subnotificação, o receio de autodeclaração por parte dos praticantes, devido ao histórico de discriminação, e a invisibilização dessas religiões nos censos anteriores podem contribuir para essa ausência de dados mais detalhados.

Para a análise da memória e da trajetória de José Nazareno, lançamos mão das reflexões de Pierre Bourdieu sobre biografia, onde ele aborda como o sujeito constrói sua identidade e trajetória a partir das experiências sociais e culturais que vivencia. Nesse sentido, “[...] a biografia não é apenas uma narrativa de eventos, mas um processo contínuo em que o sujeito se molda e é moldado por suas interações e experiências dentro de diferentes campos sociais” (Bourdieu, 1996, p. 52). A pesquisa focou na maneira como a biografia de Nazareno foi sendo construída, levando em conta as influências sociais, culturais e religiosas que marcaram sua vida, sem perder de vista a importância das memórias e das experiências compartilhadas pelos indivíduos com quem ele se relacionou. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda da formação de sua identidade e de seu papel nas esferas religiosa e educacional.

Rogério Haesbaert (2019) nos ofereceu uma contribuição significativa ao debate teórico sobre território e territorialidade. É fundamental, para esta pesquisa, que façamos a distinção entre os conceitos de território e territorialidade, conforme são definidos por Haesbaert. Para o autor, o território é compreendido como um espaço socialmente construído e demarcado, que vai além de uma simples área geográfica; trata-se de um espaço de significados e valores, onde diferentes grupos e indivíduos buscam afirmar suas identidades e exercer controle. Aqui, o sentido de território não se restringe apenas à delimitação física, mas a um campo de disputas, que envolve tanto aspectos materiais quanto simbólicos, e está intrinsecamente ligado às relações de poder.

Por outro lado, mas de forma conectada ao território, a territorialidade refere-se ao processo dinâmico e contínuo de marcação e controle do território. Haesbaert (2019) a define como a manifestação prática do poder sobre o espaço, que se expressa por meio das ações, estratégias e práticas que os indivíduos e grupos utilizam para afirmar sua relação com o

território. A territorialidade é, portanto, um processo ativo, que envolve não apenas a apropriação do espaço, mas também a defesa e a negociação das fronteiras simbólicas e reais. Segundo Haesbaert (2019):

A territorialidade vai além do domínio físico de um espaço, englobando também o domínio simbólico, que é permeado por práticas culturais, sociais e espirituais que conferem significado a esse território. Ela se manifesta de forma dinâmica, envolvendo processos contínuos de reterritorialização e desterritorialização, ou seja, a constante redefinição de limites e fronteiras de diferentes esferas sociais, culturais e políticas (Haesbaert, 2019, p. 12).

O autor, em um trabalho anterior, já havia destacado que:

[...] O território envolve sempre, ao mesmo tempo uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de controle simbólico sobre o espaço onde vivem, sendo também, portanto, uma forma de apropriação, e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar e político-econômico, deveríamos acrescentar a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (Haesbaert, 1997, p. 42, *apud* Haesbaert, 2011, p. 94).

A análise dos conceitos de território e territorialidade permite compreender como o espaço é constantemente reconfigurado e se torna um elemento central na construção das identidades sociais e culturais. Segundo Haesbaert (2004), o território não é apenas um espaço físico delimitado, mas um espaço vivido e apropriado, carregado de significados simbólicos e afetivos. Nesse sentido, o terreiro de José Nazareno se estabeleceu como um território de resistência e pertencimento afro-religioso, onde as práticas religiosas da Umbanda eram vivenciadas e reafirmadas por seus frequentadores. O terreiro não apenas representava uma materialização da fé, mas também consolidava a territorialização das religiões afro-brasileiras em Araguaína, servindo como ponto de referência para a comunidade religiosa local.

Após a morte de Nazareno, ocorrida em 2021, essa dinâmica se transformou. Embora a destruição do terreiro tenha alterado a configuração física desse território, sua territorialidade permaneceu na memória dos que o frequentaram e, principalmente, nos novos espaços religiosos que surgiram reivindicando seu nome. Alguns de seus antigos seguidores passaram a buscar uma ligação com Nazareno ao fundarem seus próprios terreiros, evocando sua figura como referência espiritual e reforçando sua importância na formação de novas lideranças religiosas. A busca por legitimidade dessas novas casas parece passar pelo pertencimento ou linhagem espiritual que viria de Nazareno. Dessa forma, mesmo ausente fisicamente, Nazareno continua presente na territorialização da Umbanda em Araguaína, pois sua influência persiste

nos espaços que foram criados por aqueles que se reconhecem como seus filhos de santo. Como aponta Haesbaert (2004), a territorialidade ultrapassa a noção de posse ou delimitação geográfica, sendo marcada também por relações de identidade, poder e pertencimento, que se mantêm mesmo quando o espaço material original deixa de existir.

Considerando estas afirmativas, o terreiro de Nazareno, especialmente dentro das religiões afro-brasileiras como o Candomblé e a Umbanda, era um território de grande importância simbólica, de luta e afetividade para aqueles que o frequentavam. Para os praticantes, ele ia muito além de um simples local de culto — era território de pertencimento, identidade e resistência cultural. Como ressalta Lucélia, filha de santo de Nazareno, em entrevista, quando lhe foi perguntado quando e através de quem ela iniciou no terreiro, ela respondeu o seguinte:

Através da irmã dele, que eu fui para cozinhar, e aí comecei a observar o trabalho dele, achei interessante, eu achava muito lindo as danças, né? Eu achava lindo demais. Achava não, eu acho lindo, então foi onde eu comecei a me envolver mais. E aí, como minha filha ia precisar também da ajuda dele — ele como professor e como... delegado lá da Umbanda — eu fiquei, eu falei: “Não, então vamos juntar o útil com o agradável, né?” Então, para mim, a experiência que eu tive com ele foi boa demais, muitos conselhos que ele dava. Quando a gente chegava lá agoniado ou queria saber de alguma coisa, ele sentava, porque o povo hoje achava que lá era mais assim, “ah, não vai para lá para fazer macumba não”; você sentava lá, conversava com ele, ele ia te contando as coisas, como é que era a vida — longe de tudo aquilo do espiritismo, mas assim, alguma coisa ele colocava, mas para você raciocinar. [...] Então, assim, era bom. Você chegava lá, às vezes você chegava com um peso, com aquela angústia, e aí, às vezes, ele não estava nem se sentindo bem, e ele sentava ali perto de você e começava... tirava uma brincadeira, conversando... quando você percebia, já era... entrava o dia, entrava a noite, já era meia-noite e você saía dali aliviada (Lucélia da Silva Costa, 2024).

Conforme o exposto por Lucélia, podemos supor que a primeira grande importância de um terreiro está na formação de uma comunidade. Ele é o lugar onde os indivíduos se conectam com outros que compartilham da mesma fé e práticas espirituais, criando laços de solidariedade e apoio mútuo. Além disso, o terreiro também funciona como um espaço de cura e transcendência, onde os praticantes buscam ajuda espiritual para lidar com dificuldades da vida cotidiana, seja por meio de rituais, conselhos espirituais ou forças sobrenaturais. Em muitos sentidos, o terreiro e Nazareno se complementavam e se misturavam. Em muitas falas, como a de Lucélia, estar no terreiro e/ou conversar com o dirigente eram sinônimos de encontrar abrigo e paz.

Além disso, o terreiro serve como um espaço de preservação cultural. Ele é um dos poucos locais onde as tradições e os saberes afro-brasileiros são mantidos vivos — desde as danças e músicas até os mitos e histórias sagradas. A prática religiosa dentro do terreiro,

portanto, é também uma forma de transmissão intergeracional de cultura e conhecimento. Frequentar um terreiro, para muitos, é uma maneira de honrar suas raízes, seus ancestrais e sua própria trajetória espiritual.

Esses territórios são também fundamentais para a construção de um sentimento de pertencimento e identidade coletiva, funcionando como lugar de resistência física e simbólica à opressão, e de realização de práticas culturais e sociais que lhes conferem valor e identidade. Para aqueles que frequentam, o terreiro é onde se fortalece o vínculo com a ancestralidade e, em muitos casos, ele representa o único espaço onde práticas culturais e espirituais afro-brasileiras são livremente expressas e vividas. No caso de um terreiro ou de um local de culto, o território simbólico é formado pelas memórias, afetos e pertencimento que seus frequentadores atribuem a esse espaço.

A importância do território para os frequentadores de um terreiro está na sua capacidade de proporcionar um lugar de identidade, resistência e pertencimento coletivo. As pessoas que frequentam o terreiro não estão apenas utilizando o espaço fisicamente, mas também o transformam em um território carregado de significados espirituais e culturais — o que poderíamos chamar de um território sagrado. Esse local de culto é, portanto, um espaço de poder e autonomia, onde as práticas religiosas e culturais se entrelaçam com as trajetórias de vida dos indivíduos, criando um vínculo forte entre as pessoas, o local e suas entidades.

Como discutiremos no último capítulo, o terreiro foi destruído dias após o falecimento de Nazareno, em 2021. Restaram apenas ruínas das construções, com algumas paredes ainda de pé e vestígios do espaço onde eram realizadas as giras, evidenciados pelo formato circular das antigas estruturas, mesmo sem teto. No entanto, enquanto o espaço físico desaparece, o território simbólico passa por uma resignificação por parte daqueles que o frequentavam. A destruição material pode ser interpretada como um ataque ao território, mas, paradoxalmente, ele se fortalece simbolicamente à medida que as memórias e os significados atribuídos a ele se consolidam no imaginário coletivo. A territorialidade não se restringe às suas antigas delimitações físicas, pois, como aponta Haesbaert (2004), o território é também um espaço vivido e carregado de significados, que persiste além da materialidade. Assim, mesmo em ruínas, o terreiro continua sendo um marco na territorialização da Umbanda em Araguaína, pois a sua memória é constantemente reavivada por seus antigos frequentadores, que o consideram parte essencial de sua identidade religiosa.

Esse processo de transformação do território material em simbólico evidencia como a memória coletiva reconstrói significados, mesmo diante da perda. A perda do espaço físico não rompeu os laços das pessoas com ele; pelo contrário, impulsionou a expansão de seu território

simbólico para além das fronteiras materiais, reforçando seu papel na resistência e na identidade coletiva. O que antes era um local concreto, agora se torna um lugar na memória daqueles que ali eram frequentadores.

No entanto, para que esse lugar (físico e simbólico) se configure como território, é necessário considerar as relações de poder que o atravessam, conforme aponta Haesbaert (2004). Acreditamos que o terreiro de José Nazareno, material ou memorial, seja um exemplo do que o autor afirma, pois não era apenas um espaço físico onde ocorriam práticas religiosas, mas um território marcado por disputas, significados e resistência cultural. Vale ressaltar que as disputas iam desde as relações entre os membros do terreiro até aquelas com os vizinhos e a comunidade externa ao salão. Não adentraremos as questões internas por não serem o foco da dissertação, mas a disputa pela memória de Nazareno nos permite antever alguns conflitos. Sobre a relação com a sociedade, nos deteremos mais no capítulo 3.

O que ressaltamos por ora é que a morte de Nazareno e a destruição do terreiro não significaram o fim de um território, já que ele continua existindo simbolicamente nas memórias daqueles que o frequentavam e na influência que exerceu sobre novos terreiros abertos por seus filhos de santo.

O terreiro, nesse sentido, configurava-se como um espaço carregado de significados, construído por meio das práticas espirituais e sociais que uniam a comunidade em torno de Nazareno. Sua destruição implica não apenas a eliminação de um espaço geográfico, mas também a ruptura das conexões sociais e simbólicas que sustentavam a identidade coletiva daquele grupo. Essa destruição é ainda potencializada com o falecimento do agente aglutinador. Assim, é possível interpretar essa destruição como parte de uma disputa pelo controle, pelos signos e significados daquele território, uma tentativa de apagar memórias e resistências culturalmente enraizadas. Contudo, veremos de forma mais detalhada, no capítulo 3, as razões e interpretações de diversos sujeitos envolvidos nesse processo.

Adicleia Nascimento Souza (2019), por sua vez, destaca a centralidade dos terreiros na construção de territorialidades afro-brasileiras, sendo esses espaços não apenas locais de práticas religiosas, mas também de resistência e preservação cultural frente às pressões externas. O terreiro de José Nazareno, como espaço de acolhimento e de perpetuação de saberes ancestrais, exercia seu papel na formação identitária e na manutenção das tradições afro-brasileiras em Araguaína.

Nesse contexto, a destruição do terreiro simboliza a tentativa de apagar um legado que transcende o indivíduo, atingindo toda uma comunidade. Sua memória, entretanto, permanece viva nos relatos daqueles que conviveram com ele, reafirmando o caráter dinâmico e relacional

do espaço e da territorialidade, conforme discutido por Massey e Souza (2004). A reconstrução da memória de José Nazareno, como proposta nesta pesquisa, constitui uma forma de resistência simbólica contra a erradicação desse patrimônio cultural e espiritual, reafirmando o papel central do terreiro como espaço de identidade e luta.

Ademais, dos teóricos com quem dialogamos até o presente momento, ressaltamos aqui outros dois trabalhos que, enquanto revisão bibliográfica, nos auxiliaram muito no decorrer da pesquisa e com os quais dialogaremos e buscaremos avançar.

Cleyton Gomes de Almeida (2020), em sua dissertação de mestrado “Trajetórias Socioespaciais de Dirigentes Umbandistas em Araguaína – TO (1959-1970)”, investigou a trajetória de alguns pais de santo da cidade de Araguaína. Almeida (2020) apresenta uma análise aprofundada das vivências, memórias e trajetórias dos dirigentes espirituais da Umbanda que atuaram em Araguaína durante o período de 1959 a 1970. A pesquisa se insere no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins e tem como objetivo principal compreender os processos formativos desses líderes religiosos, suas relações com os espaços vividos e a constituição da comunidade umbandista na cidade.

Utilizando a metodologia da História Oral, Almeida (2020) reconstruiu as trajetórias de vida desses dirigentes a partir de relatos de memórias. A pesquisa é dividida em três etapas principais: (1) a infância dos dirigentes, com foco nos primeiros sinais de mediunidade e nos impactos de suas vivências iniciais; (2) a adesão à religião, com ênfase nos processos de aceitação da mediunidade e enfrentamento das dificuldades iniciais; e (3) o tornar-se dirigente umbandista, abordando os rituais, práticas e desafios envolvidos na consolidação de suas lideranças espirituais.

Sua dissertação também investigou como o contexto socioeconômico e espacial de Araguaína influenciou na constituição da comunidade umbandista. Durante as décadas de 1960 e 1970, a cidade experimentou grandes transformações devido a processos de migração, construção de estradas e desenvolvimento econômico, que resultaram em um intenso fluxo populacional, especialmente de migrantes do Maranhão, Piauí e outras regiões do Brasil. Esses movimentos impactaram a formação da identidade religiosa local, bem como os modos de ocupação e organização territorial dos terreiros.

Ao longo do trabalho, Almeida destacou o papel dos terreiros de Umbanda como espaços de resistência cultural e de preservação das tradições afro-brasileiras em um contexto marcado por discriminação e intolerância religiosa. As memórias dos dirigentes entrevistados revelam os desafios enfrentados para manter viva a prática religiosa, bem como a importância das redes sociais e comunitárias na perpetuação das tradições espirituais.

A dissertação contribuiu para ampliar a compreensão das dinâmicas socioespaciais de líderes afro-religiosos e para valorizar a memória coletiva de comunidades umbandistas em Araguaína. Nesse sentido, ela se apresentou como uma importante ferramenta para pensar a relação entre cultura, território e resistência no campo das religiões de matriz africana no Brasil.

Na época, Almeida teve a oportunidade de entrevistar Nazareno, colhendo relatos diretos sobre sua trajetória pessoal e espiritual até o momento em que se tornou Pai de Santo. A pesquisa de Almeida, ao registrar as falas de Nazareno sobre sua própria vida, oferece uma fonte de relevância para o entendimento das práticas e do legado desse importante líder religioso, uma vez que não tivemos a oportunidade de entrevistá-lo. Os registros de Almeida não apenas complementam as memórias e percepções daqueles que entrevistei e que conviveram com Nazareno, mas também proporcionam um acesso direto a seus próprios relatos. Através dos trechos das entrevistas encontradas na dissertação, foi possível captar nuances da sua trajetória, suas experiências pessoais, os desafios enfrentados e a influência que exerceu como líder espiritual a partir da perspectiva do próprio Nazareno.

A pesquisa de Almeida, ao trazer a voz de Nazareno, confere autorrepresentação ao entendimento de sua identidade e papel na comunidade religiosa. Desse modo, a pesquisa de Almeida contribui de forma substancial para este atual trabalho, fornecendo registros que ampliam a compreensão da figura de Nazareno, mesmo após seu falecimento, e oferecendo um material documental e analítico de grande importância para nós.

Outra pesquisa relevante e que nos auxiliou nesse processo foi a realizada por Sariza Oliveira Caetano Venâncio (2013; 2019). Sua dissertação e tese intituladas, respectivamente, *“Tenda Espírita Umbandista Santa Joana D’Arc: a Umbanda em Araguaína”* e *“Encantados na Umbanda no norte do Tocantins”* representam um marco inicial na pesquisa sobre o surgimento da Umbanda em Araguaína e a trajetória de algumas lideranças religiosas locais, incluindo José Nazareno.

No mestrado, sua pesquisa buscou fazer um histórico da Umbanda na cidade de Araguaína, entrevistando muitos afro-religiosos e, a partir deles, conhecendo um pouco sobre aqueles que não mais estavam vivos quando da época de sua pesquisa. Apesar de ter se centrado mais na história de Valdeci Pereira Reis, Venâncio (2013) buscou entrevistar os dirigentes em atividade da época e escreveu sobre suas trajetórias e religiosidades. É nesse contexto que tivemos acesso, assim como no trabalho de Almeida (2020), a trechos de entrevistas realizadas com Nazareno e pudemos compreender, a partir de sua voz, partes de sua história.

Ressaltamos ainda que Venâncio foi pioneira ao abordar a história de vida de alguns pais de santo, sendo a primeira a registrar depoimentos e relatos de Nazareno enquanto ele ainda

estava vivo, trazendo um material essencial para a compreensão das práticas e do desenvolvimento da Umbanda na região. Sua pesquisa não apenas documentou aspectos históricos e espirituais da Umbanda em Araguaína, mas também preservou falas autorepresentativas de Nazareno, nas quais ele compartilha sua trajetória pessoal e suas vivências enquanto Pai de Santo.

Na tese, Venâncio (2019) se debruça sobre a relação das entidades encantadas com a Umbanda em Araguaína e grande região. Seus principais interlocutores no momento foram Valdeci e Nazareno, e é em diálogo com eles que ela descreve e analisa a história de determinadas famílias de encantados, assim como rituais específicos para os principais encantados dos dois terreiros. Mais uma vez, a partir do trabalho citado, tivemos acesso a falas de Nazareno e suas interpretações sobre o universo afro-religioso, além da descrição detalhada de rituais que ele realizava em sua Tenda.

Assim como Cleyton Gomes de Almeida (2020) utilizou os trabalhos de Sariza Oliveira Caetano Venâncio como referência e ponto de partida para seu próprio trabalho sobre pais de santo, agora também nos valem deles como fontes para construir e potencializar nossa pesquisa. Ao recorrer aos registros de Venâncio e Almeida, a presente dissertação se beneficia e contribui para a preservação de memórias e experiências da identidade de Nazareno.

O seguinte capítulo desta dissertação tem como objetivo investigar a construção da identidade e da trajetória educacional de José Nazareno, partindo de sua infância até a consolidação como professor das séries iniciais do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental na rede pública de ensino de Araguaína-TO. A partir de suas próprias narrativas e das memórias daqueles que conviveram com ele, buscamos compreender os significados atribuídos ao seu percurso acadêmico e profissional.

A análise dessas fontes buscou apoiar-se no conceito de *recordações-referências* (Josso, 2004), entendendo que as memórias evocadas por Nazareno seguem uma autorrepresentação, e não uma autenticidade lógica de construção identitária ou de coerência narrativa sobre sua formação como educador.

Dessa forma, procuramos não apenas reconstituir os passos de José Nazareno na educação, mas também contextualizar o cenário educacional e geográfico de Araguaína, compreendendo como a cidade e suas transformações influenciaram sua trajetória. A partir dessa contextualização, será possível aprofundar a análise sobre sua atuação como professor e sua relevância para a comunidade escolar da região.

2 JOSÉ NAZARENO: DO ESTUDANTE AO PROFESSOR

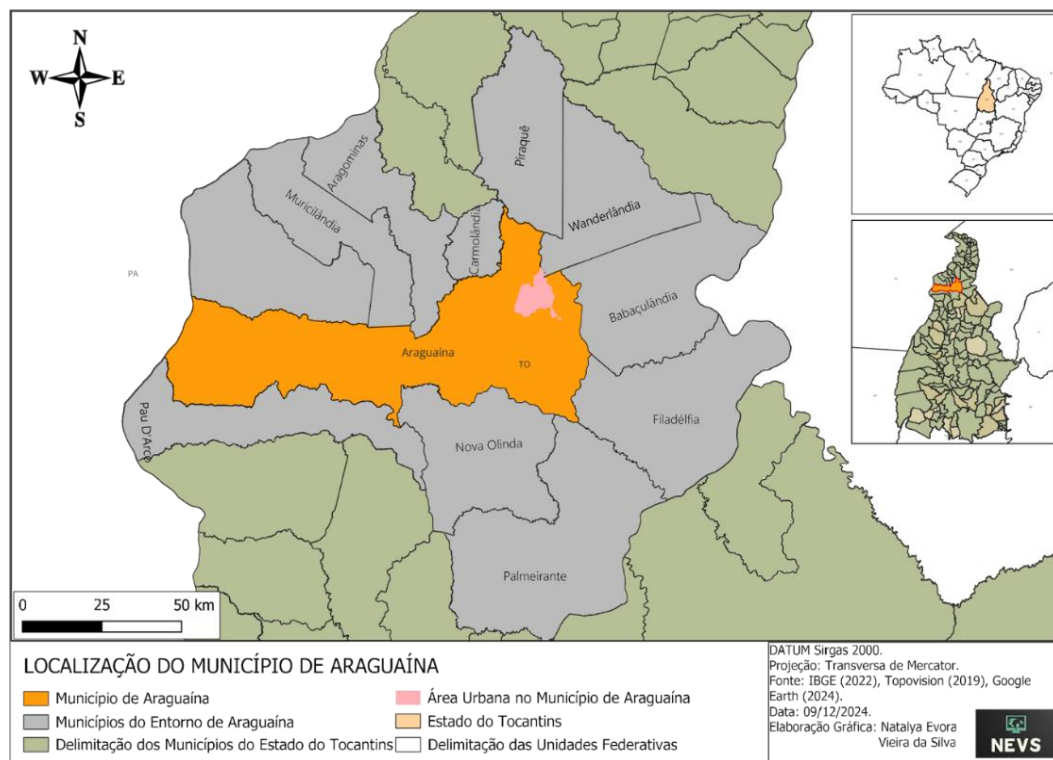
Este capítulo busca examinar a trajetória e as memórias de José Nazareno sobre sua infância e juventude, analisando como ele se insere no meio educacional — de estudante a professor. As experiências relatadas por ele, a partir das entrevistas que deu para os pesquisadores Cleyton Gomes de Almeida e Sariza O. C. Venâncio, serão compreendidas como recordações-referências (Josso, 2004), como já abordamos anteriormente. Assim, entendemos que, ao serem compartilhadas, elas visam construir uma coerência narrativa em torno de sua formação enquanto professor. O mesmo ele faz quando se trata de narrar como se tornou umbandista — mas isso deixaremos para o próximo capítulo.

Nos valem de entrevistas de outros pesquisadores com ele e de entrevistas realizadas por mim com amigos e familiares, que ajudaram a compor, a partir de suas memórias, o processo de ingresso e atuação como professor de Nazareno na rede pública de ensino de Araguaína, e o significado de sua atuação para eles. Nos valem também de documentos oficiais para entender melhor alguns dados referentes a datas e locais da atuação de Nazareno.

Para iniciar, precisamos contextualizar histórica e geograficamente a cidade de Araguaína/TO, pois compreender o processo de formação da cidade e as condições socioeconômicas presentes no período em que os pais de Nazareno migraram para a região é fundamental para analisarmos o cenário em que Nazareno nasceu e viveu sua infância. Essa contextualização não apenas situa o percurso de sua família, mas também revela os desafios e oportunidades que influenciaram diretamente sua formação pessoal e profissional. Assim, ao lançar luz sobre esse pano de fundo histórico, torna-se possível interpretar, de forma mais ampla, o contexto em que Nazareno viveu e se tornou professor na cidade de Araguaína/TO.

O município de Araguaína está localizado (figura 2) na região norte do estado do Tocantins, pertencente à mesorregião Ocidental do estado. Sua localização estratégica o coloca em divisa com os municípios tocantinenses de Santa Fé do Araguaia, Muricilândia, Aragominas, Carmolândia, Piraquê, Wanderlândia, Babaçulândia, Filadélfia, Palmeirante, Nova Olinda e Pau d'Arco. A oeste, o município é margeado pelo rio Araguaia, fazendo fronteira com o estado do Pará, especificamente com o município de Floresta do Araguaia.

Figura 2 – Localização do Município de Araguaína em relação ao Estado do Tocantins e seus municípios circunvizinhos



Fonte: IBGE, 2024.

O município de Araguaína foi criado pela Lei nº 2.125, de 1958, e instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1959, quando ainda fazia parte do estado de Goiás (BRASIL, 1958). Inicialmente, a região era habitada por indígenas da etnia Carajás, e a ocupação do território por brancos teve início por volta de 1876, com a chegada da família Batista da Silva, vinda de Paranaguá, no estado do Piauí. Nesse período, o local recebeu o nome de "Livrai-nos Deus", pelo temor aos indígenas e aos animais existentes na região — o que denota os conflitos existentes com os povos originários do lugar. Posteriormente, com a chegada de outras famílias, passou a ser chamado de Povoado Lontra, integrando o município de São Vicente do Araguaia, atualmente Araguatins.

José de Sousa Martins (1996), em sua reflexão crítica sobre o desbravamento, aborda o conceito de "fronteira" de maneira abrangente, destacando-o não apenas como uma questão geográfica, mas também social e cultural. Para o autor, o desbravamento de um território vai além da simples ocupação física do espaço: trata-se de um processo de construção de um novo contexto, no qual se estabelecem relações complexas de poder, identidade e resistência. A fronteira, nesse sentido, é vista como um espaço dinâmico — um campo de tensão onde diferentes atores sociais, incluindo os povos indígenas, se confrontam com as forças externas

de colonização e o chamado desenvolvimento através do movimento de expansão da "frente pioneira".

O município de Araguaína, na região norte do Tocantins, ilustra bem esse processo. A imposição da "frente pioneira" foi vivida na região como um conflito em que, de um lado, se tinha a ocupação e a invasão dos territórios indígenas pelo Estado, por religiosos e por grileiros, e, de outro, a resistência dos povos que aqui habitavam. A escolha do primeiro nome — “Livrai-nos Deus” — revela a tensão entre os colonizadores e as populações originárias que, apesar de serem silenciadas na construção da memória oficial ou aparecerem somente quando é conveniente, resistiram e resistem de várias maneiras à invasão de seus territórios e de sua cultura. O fato de que hoje não existam mais aldeias indígenas em Araguaína reforça essa ideia de que o processo de colonização resultou em uma eliminação física e cultural das populações originárias da região, excluindo-as do espaço que antes habitavam.

Em razão das condições das estradas, da geografia e do clima, o povoado permaneceu com dificuldades de infraestrutura básica para a população até aproximadamente 1952, quando ocorreu a chegada dos missionários orionitas ao antigo norte goiano. Apesar do trabalho realizado em diversas cidades, a maior inserção social do grupo se deu na cidade de Araguaína. A região enfrentava dificuldades significativas, como falta de recursos em saúde e educação — o que tornou a presença dos religiosos essencial. Além das atividades eclesiais, os orionitas desempenharam papel crucial na construção de igrejas, escolas e unidades de saúde. É nesse contexto que surgem o Colégio Santa Cruz e o Hospital Dom Orione como parte dessa atuação missionária, atendendo às demandas da população local e estabelecendo uma base sólida para a disseminação de suas ações missionárias na região (Costa, 2017).

De acordo com a dissertação de mestrado de Miriam Mendes Costa (2017), intitulada *“As relações de poder no processo de territorialização dos religiosos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência no Norte Goiano (1950-1970)”*, desde a década de 1950 os orionitas chegaram a essa área com uma visão de transformação, considerando-a abandonada, não apenas fisicamente, mas também espiritualmente. Segundo a visão desses religiosos, as cidades eram compostas por “cabanas pobres aterradas, onde [...] ouvia o lamento [...] de pobres mães [...] que pediam ajuda e compaixão” (Tonini, 1989, p. 24 apud Costa, 2017, p. 66). A falta de infraestrutura básica, como educação e saúde, amplificava essa sensação de abandono e, ao chegarem à região, os orionitas se sentiram responsáveis por reverter essa situação.

Costa (2017) aponta que, do ponto de vista das comunidades, a aceitação do trabalho dos orionitas foi vista como uma oportunidade de melhoria diante das necessidades materiais

evidentes. A autora defende que o trabalho realizado por eles foi um processo de territorialização, sendo um exemplo claro do exercício do poder simbólico — ou seja, como a Igreja Católica utilizou de seu poder sagrado para modificar as representações e práticas das populações locais, impondo normas e valores ao se inserirem nos diversos âmbitos das vidas das pessoas. O certo é que essa inserção possibilitou um início de mudanças estruturais para a região.

Em 1948, o povoado foi integrado ao município de Filadélfia, recebendo o nome de Araguaína — uma referência ao rio Araguaia. Em 1953, foi elevado à categoria de distrito de Filadélfia, consolidando sua importância na região. Com a construção da rodovia Transbrasiliana (BR-153), houve uma mudança no eixo de circulação regional, anteriormente feito através dos rios Araguaia e Tocantins, para o transporte rodoviário — opção mais rápida e de menor custo financeiro. As transformações espaciais seriam definitivamente marcadas no território do município. As cidades às margens dos rios, que antes serviam para dar suporte à circulação de pessoas e mercadorias, ficaram praticamente isoladas, e as cidades que surgiam ao longo da rodovia passaram a exercer essa função. Araguaína, por exemplo, deixou de ser o antigo e isolado povoado de “Livrai-nos Deus” e assumiu a função de cidade de importância econômica dentro da região norte do Tocantins.

Assim, as mudanças econômicas e sociais de Araguaína tiveram início na década de 1960, impulsionadas pela implementação da rodovia Belém-Brasília (BR-153). Esse marco transformou a cidade, que passou a crescer de forma extraordinária em relação a outras localidades maiores e mais antigas, tendo como principal alicerce a pecuária. Segundo Venâncio (2019), esse período foi caracterizado pela chegada de migrantes atraídos pelas novas oportunidades proporcionadas pelo progresso regional.

Entre 1960 e 1975, Araguaína alcançou um estágio elevado de desenvolvimento econômico para a época, devido à criação da Companhia Industrial e Mercantil da Bacia Amazônica (CIMBA), local atualmente onde é o parque de lazer de Araguaína, que permaneceu com o mesmo nome, intitulado Parque Cimba. Em 1967, ainda foi construído o primeiro frigorífico, de propriedade do Grupo Boa Sorte (Ajara et al., 1991). Vale ressaltar que foi nesse período de mudanças econômicas e no cenário urbano que nasceu Nazareno, em 1971, marcando o início de sua trajetória em uma cidade que começava a se consolidar como um polo regional.

Entre os migrantes que contribuíram para a consolidação da cidade, vale ressaltar, estavam os pais e avós de José Nazareno Oliveira de Aguiar. Eles migraram da cidade de São Raimundo das Mangabeiras, no Maranhão, para a região de Araguaína por volta de 1965, em

busca de melhores condições de vida (Venâncio, 2019). Rosalina Oliveira Aguiar (2024), mãe de Nazareno, recorda que chegou em Araguaína com aproximadamente 16 anos, após uma visita inicial à cidade que despertou seu interesse na busca de trabalho como empregada doméstica. Posteriormente, sua família também migrou para a região, e todos viveram juntos por algum tempo. Ela esclarece no trecho a seguir:

Na época... eu nasci no Maranhão, né! Fiquei no Maranhão até chegar nos meus 20 anos, 20 anos não, até meus dezesesseis anos. Aí nós viemos embora pra Araguaína. Viemos passear aqui primeiro, gostei do lugar, aí eu falei pra minha mãe que vinha pra cá trabalhar. Ia arrumar um serviço para trabalhar, e trabalhar de doméstica mesmo, sabe? Serviço doméstico. E realmente eu vim, mas aí logo depois minha mãe veio, meus irmãos vieram, aí ficamos morando todo mundo junto uns tempos. Depois, eu encontrei com pai do Nazareno, aí a gente já... quando começamos namorar (...) O ano [em que chegou] mais ou menos foi 69, por aí assim. E aí, eu vim lá do Maranhão, e já estava mais ou menos com o emprego certo. Aí eu vim, fiquei trabalhando muito tempo, meus pais vieram pra cá, meus irmãos, ficamos morando aqui, tudo numa casa só. (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Essa narrativa é corroborada por Nazareno, em entrevista concedida a Venâncio (2012), quando questionado sobre a vinda de seus pais para a cidade:

O meu pai mudou pra cá em 65 mais ou menos, que eles mudaram pra cá. Eles moravam na Barra do Sítio Novo, e aí se mudaram aqui pra cidade, levaram três dias pra chegar aqui de comitiva. A mudança toda em cima de animais e passaram por aqui nessa região mesmo aqui, e o descanso deles foi bem aqui na Tiúba, que hoje é uma ponte, na época era só um córrego, onde eles pararam, almoçaram pra poder chegar em Araguaína, que na época não era Araguaína ainda, era o Lontra, o povoado Lontra. Aí eles compraram um lote, trocaram um animal que era do meu pai, uma égua, por esse lote que ficava de frente onde hoje é o mercado. Na época, ali era só uma grota onde o pessoal defecava e jogava lixo. (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Podemos observar que algumas convergências e divergências de informações se tornam presentes durante as falas de Rosalina e Nazareno. Sobre as contradições, temos o fato de ela falar ter chegado por volta de 1969 em Araguaína, e Nazareno dizer ter sido por volta de 1965; ou ainda o fato de ele dizer que Araguaína ainda se chamava Lontra nesse período, sendo que o nome foi alterado ainda em 1948. Porém, antes de significar invenção ou mentira, devemos compreender que diferentes pontos de referência estruturam nossa memória, e que ela é passível de fragmentação — ainda mais quando esta é transmitida oralmente (Portelli, 2002). Mas, independente das precisões de datas e nomes, o certo é que a família de Nazareno chega na região em um momento de grandes mudanças e de forte migração.

Uma visão geral sobre as origens e o contexto familiar de José Nazareno é importante para compreender como determinados elementos culturais e de classe social contribuíram para sua trajetória pessoal. Ao destacar suas raízes maranhenses, o próprio Nazareno evidencia a

influência do contexto sociocultural de sua família na formação de sua identidade. As conexões territoriais com o Maranhão, especialmente com São Raimundo das Mangabeiras, vão ser trazidas à luz por ele para demonstrar como as experiências de seus antepassados e o pertencimento regional contribuíram para sua atuação enquanto educador — e como o influenciaram em sua formação e trajetória no fazer-se Pai de Santo.

2.1 O contexto familiar de Nazareno

As origens familiares de Nazareno revelam conexões com o estado do Maranhão, conforme ele mesmo destacou:

“Minha mãe é daqui da região de Porto Franco e meu pai é da região do Sítio Novo (...), mas tudo maranhense, tudo vem do Maranhão. Eles vêm do Maranhão, de São Raimundo Mangabeira. Minha raiz é de São Raimundo Mangabeira.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Seus pais, Rosalina Oliveira de Aguiar e Albino, vieram para a cidade em busca de melhores oportunidades. Rosalina contou que conheceu Albino quando tinha ainda 19 anos, época em que sua família já havia se estabelecido em Araguaína. Apesar de inicialmente não estar interessada em formar uma família, a insistência de Albino os levou ao casamento. Rosalina descreveu que os poucos anos de convivência com o esposo foram marcados por amor e desafios, período durante o qual nasceram seus dois filhos: José Nazareno e João Luciano.

O pai de José Nazareno, oriundo da região do Sítio Novo, no Maranhão, estabeleceu-se em Araguaína na década de 1960. Segundo Nazareno:

“Meu pai mudou pra cá em [19]65 mais ou menos [...] levaram três dias pra chegar aqui de comitiva. A mudança toda em cima de animais.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Após adquirir um lote na Rua 21 de Abril, que à época era uma área pouco valorizada, o pai de Nazareno iniciou sua vida profissional como motorista e, posteriormente, como taxista, fazendo ponto na antiga Rua do Cabaré. Ele transportava passageiros entre a rodoviária e a feirinha local, atuando em um cenário urbano em formação.

Foi nesse período que conheceu a mãe de José Nazareno, uma trabalhadora do Café Central, na antiga Rua Grande. A união, porém, enfrentou resistência de ambas as famílias, o que os levou a oficializar o casamento de forma discreta, com a presença de apenas alguns poucos parentes. Destacou Nazareno:

“Aí foi quando ele conheceu minha mãe, que ela trabalhava na época no Café Central, que ficava onde hoje é a Cônego João Lima, a antiga Rua Grande. Lá tinha o Café Central, e ele conheceu ela lá trabalhando. Eles casaram escondido na época, casaram no queima, no festejo do Sagrado Coração de Jesus, no mês de julho. Quem fez o casamento foi o padre Degregori Padarelo, que ainda hoje é vivo. Apenas uma tia, irmã mais nova do meu pai, descobriu que ele ia casar, porque viu a inscrição no bolso da roupa dele. Ele disse que ia casar escondido porque as famílias de ambos não queriam. Então eles resolveram se juntar e, quando chegaram em casa já casados, meu avô, sem ter mais o que fazer, saiu de casa para deixá-los sozinhos como uma lua de mel. Foi nesse período que ela engravidou de mim.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Após o nascimento de Nazareno, em 26 de outubro de 1971 — um período marcado por transformações sociais e econômicas na cidade de Araguaína — começaram os desentendimentos no casamento de seus pais. A grande maioria das brigas estava relacionada ao ciúme sentido pela mãe, motivado pela natureza do trabalho do pai, que atuava como taxista em um ambiente frequentado por mulheres, boêmios e trabalhadores rurais. Segundo Nazareno:

“Minha mãe era muito ciumenta dele, por como ele fazia linha do cabaré [...] pra ela era a mesma coisa, ele tava com putaiada e começou aquela briga, aquela confusão.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Pouco tempo depois, a mãe decidiu separar-se e retornou à casa dos pais, grávida do segundo filho.

Nazareno contou que permaneceu sob os cuidados do pai e dos avós paternos:

“Meu avô e minha avó [...] não tinham criança em casa e eu era o primeiro neto [...] minha vó por parte de mãe mandou minha mãe decidir: ‘deixa o menino lá porque tu tá grávida, tá trabalhando, não tem como tu olhar esse menino.’” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Assim, sua mãe, devido às dificuldades financeiras e à necessidade de trabalhar, acabou por aceitar deixar o filho com o pai e a família dele. Rosalina relembra que esse momento foi difícil para ela, porque tanto os avós se apegaram a Nazareno, como Nazareno a eles, e quando ela decidiu que ele voltaria a morar com ela, percebeu resistência por parte de todos:

“Eles fizeram de tudo para me tomar o menino, mas não conseguiram — e conseguiram, sabe! Porque o menino acostumou com eles. Ele queria vir embora pra onde eu estava, mas eles iam lá pra casa e ficavam chorando me pedindo ele de volta, e eu terminava cedendo.” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024)

Quando Nazareno estava com apenas dois anos e oito meses seu pai faleceu:

“Aí ele tinha um problema, um problema de sangue, problema no coração. Quando ele morreu, eu tinha o Nazareno e tinha um outro, o outro já estava fazendo um ano ou tinha mais de ano” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Esse evento marcou de forma significativa a história de Nazareno, pois ao narrar sua trajetória, esse parece ser o momento que ele atribui ao início de quem se tornou. Ele relembrava:

“Quando eu tava com dois anos e oito meses, ele faleceu. Aí, com ele falecer, ela [sua mãe] ainda quis me levar pra lá, mas aí os véi [avós paternos] tinham transferido todo o amor do filho deles que tinha acabado de perder pra cima de mim, que eu era a única coisa de herança viva [...] o sangue dos véi (...) Minha vó se apaixonou e não quis deixar. A véia mãe dela botou quente nela e disse: ‘Ou tu toma o menino de vez e não deixa mais eles ter contato nenhum [...] ou tu deixa de vez com eles até o dia em que eles bem tiver vivo’.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Assim, após a morte do pai, o conselho da avó materna e a decisão de Rosalina, os avós paternos assumiram completamente a criação de Nazareno, um gesto motivado pelo forte vínculo afetivo criado com o neto e pela falta de condições da mãe para cuidar dos dois filhos.

Essa decisão consolidou o papel dos avós paternos como as principais figuras parentais na vida de Nazareno, proporcionando-lhe um ambiente de cuidado e afeto em meio às dificuldades enfrentadas após a perda de seu pai. Nazareno relatou que cresceu, assim, com seus avós em uma casa localizada na Rua 21 de Abril, próximo ao atual Mercado Municipal, em uma região conhecida na época como Pão de Açúcar. Enquanto sua avó paterna, Maria Luíza, e seu avô, José Copeira, desempenhavam um papel afetivo e de cuidados cotidianos, Rosalina enfrentava os desafios financeiros e educacionais relacionados à criação dos filhos.

A infância de Nazareno foi marcada por dificuldades financeiras, apesar do crescimento econômico que a cidade experimentava. Após a morte de seu avô, em 20 de abril de 1984, por pneumonia, essas dificuldades se agravaram, levando-o a começar a trabalhar desde cedo, o que prejudicou seus estudos. Sua mãe, Rosalina, tentou várias vezes levá-lo para morar com ela, mas ele não se adaptava. Rosalina recorda:

“Toda vez que ele mudava lá para casa, ele falava 'aqui não é minha casa', eu ficava chorando” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Diante dessa situação, Nazareno acabou vivendo em um vai e vem constante entre a casa de sua mãe e a casa de sua tia, Deijanira Ribeiro da Silva, onde eventualmente permaneceu morando após o falecimento da avó Maria Luíza. O ex-colega de trabalho de Nazareno, o professor Brás Alves Noleto, recorda como o conheceu:

“Quando eu vim... quando eu cheguei aqui na Simão Lutz, a primeira escola que eu vim trabalhar, eu conheci o Nazareno já aqui, entendeu? Ele já trabalhava aqui no Simão (...) ele era um filho adotivo. Inclusive da nossa colega de trabalho, da Deija. Ela trabalhava aqui, era a mãe dele de criação. E depois que ele ficou adulto, ele passou a morar sozinho, entendeu? Aí já foi, ele se engajou na educação já muito tempo atrás, entendeu?” (Brás Alves Noleto, Araguaína, 2024)

Deija, mencionada como mãe de criação de Nazareno, trabalhava como merendeira na escola onde o entrevistado mencionou. Foi ajudando a tia/mãe de criação que Brás o conheceu ainda rapazote. Acreditamos que essa experiência de convivência no ambiente escolar e com a tia incentivando-o a estudar acabaram contribuindo para que Nazareno, mais à frente, se envolvesse com a educação.

Assim, devido à precariedade financeira, aos 13 anos Nazareno começou a trabalhar como servente de construção civil para ajudar com as despesas da família:

“Filho de pobre, não tinha quem sustentasse, lá em casa nós só não estava passando fome porque tinha filho de Deus que tinha dó da gente [...] eu comecei a trabalhar com meus treze anos de servente e nunca mais parei.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Sua expressão “nunca mais parei” será corroborada com todo o esforço por ele empreendido para superar as adversidades que teve na vida. Do mesmo modo que seu pai, Nazareno contou que também trabalhou em um cabaré por quase dois anos:

“[...] eu fui trabalhar, trabalhei num cabaré um ano e oito meses, que ficava do lado lá de casa, cabaré verde e amarelo. Aí depois eu fui ser servente, fui trabalhar em construção, porque filho de pobre, não tinha quem sustentasse. Lá em casa nós só não tava passando fome porque tinha filho de Deus que tinha dó da gente. Mas chegou o tempo de a gente só ter água no pote e necessidade. Pra gente não pedir, eu comecei a trabalhar com meus treze anos de servente e nunca mais parei. Aí trabalhei no cabaré, trabalhei de novo, voltei pra servente, fui pro Pará, fui pra Tucumã, trabalhei lá seis meses, aí voltei. Quando eu cheguei, eu fui estudar no SENAI.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Esse trecho revela não apenas as dificuldades econômicas enfrentadas por Nazareno, mas também a dinâmica social e econômica de Araguaína naquele período. A Rua 21 de Abril, onde sua família residia, estava localizada em uma região que, segundo ele, abrigava espaços de sociabilidade como feiras e casas noturnas, refletindo a transformação urbana da cidade. O cabaré citado por Nazareno ficava localizado próximo a onde atualmente é o Mercado Municipal de Araguaína.

Podemos observar que os desafios enfrentados por Nazareno durante sua infância revelam intersecções entre laços familiares e o contexto social da cidade e da região. Suas idas para o Pará podem ser compreendidas a partir de estudos sobre o trabalho escravo na região, como o de Alberto Pereira Lopes (2009), que indica outro aspecto desse desenvolvimento econômico e social que a região passava nas décadas de 1970 e 1980. Nesse cenário, a cidade de Araguaína se tornou o principal ponto de aliciamento de mão de obra para trabalhar nas fazendas da região e do Pará. Acreditamos que os trabalhadores rurais que Nazareno fala mais

acima, que frequentavam também os cabarés, eram essas pessoas que ou vinham das fazendas para se divertir ou estavam ali esperando uma oportunidade de trabalho na zona rural da cidade ou do Pará. Podemos pensar que foi através das amizades e conhecidos no seu trabalho no cabaré que Nazareno tenha conseguido esse emprego em Tucumã/PA.

Entre essas idas e vindas de emprego, o campo educacional na vida de Nazareno não era dos melhores. Sua mãe lembra que ele demonstrava resistência ao ambiente escolar, mas também enfatiza os esforços feitos por ela para garantir a educação dele, mesmo em meio às dificuldades financeiras e à rechaça por parte do filho em frequentar a escola. Ela conta:

“Tentava de todo jeito, mas ele não queria estudar. Em uma ocasião, precisei ser firme e disse para minha sogra: ‘Ou vocês garantem que ele tire boas notas no fim do ano, ou eu pego ele e vou embora’.” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Rosalina relembra, ainda, com firmeza e emoção:

“Eu tentava de todo jeito fazer ele ir ao colégio, mas ele matava aula, ia para a rua e ficava brincando ou pedindo comida. Eu dizia pra ele: ‘Tu vai estudar, porque criança que não estuda vira malandro de rua!’” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Foi com muito incentivo — e talvez pela insistência da mãe, ou pela dificuldade que o trabalho braçal proporciona, ou por ambas — que Nazareno decidiu concorrer ao processo seletivo para ingressar no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e obter uma formação técnica.

2.2 Entre ida e vinda

Rosalina recorda que foi com muita dificuldade que convenceu Nazareno a estudar no SENAI, e depois mantê-lo na escola:

“Depois de muitas tentativas, consegui matriculá-lo no SENAI, já com 16 anos. Fiz de tudo para que ele permanecesse estudando. Comprava uniformes, materiais e o que ele precisasse. Ele era muito sociável, fazia amizade com professores e até com o pessoal da cozinha para conseguir comida extra. Apesar dos desafios, ele sempre tirou boas notas e, graças a Deus, conseguiu se formar.” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024)

Sobre o mesmo evento, Nazareno conta que sua ida para o SENAI começou como uma barganha entre ele e sua mãe:

“(...) eu fui estudar no SENAI. Na época a gente fazia o exame de seleção, eu fui o segundo colocado pra torneiro mecânico, aí me formei na tornearia. Mas, pra isso, minha mãe disse que só me ajudava a estudar no SENAI se eu morasse com ela. Eu disse que só morava com ela de segunda a sexta, sabe? Sábado e domingo eu tava com o meu povo, lá pra casa da minha tia. E assim eu tirei os dois anos.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

A preocupação com o futuro de Nazareno levou dona Rosalina a estabelecer condições para que o filho mantivesse a constância no ambiente escolar. Determinada, ela insistiu:

“Eu prometi pra ele: ‘Se você estudar e fizer o curso no SENAI, tudo que você me pedir, eu vou dar’. Foi aí que ele resolveu estudar e, depois disso, foi só alegria” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Vemos como as falas se complementam e mostram o esforço familiar para que ele estudasse — e aquela resistência que a mãe já tinha dito que ele tinha. Superadas as divergências, o período em que Nazareno esteve no SENAI foi marcante para a sua vida de tal modo que sua mãe e ele lembram esse momento como uma recordação-referência sobre sua vida.

A narrativa de José Nazareno reflete o que Josso (2004) define como um processo de formação identitária permeado pelas experiências de vida. Para a autora, a construção da identidade ocorre por meio das experiências vividas e da maneira como o sujeito as ressignifica ao longo do tempo. No caso de Nazareno, o ingresso precoce no mundo do trabalho, a resistência inicial aos estudos e a posterior valorização da formação educacional são elementos centrais em sua trajetória de se tornar educador.

Josso enfatiza que a memória biográfica não apenas resgata fatos do passado, mas também os reinsere no presente, permitindo que o indivíduo compreenda sua própria formação em um movimento contínuo de reflexão e reconstrução. Assim, ao recordar o período em que estudou no SENAI, tanto Nazareno quanto sua mãe transformam essa experiência em uma referência simbólica — um marco que não apenas representa um momento de formação e superação das dificuldades financeiras, mas também reafirma a importância da educação em sua vida.

Além disso, a dimensão relacional destacada por Josso (2004) é essencial para compreender como os laços familiares e sociais influenciam os percursos formativos. No caso de Nazareno, sua trajetória não pode ser dissociada das dificuldades econômicas e afetivas enfrentadas por sua família, nem das estratégias de resistência adotadas por sua mãe para garantir seu futuro. Esse contexto demonstra como a formação de um sujeito é atravessada por múltiplos fatores — sociais, culturais, econômicos e emocionais — que se entrelaçam na construção de sua identidade e na maneira como ele ressignifica suas vivências para narrar sua formação a partir da posição social em que se encontra hoje.

Dessa forma, a trajetória de Nazareno exemplifica como as experiências formativas vão além dos espaços institucionais, sendo constituídas também no cotidiano, nas relações interpessoais e nas adversidades enfrentadas ao longo da vida. Como aponta Josso (2004), é

nesse entrelaçamento de experiências que os sujeitos constroem suas narrativas e dão sentido às suas histórias de vida.

As narrativas apresentadas pela mãe de Nazareno mostram a determinação dela em garantir um futuro promissor para seu filho, mesmo diante de inúmeras adversidades. Somado a isso, os relatos de infância de Nazareno também assinalam a importância dos laços familiares inseridos em um contexto social marcado pelas particularidades de Araguaína, bem como os desafios econômicos e emocionais que permeiam essas memórias.

Rosalina relembra, com humor e afeto, os esforços para manter Nazareno nos estudos. Quando ele finalmente decidiu frequentar o SENAI na adolescência, já motivado pelo apoio da mãe, seu desempenho escolar melhorou significativamente. Ele se destacou tanto pela inteligência quanto pela habilidade de formar amizades, incluindo professores e colegas de turma. Sua sociabilidade era tão marcante que ele até desenvolveu um relacionamento próximo com o pessoal da cozinha. Acreditamos que aquela vivência com a tia na cozinha da escola tenha dado a ele as habilidades necessárias para construir amizade com essas pessoas em particular.

Dona Rosalina afirma que, ao entrar no SENAI, Nazareno demonstrou notável adaptação e se destacou por sua sociabilidade e desempenho acadêmico. Com um sorriso de satisfação, ela diz que Nazareno:

“[...] era muito comilão! Fez amizade com o pessoal da cozinha pra encherem a vasilha dele duas vezes. Ele era esperto e sabia cativar as pessoas.” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Durante a entrevista, Rosalina fez questão de mostrar o registro do momento em que seu filho recebeu o certificado do SENAI e dizer, de forma orgulhosa, que após finalizar o SENAI, Nazareno:

“Começou a trabalhar, estava tão feliz! E ver a felicidade dele me deixava muito feliz também.” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Vimos esse momento da entrevista como um símbolo de sua dedicação para formar o filho e do compromisso de Nazareno com os estudos e com o combinado que tinha feito com ela.

Figura 3 – Dona Rosalina mostrando a foto de Nazareno.



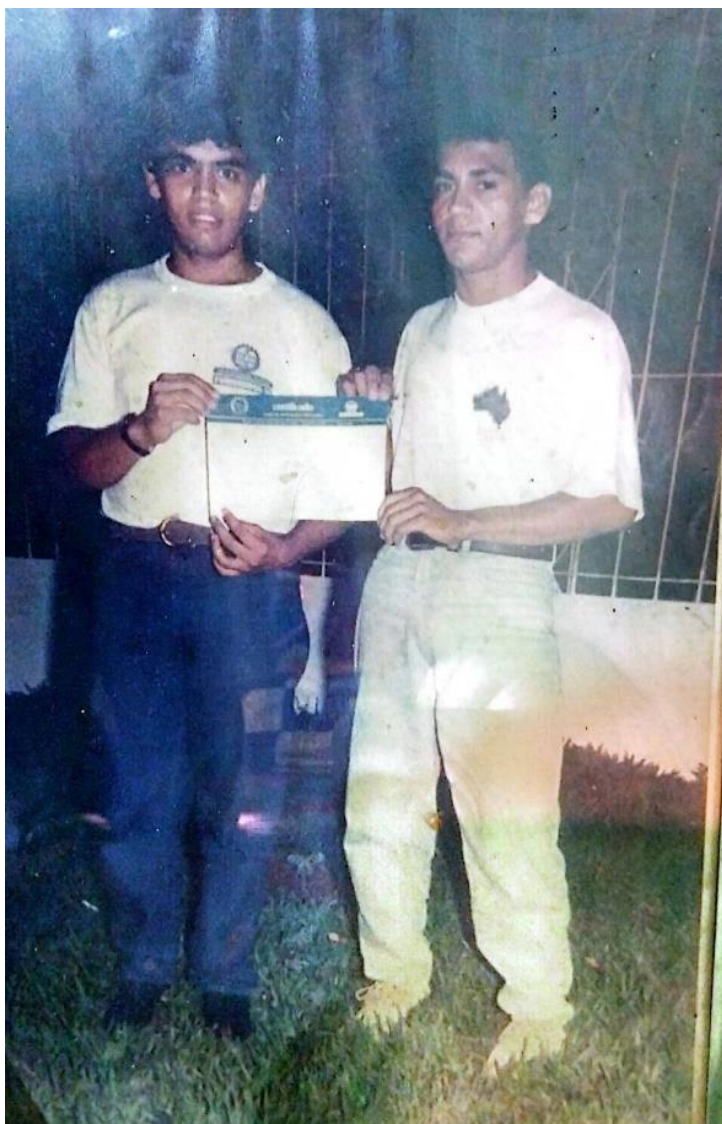
Fonte: Autor (22/05/2024)

Vale ressaltar que a escolha pelo SENAI não foi aleatória. Na época, essa instituição era amplamente reconhecida pela qualidade de seus cursos técnicos e pelo status social conferido a seus estudantes. Como o próprio Nazareno destacou, frequentar o SENAI era sinônimo de projeção social e garantia de um futuro promissor:

“Tinha o SENAI, que na época era grande. Quem estudava lá tinha status. O cara que ia pra lá... então, ele tá no SENAI, ele vai se formar, ele vai ser técnico em alguma coisa. Ele tinha uma posição social. Alguém que estudava nesses colégios tinha uma posição.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

A foto abaixo mostra Nazareno recebendo o certificado de conclusão do seu curso no SENAI. É com essa foto que Rosalina nos mostra, orgulhosa, a conquista do filho — e, de certa forma, sua também.

Figura 4 – Nazareno, à esquerda, recebendo o certificado do SENAI.



Fonte: Álbum de Dona Rosalina, 2024.

O cenário de Araguaína, entre 1970 e 1980, foi marcado por um intenso processo de desenvolvimento econômico e urbano, caracterizado pela criação de indústrias, frigoríficos e expansão comercial. Assim, entendemos o papel social e de formação que o SENAI tinha para a região naquele momento. Vale lembrar que é nesse período que a cidade teve o maior percentual de aumento da população. Segundo Venâncio (2013), com base nos dados do IBGE, a população da cidade cresceu cerca de 90%, saindo de 37.780 para 72.063. A autora analisa a quantidade de pessoas nascidas na década e a quantidade de migrantes, e deixa claro que o crescimento se deve, de modo mais enfático, às pessoas que vieram de outros estados em busca de melhores condições de vida.

Seguindo o fluxo inverso — se assim podemos dizer —, no fim da década de 1980, Nazareno decide sair de Araguaína e ir estudar em Minas Gerais. Dizemos fluxo inverso porque, naquele momento, as pessoas estavam vindo para o norte do então estado de Goiás, e não saindo dele. Mas, se olharmos que ele ia em busca de melhores estudos e para um estado que, historicamente, tinha impacto no cenário nacional, podemos compreender que ele seguia o fluxo de motivações migratórias da grande maioria das pessoas. Assim sendo, após concluir o curso no SENAI, Nazareno se mudou para Minas Gerais:

“Quando eu terminei [SENAI], eu fui pra Minas, fui trabalhar em Minas, fui morar pra lá, e estudar técnico em agropecuária. E, quando eu tô lá, eu senti uma dor no coração, comecei a passar mal, dava crise, caía no chão, e ficava. O coração parou, os pulmões, tive morre e não morre.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Esse período foi marcado por desafios tanto físicos quanto emocionais, segundo Nazareno, e que culminaram em uma mudança em sua trajetória profissional. Após uma cirurgia cardíaca, Nazareno decidiu que não ficaria mais em Uberlândia/MG e retornaria para Araguaína. Ele conta como o pessoal da escola tentou convencê-lo a ficar, mas que, mesmo assim, ele já tinha decidido voltar para casa. Sua resposta ao pessoal da escola já deixa antever o caminho que ele seguiria quando chegasse em casa:

“Eu quero ir embora pra minha casa, quero ir embora pra minha família, eu quero fazer por eles aquilo que eu não posso fazer aqui, mas lá eu posso. Quero voltar, porque me deu vontade, eu tô com uma paz de espírito tão grande e eu quero voltar. É lá que tá o meu lugar, não é aqui. Porque eu procuro querer ser alguém fora, se eu posso ser alguém em casa.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Nazareno ainda reflete sobre o sonho que tinha antes do ocorrido com sua saúde:

“Tudo o que eu desejei era ser alguém, era ser um administrador de uma empresa em São Paulo, no Rio de Janeiro, Brasília, seja aonde fosse, menos aqui [Araguaína], que é o sonho de todo adolescente, de todo jovem, achar que o mundo lá fora é da gente — e não é.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Assim, sem dinheiro suficiente para a passagem de ônibus, ele enfrentou o caminho como pode:

“Eu sai de madrugada andando com o colchão, a bolsa com as roupas, o livro, caderno, tudo. E eu não tinha medo não, encarava a estrada, eu andava. Quando eu parava, eu sentava na beirada de uma estrada.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Foi dessa forma — entre andanças e caronas — que Nazareno gastou três meses para chegar até Araguaína. Ele recorda que passou fome no trajeto, pedia ajuda para um e outro,

encontrou muitas pessoas boas e outras ruins na estrada. Ele afirma que todos os percalços do trajeto e seu desejo de se reconectar com suas raízes e contribuir com sua comunidade representaram um amadurecimento pessoal e espiritual — e, de certa forma, uma maneira de mostrar para as pessoas que ele já estava sadio e que podia voltar a trabalhar.

2.3 Nazareno, o educador.

No intuito de testar e comprovar que estava bem de saúde, Nazareno decidiu prestar o concurso para o Corpo de Bombeiros quando chegou em Araguaína. Ele conta que foi aprovado e que:

“Foi pra fazer um teste pra ver se eu estava curado do coração. E fiz todo o treinamento, quando foi na hora de vestir a farda eu pulei fora, eu já tinha cumprido a minha missão. Eu digo ‘já estou sadio, posso me virar, já posso trabalhar’. Aí eu digo ‘agora eu vou rezar, não quero salvar caindo na água, eu vou rezar, salvando as almas agora com reza’.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Assim, ele foi estudar catequese e se tornou o primeiro legionário de Araguaína, da Legião de Maria “estudar, fui seminarista, estudar pra ser padre. (...) O seminário era lá em Tocantinópolis, aí fui lá pro seminário.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Ele conta que estava com mais ou menos 20 anos de idade e que não ficou muito tempo por lá. Sinais de mediunidade, como visão e audição de pessoas que já faleceram, começaram a perturbá-lo, e ele sabia, como veremos no capítulo seguinte, que não podia se esconder dentro de uma batina. Desse modo, deixou o seminário e voltou para Araguaína.

O retorno a Araguaína foi um período desafiador para José Nazareno, que enfrentou dificuldades para se restabelecer na cidade. Sem emprego, recorreu à ajuda de conhecidos e buscou alternativas para garantir sua subsistência. Assim, acabou conhecendo o projeto no Assentamento Rio Preto, na zona rural do município, onde foi trabalhar colhendo mandioca para a produção de farinha:

“Fui parar na roça, fui fazer farinha, fui fazer polvilho, e foi um pé de mandioca que me ensinou a ver a vida. Um certo dia, no projeto Rio Preto, na casa da finada tia Lúcia, irmã do meu pai que já faleceu, eu fui pra lá pra fazer farinha, porque não tinha serviço aqui. Eu digo ‘o jeito é fazer farinha’. Meu tio disse assim: ‘Você faz quinze saco pra mim e eu te dou dez saco’, só que ele dava dez saco pra mim e os dois filhos dele, então nós tínhamos que dividir os dez sacos em três partes iguais. E a gente trabalhava lá de sol a sol. Começava cinco horas da manhã. Ele acordava a gente pra arrancar mandioca, aí, oito horas da manhã, a gente começava a descascar mandioca. Aí, meio-dia terminava, ia ralar mandioca até três horas da tarde e, três horas da tarde, a gente começava a lavar a mandioca pra tirar o polvilho. Quando dava oito horas da noite, nós estávamos terminando de lavar a massa e tirar aquele polvilho. E, assim, nós no batidão.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Esse trabalho braçal voltado para a mandioca e seus derivados no Assentamento Rio Preto durou pouco tempo. Nazareno relatou ter vivenciado um “sacode” de consciência durante uma jornada de trabalho:

“Um certo dia eu levantei cinco horas da manhã e fui mais o [primo] mais velho (...) roçando, cortando aquele mato mais alto, só no jeito de pegar a mandioca, puxar. E o outro mais novo vinha atrás com o jumento pra levar as cargas. E, quando eu rocei, tinha um pesão muito bonito, a raiz estava assim mesmo preponderante mesmo. Eu digo: ‘isso aqui eu vou arrancar’. Quando eu agarrei e puxei, eu puxei com tanta força que ele nem aluiu. Me deu, assim, um ódio tão grande daquele pé de mandioca. Tornei agarrar ele. Nem sequer a areia ele mexeu. Eu me sentei naquele pé de mandioca, eu me sentei no chão, olhei a barra do dia subindo, a lamparina ainda estava acesa, ainda estava mais escuro do que de dia, e parei e fui ver uma coisa: eu estudei técnico em agropecuária, eu sou torneiro mecânico formado, estudei nas melhores escolas que os meus velhos me colocaram na época — era a paróquia, estudei no SENAI — pra que todo esse conhecimento, toda essa sabedoria? Fui seminarista, quase padre, pra arrancar mandioca? Pra fazer farinha? Quer dizer que todo o meu conhecimento se resultou nesse pé de mandioca? Apenas pra mim saber como arrancar um pé de mandioca, como ralar ele, como desmanchar ele em farinha ou em polvilho e vender? Quer dizer que o meu destino, tudo que eu lutei pra nunca ir pra roça, eu acabei na roça? Aquilo me injuriou e me deu uma febre, porque minha vida passou eu olhando pra aquele pé de mandioca. Toda minha experiência de vida, aquele pé de mandioca estava destruindo. Na verdade, ele me sacudiu, na verdade, ele fez perceber por que o pessoal chegava de fora aqui em Araguaína e arrumava serviço, e eu, que morava aqui, não arrumava serviço. Sabe por quê? Porque eu queria do alto. Ninguém se faz uma casa pelo telhado, se faz pelo alicerce. Eu queria pelo telhado. Eu não queria ser mais baixo do que os outros. Eu queria começar como gerente, queria começar como dono de empresa, que eu era — com licença da palavra — mal pago e fodido. Eu era um merda de procedência. Ainda mais merda ainda, minha família não era pioneira, não é? Então, com tudo aquilo já, eu passei o resto do dia.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Assim, ao refletir sobre os resultados dos anos dedicados aos estudos, que lhe renderam cursos técnicos e formações, constatou que não fazia sentido ele ainda estar trabalhando em uma roça de mandioca. Tudo isso causava nele um profundo incômodo e insatisfação. Segundo Almeida (2020), Nazareno, determinado a buscar novas perspectivas, deixou o trabalho na roça e, sem meios de transporte — ou entre carona e andanças — partiu do povoado Rio Preto até Araguaína em busca de outro tipo de emprego.

Através do apoio de uma comadre, conseguiu um novo trabalho na Grangel, uma granja que ficava localizada no setor Couto Magalhães. Lá, ele começou debaixo, como ele mesmo diz. Assim, começou a:

“Catar bosta de galinha (risos), mas do pé de mandioca pra bosta de galinha já foi um sucesso. Eu já tinha técnico em agropecuária, e eu fui pegar bosta de galinha, mas eu fui satisfeito, porque era um emprego, carteira assinada.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

A função não durou muito. Rapidamente, ele mostrou sua experiência e formação para outras pessoas e passou a trabalhar vacinando as galinhas:

“Eu fiz técnico em agropecuária em Uberlândia, na Escola Agrotécnica Federal, e tinha feito a Zootecnia 1. E aí ele me disse: ‘Pois eu quero ver você vacinar’. Em três dias, eu vacinei quinze mil pintos. Aí eu fiquei sendo vacinador de galinha. Subi de posto em três dias, larguei a bosta. Quando acabou a vacinação, passei pra selecionar ovo, ficar sentado e olhando os ovos passarem.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Os três primeiros meses na Grangel foram bons, mas depois Nazareno contou que, além das reivindicações, fizeram também greve. As reclamações eram o atraso do pagamento e o serviço de alimentação ruim. Em pouco tempo, a empresa fechou suas portas, deixando-o novamente desempregado (Almeida, 2020, p. 59).

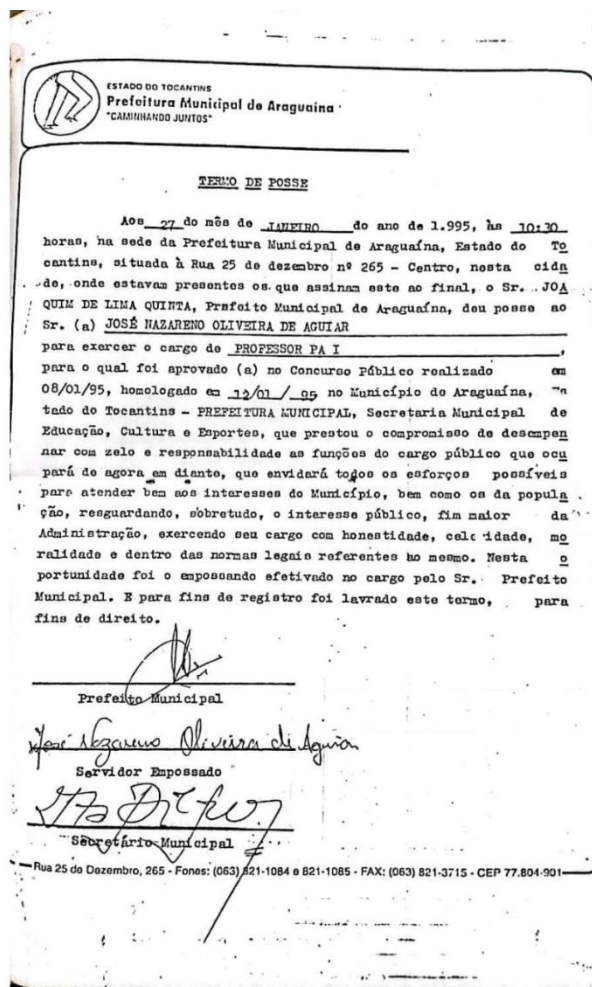
Esse momento de instabilidade, no entanto, o levou a uma nova fase de sua vida. Utilizando o conhecimento adquirido em cursos, Nazareno começou a dar aulas particulares para pessoas que desejavam passar no exame de acesso ao SENAI. Podemos dizer que essa experiência marcaria o início de sua jornada na educação. Esse trabalho como professor informal revelou uma aptidão que, mais tarde, o levaria a buscar uma carreira mais estável. Desse modo, Nazareno decidiu participar de um concurso público para professor em Araguaína, em 1994, depois de muito incentivo por parte de amigos e familiares. Ele lembra com humor:

“Minha tia disse: ‘Por que você não faz o concurso da prefeitura?’ Eu falei: ‘Não vou fazer, gastar dinheiro à toa’. Mas ela fez minha inscrição sem me avisar. Eu fui, fiz e passei em sexto lugar.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Assim, Nazareno tomou posse em 27 de janeiro de 1995 (Figura 5), iniciando sua carreira como professor, lotado na Escola Municipal José Ferreira Barros, mas exercendo a função de forma efetiva na Escola Municipal Branca de Neve, situada no Assentamento Rio Preto, zona rural de Araguaína/TO.

É importante comentar, antes de tudo, que, durante a pesquisa para reconstituir a memória da trajetória profissional de Nazareno, constatamos que muitos locais onde ele trabalhou ou foi lotado não possuem registros documentais organizados, dificultando a reconstrução de sua história por meio de dossiês. A única escola que apresentou um dossiê sobre sua passagem foi a Escola Municipal Dr. Simão Lutz Kossobutz, destacando-se como uma exceção nesse contexto de ausência e desorganização documental. Essa lacuna nos põe a refletir sobre os desafios na preservação dos documentos que asseguram a memória institucional, evidenciando como isso afeta, de certo modo, a reconstrução de histórias como a de Nazareno — uma figura relevante no contexto apresentado e que realizou notáveis contribuições para o ensino.

Figura 5 – Termo de Posse de José Nazareno Oliveira de Aguiar



ESTADO DO TOCANTINS
Prefeitura Municipal de Araguaína
"CAMMINHANDO JUNTOS"

TERMO DE POSSE

Aos 27 do mês de JANEIRO do ano de 1.995, às 10:30 horas, na sede da Prefeitura Municipal de Araguaína, Estado do TO, cantina, situada à Rua 25 de dezembro nº 265 - Centro, nesta cidade, onde estavam presentes os que assinam este ao final, o Sr. JOAQUIM DE LIMA QUINTA, Prefeito Municipal de Araguaína, deu posse ao Sr. (a) JOSÉ NAZARENO OLIVEIRA DE AGUIAR

para exercer o cargo de PROFESSOR PA I, para o qual foi aprovado (a) no Concurso Público realizado em 08/01/95, homologado em 12/01/95 no Município de Araguaína, Estado do Tocantins - PREFEITURA MUNICIPAL, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, que prestou o compromisso de desempenhar com zelo e responsabilidade as funções do cargo público que ocupará de agora em diante, que envidará todos os esforços possíveis para atender bem aos interesses do Município, bem como os da população, resguardando, sobretudo, o interesse público, fim maior da Administração, exercendo seu cargo com honestidade, eficiência, moralidade e dentro das normas legais referentes ao mesmo. Nesta oportunidade foi o empossando efetivado no cargo pelo Sr. Prefeito Municipal. E para fins de registro foi lavrado este termo, para fins de direito.

Prefeito Municipal

José Nazareno Oliveira de Aguiar
Servidor Empossado

[Assinatura]
Secretário Municipal

Rua 25 de Dezembro, 265 - Fones: (063) 821-1084 e 821-1085 - FAX: (063) 821-3715 - CEP 77.804-901

Fonte: Arquivo concedido pela Escola Municipal Dr Simão Lutz Kossobutzki

Cabe ressaltar que Araguaína é uma das maiores cidades do estado do Tocantins e passou por transformações significativas desde sua fundação, como o aumento da população e a expansão urbana. Por conta disso, a educação sempre foi uma área de atenção no município, com esforços para atender a uma demanda crescente por escolas e profissionais capacitados.

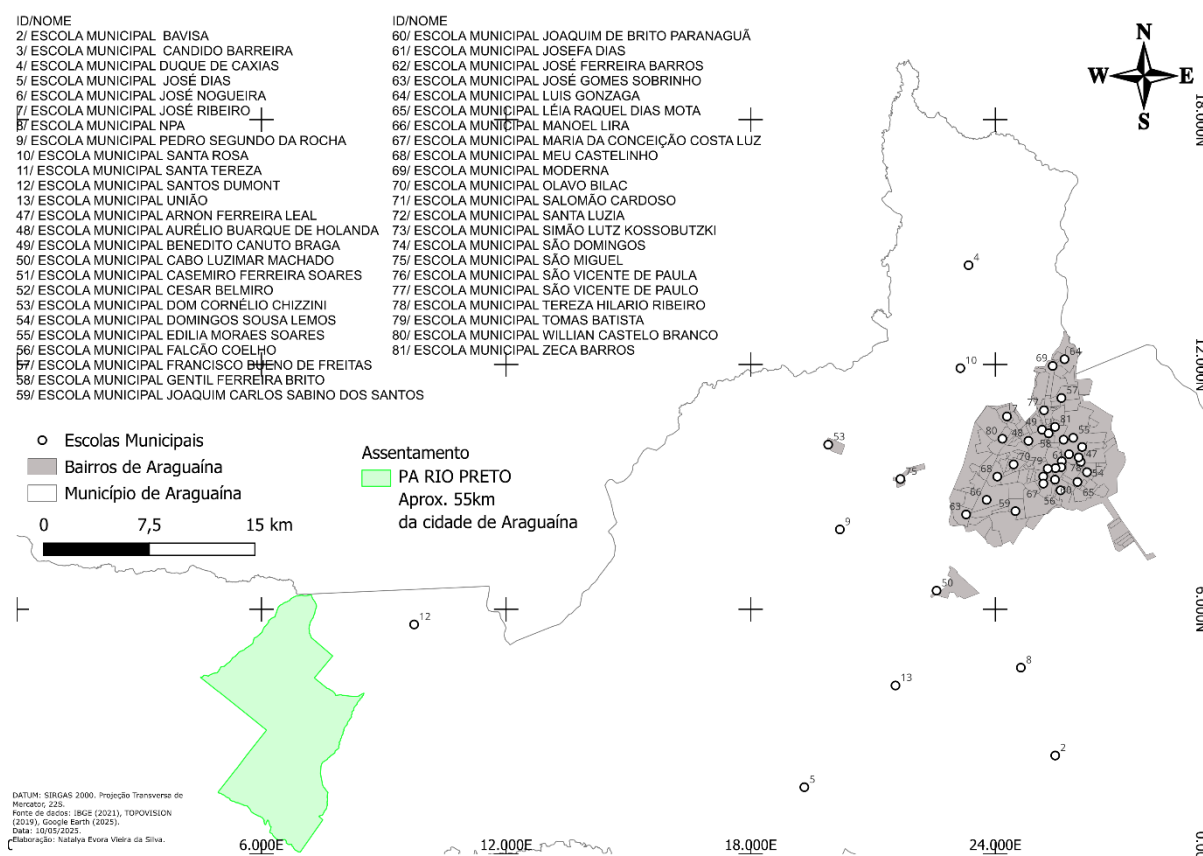
Infelizmente, não há registros com precisão de quantas escolas e creches havia em Araguaína quando Nazareno ingressou no município. Segundo a atual coordenadora do Censo Escolar da Secretaria Municipal de Educação, Doresnete Rodrigues, o censo dessa época era preenchido em um caderno que, por sua vez, era enviado à DREA (Delegacia Regional de Ensino de Araguaína). O quantitativo mais antigo que Doresnete conseguiu localizar corresponde ao ano de 2004, período em que Araguaína tinha 28 escolas urbanas, 22 escolas rurais e 20 creches. Esses dados, segundo a coordenadora, podem variar para mais ou para menos.

No entanto, Silvania Alves de Oliveira, que fez uma pesquisa sobre a cidade de Araguaína, afirma que a cidade enfrentou, ao longo das décadas, desafios estruturais comuns a regiões em desenvolvimento, como a falta de infraestrutura adequada em algumas escolas, fragilidades na formação continuada de professores e dificuldades para lidar com a alta evasão escolar, especialmente na zona rural (Oliveira, 2020).

Mesmo não tendo dados concretos sobre o cenário educacional de Araguaína quando da posse de Nazareno, sabemos que, atualmente, o município possui 37 escolas municipais na zona urbana, 11 escolas na zona rural e 31 CEIs (Centros de Educação Infantil) (Figura 6).

Para espacializar esses dados, apresenta-se, a seguir, um mapa com a localização de todas as escolas da rede municipal de Araguaína. Esse recurso visual permite compreender melhor a distribuição dessas unidades e a oferta de serviços educacionais na cidade.

Figura 6 – Mapa das Escolas Municipais de Araguaína-TO (Zona Urbana e Rural).



Fonte: Elaborado por Natalya Evora Vieira da Silva, 2024

Mesmo com os dados e localizações atuais das escolas, acreditamos poder lançar a hipótese de que, quando Nazareno tomou posse, a quantidade de escolas rurais, em relação às que estavam no centro urbano, não era muito diferente do que se verificava em 2004.

Mesmo ficando bem colocado (6º lugar), Nazareno acredita que, por ironia do destino ou dos orixás, ele foi parar, mais uma vez, no assentamento de onde saíra algum tempo atrás: “Fui dar aula, adivinha onde? Justamente lá aonde tinha o pé de mandioca (risos). Eu digo: ‘É o cão, é o satanás, é o pé de mandioca fela da puta que me ensinou, fez eu voltar pra lá como professor’. Eu não fui como arrancar mandioca, mas fui como professor lá da Escola Municipal Branca de Neve.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Ali, ele desempenhou um papel fundamental na formação dos estudantes, contribuindo para a consolidação da educação básica na região da zona rural de Araguaína. Com recursos limitados, alfabetizou crianças e deixou uma marca significativa na formação da comunidade. Ali, permaneceu nessa função até o ano 2000, e, nesse mesmo ano, assumiu a direção da Escola Municipal José Ferreira Barros, conforme documento abaixo.

Quadro 2 – Lotações de José Nazareno no município de Araguaína/TO entre 1995 e 2019.

Datas	Locais de Lotação	Cargo de atuação
27/01/1995 a 2000	17.143 - MAG. E.M. JOSE FERREIRA BARROS	Professor Diretor de Unidade Escolar
01/04/2006	5.821 - DEP. PROD. E EVEN.CULTURAIS[U2]	Superintendente
01/05/2009	17.148 - COORD. PEDAGÓGICO DE ENS.	Coordenador Pedagógico
01/03/2010	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Coordenador Pedagógico
01/08/2010	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Coordenador Pedagógico
01/04/2011	18.607 - DEP. ADMINISTRATIVO	Coordenador Pedagógico
01/06/2011	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Coordenador Pedagógico
01/07/2011	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Coordenador Pedagógico
01/07/2012	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Coordenador Pedagógico
01/08/2012	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Coordenador Pedagógico
01/08/2013	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Supervisor Pedagógico
01/03/2015	17.140 - MAG. E.M. ZONA RURAL	Supervisor Pedagógico
20/11/2017	17.1393 - MAG. E.M. DE CAMPOS/ JOSE NOGUEIRA	Supervisor Pedagógico
01/05/2019	17.1379 - SEC.MUL.DE EDUCACAO - SEMED-	Supervisor Pedagógico

	TESOURO	
01/10/2019	17.1394 - MAG. E.M. DE CAMPOS/ JOSE RIBEIRO SANTOS	Supervisor Pedagógico

Fonte: Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Araguaína, 04/11/2024.

De acordo com o Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Araguaína, a trajetória profissional de Nazareno foi marcada pela diversidade de funções que ele exerceu nas instituições educacionais do município. Todos os locais de lotação de Nazareno fazem parte da Secretaria Municipal de Educação, conforme sintetizado no quadro apresentado acima, a partir dos dados fornecidos pelo departamento no dia 04 de novembro de 2024.

Conforme o quadro fornecido pelo Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura de Araguaína, é possível visualizar as unidades escolares onde Nazareno esteve oficialmente lotado ao longo de sua carreira, que se estendeu de 1995, ano de seu ingresso no magistério, até 2019. O quadro repassado pelo departamento não menciona o ano de 2020 e o ano de 2021, ano de seu falecimento. Contudo, segundo a secretária da zona rural, Fabiana Ferrari, nesse período Nazareno exerceu a função de supervisor pedagógico.

Após alguns anos atuando como professor, Nazareno assumiu novas responsabilidades administrativas e pedagógicas, demonstrando seu compromisso com a educação pública. Em 1º de abril de 2006, foi nomeado superintendente no Departamento de Produção e Eventos Culturais, uma posição que reflete sua habilidade em articular a educação com atividades culturais. Ele foi responsável por inserir as fanfarras nas escolas da zona rural nesse período, segundo sua irmã Silvia, em entrevista.

A partir de 2009, José Nazareno começou a exercer funções voltadas à coordenação pedagógica. Ele atuou como coordenador pedagógico em diversas escolas municipais, começando pela Coordenação Pedagógica de Ensino em maio daquele ano. Entre 2010 e 2012, trabalhou na Escola Municipal da Zona Rural, também na função de coordenador pedagógico, evidenciando sua dedicação ao desenvolvimento educacional das áreas rurais.

Em agosto de 2013, Nazareno foi promovido a supervisor pedagógico na mesma escola, função que manteve em diversas instituições de ensino da zona rural ao longo dos anos seguintes. Ele continuou contribuindo para a gestão educacional até 2019, passando por escolas como a E. M. de Campos José Nogueira e a E. M. de Campos José Ribeiro Santos. Além disso, exerceu a função de supervisor pedagógico na Secretaria Municipal de Educação (SEMED) até 2021. Sua trajetória é marcada pela transição de um papel exclusivamente docente para posições de liderança pedagógica e administrativa, refletindo sua capacidade de adaptação e sua

habilidade política em Araguaína, seja no espaço urbano ou rural. Sua atuação em diversas escolas e departamentos educacionais evidencia sua dedicação e impacto na formação de políticas educacionais locais.

Para compreender o percurso de Nazareno enquanto educador, as memórias narradas tanto por ele quanto por seus colegas de trabalho foram essenciais. Maria Alves da Silva, colega de Nazareno, relatou como o conheceu: “O Nazareno, eu conheci ele no assentamento Rio Preto, também como professor, ele trabalhava lá na escola Branca de Neve, né?” (Maria Alves da Silva, 2024). Maria também havia trabalhado no projeto de produção de farinha, e ambos se conheceram atuando posteriormente como professores no assentamento. Ela descreveu sua vivência no assentamento e o percurso até à docência, ressaltando o impacto transformador da educação em suas vidas:

Eu morava no assentamento Rio Preto, né? Município de Araguaína. Antes de eu ir para lá, eu morava em Santa Fé do Araguaia, no assentamento Andorinha. Lá, a gente mexia mesmo só com roça, fazendo farinha. Aí eu vim para Araguaína em 1994. Minha cunhada morava no assentamento Rio Preto, e surgiu uma vaga de professora. Ela me convidou e eu disse: ‘Mas como que eu vou, se eu só tenho o quinto ano do ensino fundamental?’. Ela respondeu: ‘Você vai aprendendo’. Trabalhei como professora em 1995. Depois, surgiu o PROFORMAÇÃO, e eu me inscrevi para fazer. Como eu não tinha o ensino médio, tive que fazer uma prova para obtê-lo. (Maria Alves da Silva, 2024).

A trajetória de Maria Alves da Silva representa a realidade de muitos professores da época no norte tocantinense. Programas federais como o PROFORMAÇÃO (Programa de Formação de Professores Leigos), de 1999, e o PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), de 2009, contribuíram para a formação de docentes que exerciam a profissão sem habilitação legal. Se é através do PROFORMAÇÃO que Maria se habilita, é pelo PARFOR que Nazareno vai se formar em Pedagogia.

Em entrevista concedida a Cleyton Gomes de Almeida (2019), Nazareno refletiu sobre os desafios iniciais de sua carreira profissional e como esses desafios o levaram a considerar o futuro que desejava construir. Ele descreveu como suas experiências profissionais se entrelaçaram com a espiritualidade, destacando o papel transformador que a religião desempenhou em sua vida. A relação entre a profissão e a espiritualidade de Nazareno será explorada em maior profundidade no capítulo três desta dissertação.

Nazareno personificava a ideia de que a liderança educacional vai além da gestão administrativa, envolvendo o compromisso com a inclusão, a transformação de percepções e o fortalecimento do sentimento de pertença. Sua trajetória evidencia a importância de uma atuação sensível às dinâmicas sociais, especialmente em regiões onde a escola pode se tornar

um importante vetor de desenvolvimento comunitário, como aquelas em que ele atuou durante sua carreira na zona rural.

Cada uma das funções exercidas por José Nazareno reflete papéis específicos e fundamentais para o funcionamento e desenvolvimento das instituições educacionais, especialmente no contexto da educação pública municipal de Araguaína. Assim, é importante esclarecer as responsabilidades associadas a cada cargo desempenhado por ele, de acordo com o Regimento Escolar do município de Araguaína — documento responsável por estabelecer as funções desempenhadas pelos profissionais da educação e regulamentá-las.

Assim, como professor da zona rural, além de ministrar aulas, ele precisava adaptar suas práticas pedagógicas à realidade local, frequentemente assumindo o papel de agente comunitário e mediador de questões sociais que impactam o ambiente escolar. Segundo relato de Maria Alves, em mensagem de áudio via WhatsApp, ela descreve a realidade do ensino na zona rural de Araguaína no ano de 1995, quando ingressou na rede de ensino junto com José Nazareno. Ela mostra como eles enfrentaram desafios significativos, como a dificuldade de acesso e a infraestrutura limitada:

A maioria das dificuldades era a falta de acesso, as estradas eram muito ruins, e o transporte escolar quase não existia. Naquele tempo, quando eu trabalhava lá, o transporte era disponibilizado apenas a cada quinze dias. As escolas também tinham uma infraestrutura muito precária. Os banheiros eram do tipo privada, sem descarga, e não havia internet. A merenda escolar precisava ser levada pelos próprios professores no caminhão de linha, pois a Secretaria de Educação não disponibilizava transporte para esse fim. Outro grande desafio era o ensino em turmas multisseriadas, pois a maioria dos professores que ingressaram naquela época na zona rural não tinha nível superior, nem mesmo formação em magistério. Então, as dificuldades eram muitas: acesso, infraestrutura precária e desafios inerentes ao ensino multisseriado. (Maria Alves, áudio via WhatsApp em 01/04/2025)

O Regimento Escolar também define as responsabilidades do gestor escolar. Conforme disposto no Art. 76, o gestor da instituição de ensino organiza, gerencia, coordena e avalia as atividades pedagógicas, administrativas, financeiras e jurídicas da unidade escolar, sempre em conformidade com os princípios constitucionais. Dessa forma, ele assume um papel essencial na garantia do funcionamento eficiente das escolas e no cumprimento das diretrizes educacionais estabelecidas pela Secretaria de Educação.

O Regimento ainda especifica as atribuições do coordenador pedagógico. Conforme o Art. 89, o coordenador pedagógico deve ser professor efetivo com formação em Pedagogia, Normal Superior com complementação pedagógica ou licenciatura plena com pós-graduação específica na área de educação, além de possuir experiência mínima de dois anos em docência. E, por sua vez, o supervisor pedagógico atua em uma perspectiva mais ampla, acompanhando

e avaliando os processos educacionais de diversas escolas de uma mesma rede. Sua função é identificar problemas e propor soluções pedagógicas, articulando estratégias entre as escolas e a Secretaria Municipal de Educação, visando à melhoria do ensino e ao alinhamento das práticas pedagógicas às políticas públicas educacionais.

O exercício de múltiplas funções por Nazareno, abrangendo diferentes níveis de responsabilidade, está diretamente relacionado às suas conexões com políticos locais da época, uma vez que, para assumir cargos como diretor de unidade escolar e supervisor pedagógico, era necessária indicação política. Essas posições envolviam não apenas o trabalho direto com os alunos, mas também atividades relacionadas à gestão e supervisão pedagógica, evidenciando uma articulação entre suas relações políticas e a operacionalização das funções educacionais no município de Araguaína.

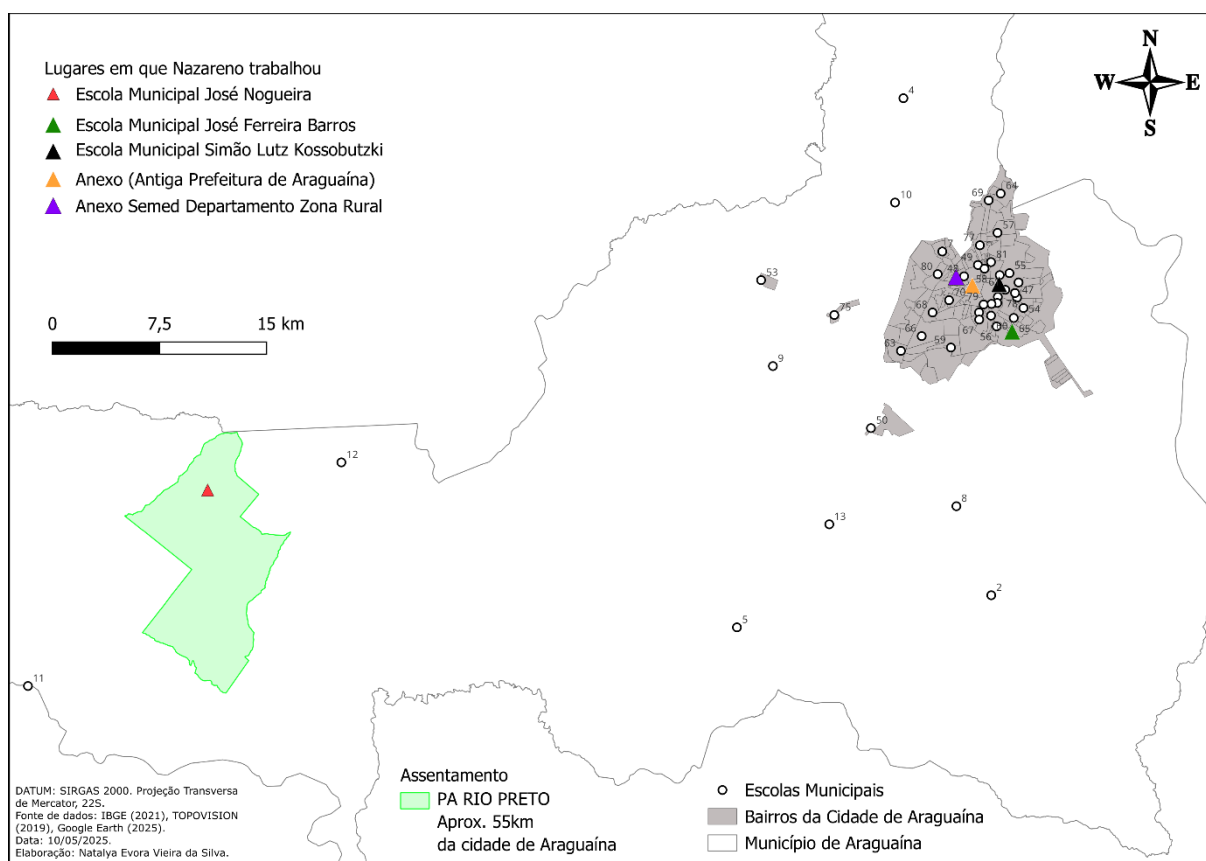
É preciso enfatizar que há situações em que as informações do quadro de lotação disponibilizado pelo Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Araguaína não refletem integralmente a realidade prática da atuação de Nazareno. Um exemplo significativo é o caso de unidades escolares na zona rural. Embora o quadro indique que Nazareno esteve lotado na Escola Municipal José Ferreira Barros, entrevistas realizadas com o próprio Nazareno, concedidas à professora Sariza O. C. Venâncio (2012), e relatos de outras fontes orais colhidos após seu falecimento apontam que ele também lecionava na Escola Branca de Neve, na zona rural.

Essa escola, que posteriormente foi extinta, não aparece nos registros oficiais do quadro, o que demonstra uma lacuna entre o local oficial de lotação e o local efetivo de exercício de suas funções. Essa discrepância ilustra a falta de compromisso com a memória e a falta de organização documental da prefeitura, além das dificuldades em reconstruir com precisão a trajetória profissional de Nazareno, especialmente em contextos rurais e em escolas que deixaram de existir.

Inicialmente, Nazareno foi lotado como professor na Escola Municipal José Ferreira Barros, localizada no Setor Céu Azul, na zona urbana de Araguaína. No entanto, apesar de ser lotado nesta escola, ele foi designado para lecionar no Projeto de Assentamento Rio Preto, região rural distante 100 km de Araguaína. Essa realidade evidencia o contexto de mobilidade e os desafios enfrentados por Nazareno em sua carreira educacional, com o deslocamento entre a zona urbana e as áreas rurais do município. A **Figura 7** representa os locais onde José Nazareno atuou na rede municipal, permitindo visualizar a abrangência de sua atuação educacional. O destaque do mapa está na região do assentamento, marcada em verde-claro, onde se localiza a Escola Municipal José Nogueira — indicada com o símbolo de um triângulo

vermelho. Essa escola, que já existia em 1995, quando Nazareno tomou posse, segue em funcionamento até os dias atuais. Na época, ela funcionava como sede e dava suporte a outras unidades escolares no assentamento, as quais, com o tempo, foram desativadas, restando hoje apenas a sede em atividade.

Figura 7 – Localização das escolas em que Nazareno atuou (Zona Urbana e Rural).



Fonte: Elaborado por Natalya Evora Vieira da Silva, 2024.

O mapa acima, no ponto destacado com um triângulo na cor vermelha, indica a localização da Escola Municipal José Nogueira. Embora esta tenha sido uma das unidades em funcionamento no período em que José Nazareno atuou na rede municipal, não foi nela que ele iniciou sua trajetória como professor. Sua primeira lotação ocorreu na Escola Branca de Neve, situada no Assentamento Rio Preto, distante aproximadamente 15 km da Escola José Nogueira. Não foi possível identificar a localização exata da antiga Escola Branca de Neve, uma vez que ela, assim como outras escolas que existiam no assentamento, foi desativada há muitos anos.

Para obter mais informações, estabeleceu-se contato, por meio de mensagens via WhatsApp, com a Sra. Maria Alves, uma das entrevistadas desta pesquisa, que trabalhou com

Nazareno na mesma época e, posteriormente, se aposentou como diretora das escolas da zona rural de Araguaína.

Segundo relato enviado por áudio, em 16 de maio de 2025, Maria Alves explicou que, em 1995, o Assentamento Rio Preto contava com sete escolas. Ela destacou que a Escola Branca de Neve estava localizada em uma área popularmente conhecida como “Atoleiro”, dentro dos limites do assentamento. Em suas palavras:

Lá era conhecido como Atoleiro, o nome, entendeu? Tinha a sede, que era a escola José Nogueira; tinha a Branca de Neve, que era no atoleiro; tinha a Santa Teresa, que era na ilha; tinha Cristo Rei, que era na área da mata. Entendeu? Cada uma tinha assim o lugar que o povo chamava. Aí, quando fechou lá [a Branca de Neve], os alunos foram estudar na José Nogueira, porque de lá pra José Nogueira dá uma faixa de 15 km. (Maria Alves, 2025)

O Assentamento Rio Preto está localizado no município de Araguaína, a cerca de 100 quilômetros da sede urbana. Possui uma área total de aproximadamente 9.681 hectares (cerca de 2.000 alqueires), com predominância de solos arenosos e vegetação composta por reservas de mata, além de ser banhado por diversos cursos d’água, como os rios Atoleiro e Rio Preto, além de córregos e represas que integram a paisagem local (Moura Junior, 2023, p. 67).

A história do assentamento remonta à década de 1990, quando trabalhadores rurais, moradores da área e membros do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se mobilizaram pela reforma agrária. Esse processo resultou na desapropriação da Fazenda Rio Preto, que pertencia a Miguel Cury, por meio da Ação de Desapropriação por Interesse Social, conduzida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A regularização das terras foi formalizada em 14 de novembro de 2000 (Moura Junior, 2023, p. 68).

Com a formalização, o assentamento passou a ser composto por 210 lotes, organizados em três setores principais:

- 1) **Ilha** – Uma área delimitada por dois córregos, que a separam dos demais setores.
- 2) **Mata** – Região que, no início da formação do assentamento, era coberta por vegetação densa.
- 3) **Sede** – Local onde se situava a antiga fazenda e que se tornou o centro organizacional da comunidade, abrigando também a escola do assentamento.

Com a criação do assentamento, muitas mudanças ocorreram para a população local. Destacamos o fato de que a economia local passou a se basear principalmente na agricultura familiar, com destaque para o cultivo de milho, feijão, arroz e mandioca, além da criação de

bovinos, suínos e aves. Destacamos, ainda, a construção da escola em que Nazareno seria depois alocado.

O Assentamento Rio Preto é um exemplo de como o processo de luta pela terra no Brasil pode valer a pena quando marcado pela mobilização social e pela resistência.

Para compreender melhor o contexto territorial e social onde se insere parte significativa da vida e atuação de figuras como José Nazareno, é fundamental observar os espaços que simbolizam a luta por direitos e dignidade no norte do Tocantins. Um desses espaços é o Assentamento Rio Preto (**Figura 8**), fruto de mobilizações por reforma agrária que refletem a persistência e a organização das comunidades locais.

Figura 8 - Localização do Assentamento Rio Preto



Fonte: Elaborado por Natália Evora Vieira da Silva, 2024

Este contexto destaca a diversidade de ambientes em que Nazareno atuou, refletindo a amplitude de sua dedicação à educação e de sua inserção social, não apenas na zona urbana, mas também em áreas rurais de difícil acesso. Essa visualização contextualiza os desafios logísticos e a importância do trabalho de Nazareno na expansão e no fortalecimento da educação no município de Araguaína.

Para enriquecer a compreensão sobre a trajetória de Nazareno na educação em Araguaína, é importante considerar os relatos de pessoas que viveram essa experiência ao seu lado. A entrevista de Maria Alves, uma das colegas de trabalho de Nazareno, oferece um relato sobre o início de sua atuação e da amizade com ele:

O Nazareno, eu conheci ele no assentamento Rio Preto, também como professor. Ele trabalhava lá na escola Branca de Neve, né? (...) Foi em 2000, 99... 2000, 2001. (...) Ele trabalhou como professor, é porque no assentamento tinha sete escolas na época, né? E uma das escolas ele trabalhava. Aí, quando ele saiu de lá, ele veio para cá também, para a SEMED, né? Trabalhar como coordenador... Não como coordenador, ele era orientador das escolas do campo. (...) Ele veio primeiro do que eu. Aí ele ficou, ele era o meu coordenador, entendeu? Ele era meu coordenador. Aí, quando foi em 2010, ele voltou novamente para o Rio Preto, para a mesma escola que eu trabalhava, como coordenador da própria unidade, né? Aí ele ficou lá um ano, aí saiu, voltou de novo para a SEMED, né? Quando ele saiu, eu assumi a coordenação de lá. Aí ficamos amigos, mas a gente se conhece há um bom tempo, desde 1999. (Maria Alves da Silva, 2024)

O relato de Maria Alves reforça as informações presentes no quadro do Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Araguaína, evidenciando a trajetória diversificada de Nazareno na educação. Ao longo de sua carreira, ele exerceu diferentes funções, atuando como coordenador pedagógico, orientador das escolas rurais, diretor escolar, superintendente e integrante do Departamento de Produção e Eventos Culturais.

Assim como Maria, Fabiana Ferrari, por mensagem via WhatsApp, nos contou que, no seu chá de casamento, em 2016, no restaurante La Fontana, Nazareno lhe deu de presente um jogo de sobremesa de inox. Fabiana também compartilhou um pouco de sua experiência pessoal com Nazareno, lembrando com carinho de como ele a acolheu em seu ambiente de trabalho: “Ele tinha o coração muito bondoso, me acolheu muito bem quando cheguei” (Fabiana Ferrari, 2024).

Seu depoimento é significativo, pois reflete o caráter afetuoso e acolhedor de Nazareno — qualidades que serão destacadas por outras pessoas tanto no ambiente profissional quanto nas relações pessoais e no povo de santo. Sua fala remete às contribuições de Alessandro Portelli (2016), que enfatiza a importância da abordagem interpretativa das memórias dos entrevistados, destacando a profundidade emocional presente em seus relatos. Em vez de focar exclusivamente na precisão factual dos relatos, o autor defende que o valor das memórias reside na forma como os indivíduos as reinterpretem, oferecendo uma visão autêntica de suas percepções, sentimentos e dos significados atribuídos ao passado.

É a partir desse afeto que Fabiana Ferrari compartilhou conosco a foto abaixo, que registra um momento descontraído entre Nazareno e outras colegas de trabalho. Na imagem, José Nazareno se destaca como a única presença masculina entre as mulheres.

Figura 9 - Colegas de trabalho e amigas de Nazareno em 2016.



Fonte: Foto cedida por Fabiana Ferrari colega de trabalho de Nazareno.

Essa característica acolhedora e de dedicação de Nazareno parece ter contribuído para seu trabalho no sistema educacional. Em 1995, quando Nazareno ingressou como professor auxiliar na rede municipal de Araguaína/TO, a educação local ainda estava em fase de expansão. Sua atuação foi importante para o apoio e crescimento das instituições de ensino rural, segundo os relatos dos entrevistados que trabalharam com ele. Quando questionada sobre o impacto de José Nazareno no ambiente de trabalho da equipe na zona rural, a entrevistada Maria Alves da Silva destacou sua habilidade como alfabetizador e a conexão que ele estabelecia com o local: “Nazareno era um professor muito bom, e alfabetizava de forma excelente. Os alunos gostavam dele, e a comunidade também” (Maria Alves da Silva, 2024).

Essa relação positiva marcou profundamente os amigos e a comunidade, a ponto de sua memória ainda ser viva na localidade de Rio Preto e entre os colegas da SEMED:

(...) Ele era um alfabetizador muito bom, ele era um professor, né? Então, ele alfabetizava muito bem, e os alunos todos gostavam dele, a comunidade gostava dele, então aquilo foi uma lembrança que ficou. E hoje, lá no Rio Preto, se falar quem foi Nazareno, todo mundo sabe, né? Até mesmo na SEMED aqui também sabe, porque o convívio dele na escola do campo, né? (Maria Alves da Silva, 2024).

Outra colega de trabalho de Nazareno, Aurélia de Souza Santos, descreve outras qualidades dele enquanto educador. Ela relembrou sua relação profissional e pessoal com ele, enfatizando sua bondade e dedicação ao próximo:

Nazareno eu já conhecia antes, né? Na educação, né? Mas não tinha... não tinha trabalhado com ele. E, se eu não me engano, foi em 2003 que eu comecei a trabalhar no departamento da zona rural, onde ele estava como coordenador. A princípio, ele era um pouco fechado, mas aí, como me simpatizei muito com ele, fiquei puxando assunto até a gente se tornar amigos, né? Bastante amigos. O Nazareno era uma pessoa muito bondosa (...) ele fazia o bem para as outras pessoas, de caridade, ajudava parentes, ajudava pessoas da zona rural onde ele trabalhava. E ele sempre estava disposto a ajudar o departamento. Tanto é que ele tinha o salário dele, e ele sempre andava bem simples, porque todo o dinheiro que ele recebia era para ajudar as pessoas que moravam com ele, né? E aí, sempre nos demos muito bem em todos os sentidos — de amizade, de companheirismo profissional também. A gente sempre deu muito certo. (Aurélia de Sousa Santos, 2024)

Para compreendermos melhor essa construção da imagem póstuma de Nazareno, podemos recorrer às reflexões de Silva e Veras (2016) sobre a escrita hagiográfica analisada no contexto das biografias protestantes no Brasil. Segundo os autores, a hagiografia, enquanto gênero biográfico, busca construir narrativas que exaltam determinadas figuras, enfatizando suas virtudes e feitos considerados exemplares. Esses relatos não são apenas descrições factuais, mas organizam os eventos de maneira a produzir um sentido edificante, conferindo ao personagem biografado um papel modelar dentro de um determinado contexto religioso. Assim, a biografia assume um papel de transmissão de valores e de referência para seus leitores.

Dentro desse contexto, podemos considerar a narrativa sobre Nazareno como uma construção que compartilha elementos da hagiografia, uma vez que, ainda que não seja escrita, a biografia ouvida sobre Nazareno busca mostrar como ele era um professor, amigo, filho e Pai de Santo exemplar. A maneira como Aurélia de Souza Santos descreve suas qualidades ressalta traços que vão além de sua atuação profissional, criando um discurso que o posiciona como uma figura inspiradora. Esse tipo de abordagem se aproxima do que Silva e Veras (2016) chamam de “operação hagiográfica”, na qual o biografado é retratado por meio de uma combinação de suas virtudes e feitos marcantes.

Ademais, a hagiografia se distingue da história acadêmica por não estar necessariamente presa à cronologia dos eventos, mas sim à organização de sua narrativa em torno do que é considerado significativo dentro do contexto em que foi produzida. Silva e Veras (2016), em diálogo com Michel de Certeau, destacam que esse modelo de escrita se baseia na seleção de fatos que reforçam uma ideia central de exemplo e inspiração, muitas vezes utilizando uma linguagem que reforça a imagem quase heroica da pessoa retratada. Dessa forma, acreditamos

poder dizer que a forma como Aurélia de Souza Santos descreve Nazareno, assim como outros entrevistados, se configura como uma operação hagiográfica. A memória que se constrói dele enfatiza suas qualidades e valores de forma edificante, criando um discurso que vai além da simples descrição factual de sua atuação com diferentes sujeitos.

O relato de Aurélia de Souza Santos sobre José Nazareno insere-se em uma construção narrativa que ultrapassa a mera evocação de um colega de trabalho. Sua fala delineia um personagem cuja trajetória se enraíza em uma lógica em que os acontecimentos narrados não são apenas registros objetivos, mas elementos que adquirem significado dentro de uma construção discursiva de produção de uma figura exemplar, cuja memória se perpetua na oralidade como um modelo a ser seguido.

Nazareno é lembrado não apenas como coordenador do Departamento da Zona Rural, mas como alguém que exercia a pedagogia como vocação, transbordando suas funções institucionais em gestos de afeto e acolhimento. Seu salário, mais do que um meio de subsistência pessoal, tornava-se um instrumento de auxílio a parentes e moradores da zona rural, reforçando a imagem de um educador que encarnava a ideia de serviço ao próximo. Essa característica aproxima sua memória da tradição hagiográfica, na qual a santidade se manifesta no desapego material e na dedicação ao outro.

De acordo com os relatos, Nazareno parecia ter uma necessidade de separar sua vida profissional da sua vida particular e religiosa: “Ele era muito discreto, muito discreto” (Jacinta Ribeiro Lopes, 2024). Essa descrição, enfatizada por Jacinta, parece reforçar não apenas a discrição de Nazareno sobre sua homoafetividade e afro-religiosidade no ambiente de trabalho, como também evidencia a necessidade que ele tinha de ocultar certas partes de sua vida pessoal devido ao contexto de preconceitos da sociedade. O que muitos viam como uma escolha consciente de “separar” vida profissional e pessoal parece poder ser compreendido como uma estratégia de sobrevivência em um ambiente onde sua religiosidade e orientação sexual poderiam ser alvos de discriminação. Embora Maria Alves tenha destacado sua habilidade em manter boas relações com os colegas e sua aparente transparência sobre a fé, essa suposta abertura se dava dentro dos limites do que era socialmente aceitável e entre aqueles e aquelas que eram amigos mais próximos. Mais do que preservar sua intimidade, Nazareno precisava se mover com cautela, muitas vezes usando de brincadeiras para ser aceito e transitar nesses espaços sem sofrer represálias ou ter sua legitimidade profissional questionada.

Ele não escondia de ninguém que era Pai de Santo. Quando a gente falava alguma coisa, ele dizia: “Eu vou te botar uma febre. Vai dar uma febre hoje, tu vai ver quando

chegar em tua casa.” Era brincadeira dele, porque ele sempre brincava muito com a gente. (Maria Alves da Silva, 2024)

Apesar dessa abertura para brincar e comentar sobre sua religiosidade, Maria ressaltou ainda que “ele nunca nos convidou para conhecer o terreiro, mas falava sobre o trabalho dele e comentava muito sobre a religião, sempre em tom amistoso e respeitoso. No trabalho, era sempre muito profissional” (Maria Alves da Silva, 2024). Aurélia de Sousa Santos complementou que Nazareno, ocasionalmente, relatava situações relacionadas ao seu trabalho espiritual, especialmente envolvendo crianças:

Às vezes, ele comentava de alguma situação de criança que estava, segundo ele, possuída. E aí, essa criança ia lá para o terreiro dele com a mãe. Ele conseguia tirar, e isso deixava ele bem fraco. Eu acho que espiritualmente isso deve puxar bastante energia dele. Ele sempre contava algumas histórias assim, e a gente ficava: “Não, Nazareno, meu Deus, aconteceu isso?” E ele dizia: “Sim, mas eu consegui tirar.” (Aurélia de Sousa Santos, 2024)

O relato de Maria Alves e Aurélia de Sousa Santos revela uma dinâmica que poderia ser interpretada como contraditória na forma como Nazareno abordava sua religiosidade no ambiente de trabalho, visto que, embora ele comentasse sobre sua fé e relatasse experiências espirituais, ele nunca convidou os colegas a conhecerem seu terreiro. Contudo, nos parece que Nazareno, como um bom educador, usava da estratégia de ensinar sobre a Umbanda a partir de sua experiência pessoal, e só então, a partir daí, quem tivesse interesse em visitar seu terreiro se manifestaria. Acreditamos que suas ações acabaram por evitar possíveis julgamentos ou marginalizações em um contexto em que as religiões de matriz africana ainda enfrentam muito preconceito.

Brás Alves de Noleto, professor da rede municipal, onde foi colega de trabalho de Nazareno, reforçou essa característica dele, comentando que, embora os colegas soubessem de sua atuação como Pai de Santo, ele não fazia disso um tema central em suas interações. Nas palavras de Brás: “[...] os colegas sabiam que ele era Pai de Santo. Não porque ele falava, mas muita gente comentava que ele era, entendeu?” (Brás Alves de Noleto, 2024). Mesmo em turmas predominantemente compostas por pessoas de religiões hegemônicas, como o cristianismo, Nazareno era respeitado, segundo o professor Brás: “As turmas de Pedagogia eram cheias de pessoas de religiões dominantes, mas ninguém nunca tocou no assunto de forma desrespeitosa. Pelo contrário, acho que todos tinham muito respeito por ele” (Brás Alves de Noleto, 2024).

Esses relatos evidenciam que Nazareno era respeitado por sua postura ética, capacidade de diálogo e dedicação à profissão e aos estudos. No entanto, sua maneira de abordar a religiosidade no ambiente de trabalho sugere mais do que um simples equilíbrio entre fé e profissão — indica a necessidade de negociar constantemente sua identidade para evitar conflitos ou questionamentos. Além disso, sua habilidade em lidar com situações espirituais complexas era reconhecida, mas, ao mesmo tempo, percebia-se um tom de surpresa e exotização nos relatos de seus colegas entrevistados. Isso revela como, mesmo sendo respeitado, sua atuação espiritual era vista com certo distanciamento, reforçando a ideia de que sua aceitação nos espaços institucionais exigia uma constante administração de sua identidade. Assim, o que à primeira vista pode parecer uma convivência harmônica pode, na verdade, esconder tensões e limitações impostas pelo contexto social e profissional.

Esse enfoque é relevante para o estudo das reconstruções da memória sobre Nazareno, cuja presença permanece viva nas lembranças e afetos de sua comunidade. Portelli (2016) valoriza essa memória afetiva como um recurso legítimo para a reconstrução histórica, possibilitando que os entrevistados revelem não só os fatos, mas também suas interpretações e sentimentos sobre Nazareno. Como narra Aurélia Santos, a figura de Nazareno era marcada por qualidades que vão além de sua atuação profissional, pois ele era “muito prestativo, muito atencioso, sempre me ajudou. Toda vez que eu precisei dele, ele me ajudava. Muito bom na escrita, de fazer ofício, de entender das leis, um bom estudioso. Ele sempre me ajudou bastante no trabalho” (Aurélia de Sousa Santos, 2024).

Essa memória de Aurélia é um exemplo claro do valor que as narrativas orais, segundo Portelli (2016), trazem para a história. Para o autor, a história oral não deve ser vista apenas como um repositório de informações factuais, mas como um processo que envolve interpretações e significados atribuídos pelos próprios narradores às suas experiências. As lembranças de Aurélia não só revelam os feitos de Nazareno como profissional, mas também destacam suas qualidades humanas e a maneira como ele impactou a vida de quem o conheceu.

2.4 Da educação à política

A partir de sua trajetória no meio educacional, Nazareno passou a atuar em funções de destaque na administração pública municipal de Araguaína. Ao longo de sua carreira, ele desempenhou uma variedade de funções na educação, como já vimos. Sua inserção em diversas frentes do setor educacional fez com que, em 2004, ele buscasse se inserir de forma mais efetiva

no campo da política partidária. Assim, Nazareno se candidatou a uma vaga de vereador na cidade de Araguaína (Figura 10).

Figura 10 - Titulação de Nazareno para vereador

Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais Eleições 2004

Página Inicial / Regiões Brasileiras / Lista Candidatos / Candidato

Suplente

NAZARENO
Vereador - Araguaína/ TO
Partido Progressista - PP
11123

Deferido ⓘ
Situação Candidatura

****** ⓘ
Situação Partido/Federação/Coligação

Titular Última Atualização: 08/02/2017 15:36

Nome Completo: JOSE NAZARENO OLIVEIRA DE AGUIAR
Data de Nascimento: 26/10/1971 Gênero: Masculino
Cor / Raça: Estado Civil: Solteiro(a)
Grau de Instrução: Ensino Médio Completo Ocupação: PROFESSOR DE ENSINO DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS
Nacionalidade / Naturalidade: Brasileira Nata / TO-Araguaína
Candidato a reeleição: Não
Partido Isolado: UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA
Composição da Coligação: Não se aplica

Eleições ▼

Bens do Candidato ▼

Processos ▼

Fonte: Site de Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais do Tribunal Regional Eleitoral (2004), acessado em 20 dez. 2024.

Para evidenciar a participação de Nazareno no cenário político de Araguaína, apresentamos, acima, a captura de tela retirada do site oficial de Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais do Tribunal Regional Eleitoral (TRE). Este documento reforça a relevância histórica de sua atuação na política municipal. A imagem destaca informações sobre a candidatura de Nazareno, como o partido ao qual estava filiado e os dados oficiais de sua participação no pleito.

Esse documento complementa a análise sobre sua trajetória, conectando sua atuação política com os demais campos em que esteve engajado, como a educação e a religião, e reforça sua dedicação às causas coletivas de sua comunidade. Ele foi candidato pelo Partido Progressista (PP) e, embora não tenha sido eleito, sua campanha garantiu-lhe a posição de suplente, com a quantidade de 113 votos (Figura 11).

Figura 11 - Página do TRE que apresenta a posição de Nazareno na lista de candidatos eleitos e suplentes.

Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais 		
JORGE BARROS - JORGE LUIS DE SOUSA BARROS - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11222
JORGE FREDERICO - JORGE FREDERICO - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11456
MAGAL - JOAO FRANCISCO RAMOS DOS REIS - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11111
MARIA DE JESUS - MARIA DE JESUS FRANCA - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11612
MIGUEL DE OLIVEIRA - MIGUEL JOSE DE OLIVEIRA - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11120
NAZARENO - JOSE NAZARENO OLIVEIRA DE AGUIAR - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11123
ORIVAN DO INSS - ORIVAN GONCALVES DE LIMA - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	ELEITO	11211
RAIMUNDO PALITO - RAIMUNDO WILSON ULISSES SAMPAIO - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Média	11610
SOLDADO ALCIVAN - ALCIVAN JOSE RODRIGUES - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11777
TIAO DA MATERNIDADE - SEBASTIAO DA SILVA MORAIS - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11999
VILARINDO - FRANCISCO VILARINDO DA SILVA - UNIDOS PELO PROGRESSO DE ARAGUAÍNA	Suplente	11567

Fonte: Site de Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais do Tribunal Regional Eleitoral (2004), acessado em 20 dez. 2024.

Vale ressaltar que a candidatura de Nazareno foi apresentada no âmbito da coligação “Unidos Pelo Progresso de Araguaína”, formada pelos partidos Partido Progressista (PP), Partido Trabalhista Nacional (PTN) e Partido Social Cristão (PSC), alinhando-se ao projeto político local liderado por Valderez Castelo Branco, primeira mulher reeleita prefeita de Araguaína, que exerceu dois mandatos consecutivos entre 2001 e 2008. Durante sua administração, Valderez promoveu avanços em áreas como saúde, educação, infraestrutura e assistência social, recebendo prêmios de destaque regional e nacional. Sua gestão foi marcada por investimentos estratégicos no desenvolvimento do município, consolidando Araguaína como um dos principais centros urbanos e econômicos do estado do Tocantins.

No entanto, apesar desses avanços, sua administração também foi marcada por controvérsias e processos judiciais. Entre os episódios mais notórios está a condenação de Valderez, em 2021, por uso de documento falso durante seu mandato. O caso envolveu uma licença ambiental irregular emitida em 2008 para a canalização de córregos, o que levantou questionamentos sobre a transparência dos processos administrativos (G1 Tocantins, 2021). Outra questão amplamente explorada por seus críticos foi a doação irregular de lotes públicos. Segundo o Ministério Público Estadual, áreas destinadas à construção de praças foram desmembradas e doadas sem os devidos critérios legais, favorecendo aliados políticos (G1 Tocantins, 2019).

A contratação de servidores sem concurso público foi também alvo de críticas. Em 2013, a Justiça determinou o bloqueio de bens da ex-prefeita devido a contratações consideradas inconstitucionais. De acordo com os dados apresentados, mais da metade dos servidores municipais em 2007 foram admitidos de forma temporária, em desacordo com as exigências legais (Portal O Norte, 2013). A gestão ainda foi investigada por fraudes em licitações, como a suspeita de irregularidades em contratos para fiscalização eletrônica do trânsito (G1 Tocantins, 2018), e por doações de áreas públicas destinadas a reservas ambientais e espaços comunitários, cuja destinação a particulares foi considerada pelo Ministério Público como ato de improbidade administrativa (Portal Surgiu, 2011).

Ao abordar os avanços e os problemas da gestão de Valderez Castelo Branco, busca-se compreender as dinâmicas políticas e sociais que permeiam o exercício do poder no município, bem como sua posição como liderança de relevância no Tocantins. Após sua trajetória como prefeita, Valderez também atuou como deputada estadual e, atualmente, ocupa o cargo de Secretária Extraordinária de Ações Governamentais no governo estadual.

O vínculo entre Nazareno e a prefeita Valderez também é um aspecto relevante de sua trajetória, e merece destaque. Segundo Nazareno, a relação era antiga e marcada pelo compromisso com a educação: “Eu conheci a Valderez quando comecei a dar aula. Ela sempre foi muito envolvida com a educação e, de certa forma, ajudava a resolver algumas situações dentro das escolas. A gente conversava bastante, porque ela entendia os desafios que a gente enfrentava” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012). Embora não fossem amigos próximos, havia um diálogo constante e respeito mútuo: “Eu não vou dizer que éramos amigos próximos, mas ela me respeitava. Sabia do meu trabalho e do que eu representava para a comunidade. Quando precisei de apoio em alguns momentos, ela não virou as costas. Isso a gente tem que reconhecer” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Dessa relação mediada pela educação, surgiu um vínculo político mais direto. Nazareno participou ativamente da coligação “Unidos Pelo Progresso de Araguaína”, apoiada por Valderez. Embora não tenha sido eleito, ele rememora com orgulho sua atuação ao lado da prefeita:

“Na época da prefeita Valderez, eu fiz, a gente juntou e fizemos o carnaval de Araguaína que não existia. Foi na época da Valderez. A gente foi trabalhar junto com ela, fizemos a via sacra, a paixão de Cristo. Eu sou o figurinista da via sacra. Também fizemos festivais de quadrilha. Tinha duas quadrilhas que eu conduzia, que hoje é a Inhaca Pura, que na época era Pau-de-Arara e tinha a Inhaca Pura, e se juntaram e se tornaram uma só. E agora já não conduzo mais, já anda com as pernas dela mesmo.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Essa parceria pode ser reconhecida em dois sentidos. O primeiro está relacionado ao fato de que, após sua candidatura, Nazareno passou a ocupar funções administrativas na Secretaria Municipal de Educação, fora da sala de aula. Essa trajetória foi mantida até o final de sua carreira, quando permaneceu lotado na SEMED, demonstrando sua habilidade em transitar entre diferentes esferas da administração pública, independentemente de quem estivesse à frente do executivo municipal. O próprio Nazareno reconhecia esse papel:

“Sou amigo pessoal de qualquer um prefeito que entra. Como eu trabalho lá dentro, eu tenho que estar dando assistência, respaldos na hierarquia. Então, eu sou envolvido na política com os prefeitos, com os vereadores. Todo mundo me conhece dentro desse palco político dentro da cidade. Aí eu já realizei muitos trabalhos comunitários.”
(José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

O segundo reconhecimento dessa parceria veio na forma de uma Moção de Pesar, publicada por Valderez em 2021, após o falecimento de Nazareno (Figura 12). O documento evidencia o respeito e o carinho da comunidade e das autoridades locais por sua trajetória. Ao incluir esse registro na íntegra, pretende-se reforçar a importância de Nazareno não apenas no campo educacional, mas também em sua atuação política e comunitária. A moção sublinha o valor de sua contribuição como educador e cidadão comprometido, cuja presença continua reverberando na memória afetiva da cidade.

Figura 12 – Moção de Pesar dedicada a José Nazareno.



**ESTADO DO TOCANTINS
PODER LEGISLATIVO**

REQUERIMENTO S/Nº

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO TOCANTINS

Requer ao Excelentíssimo Senhor Presidente, Antônio Andrade, o envio de Moção de Pesar à Sra. Rosa Aguiar, extensivo a todos os familiares e amigos, pelo falecimento de seu filho, o Sr. José Nazareno Oliveira de Aguiar.

A Deputada estadual Valderez Castelo Branco vem, nos termos regimentais desta Augusta Casa de Leis, Requerer ao Excelentíssimo Senhor Presidente, Antônio Andrade, o envio de Moção de Pesar à Sra. Rosa Aguiar, extensivo a todos os familiares e amigos, pelo falecimento de seu filho, o Sr. José Nazareno Oliveira de Aguiar.

JUSTIFICATIVA

É com pesar que expressamos nossos sentimentos pelo falecimento do Professor da rede municipal de ensino de Araguaína-TO, o Sr. José Nazareno Oliveira de Aguiar. Deixa a mãe, Sra. Rosa Aguiar, as irmãs Sílvia e Jacione; além do filho Heitor Aguiar.

É difícil aceitarmos a morte, mas temos como lenitivo o saber de que Deus, em sua infinita bondade, concedeu-nos seu único filho Jesus Cristo como sacrifício, para que tenhamos esperança na vida eterna. Nosso supremo Deus tem construído uma cidade onde não haverá morte, nem pranto, nem dor, como está em Apocalipse 21:4: "Porque as primeiras coisas são passadas".

Quando uma vida querida é ceifada, não há muito que dizer ou o que consolar, porque a sensação de perda que fica na alma não é possível de se descrever. Só nos resta o tempo, único que pode fazê-lo, para minimizar a dor. Por isso, manifestamos Votos de Pesar aos familiares e amigos, desejando-lhes que Deus Pai Todo Poderoso continue confortando-os, para que tenham em seus corações as boas lembranças e imagens que o mesmo deixou para todos.

Na oportunidade, peço que esta Moção de Pesar seja entregue à Sra. Rosa Aguiar, no endereço à Avenida Perimetral – 406 - Jardim Bouganville - Araguaína-TO

Sala das Sessões, 26 de Abril de 2021



VALDEREZ CASTELO BRANCO
DEPUTADA ESTADUAL

Fonte: Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins, Moção de Pesar nº 3162/2021

Esse reconhecimento formal reforça o vínculo entre Nazareno e Valderez Castelo Branco. Apesar de não ter sido eleito na ocasião de sua candidatura, sua participação política foi reconhecida por ela, evidenciando o respeito que conquistou tanto no âmbito político quanto no educacional, e ressaltando aspectos de sua atuação na memória coletiva de Araguaína. Destacamos também que a Prefeitura, ainda que de modo mais institucional e menos afetivo, publicou uma nota oficial no momento de seu falecimento, com os seguintes dizeres:

“É com imenso pesar que a Prefeitura de Araguaína recebe a notícia do falecimento do professor José Nazareno Oliveira de Aguiar nesta quinta-feira, 22, aos 49 anos, vítima de uma parada cardíaca após dar entrada no Hospital Regional de Araguaína. José Nazareno era professor da Rede Municipal de Ensino de Araguaína desde 1995, além de também ter exercido os cargos de diretor da Escola Municipal José Ferreira Barros, no Setor Céu Azul, e de superintendente da Educação na Zona Rural de Araguaína. Ele deixa um filho adotivo de 3 anos. Nossos sentimentos aos familiares e amigos, que Deus possa confortar e dar forças neste momento de dor.” — Wagner Rodrigues Barros | Prefeito de Araguaína. Prefeitura de Araguaína. *Professor e fundador de Centro Espírita sofre parada cardíaca e morre aos 49 anos em Araguaína*. AF Notícias, 22/04/2021. Disponível em: <https://afnoticias.com.br/cidades/professor-e-fundador-de-centro-espirita-sofre-parada-cardiaca-e-morre-aos-49-anos-em-araguaina>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Antes de analisarmos as moções de pesar, é importante contextualizar a figura de Nazareno como pai. A entrevistada Grazielle Formiga da Silva, filha de santo dele, narra de forma detalhada como tudo ocorreu:

“Quando eu falei para ele que eu estava grávida foi até engraçado, minha menstruação já não estava vindo mais [...] Aí eu falei assim: ‘tio, eu tenho uma coisa para lhe falar, se o senhor quiser me mandar embora, o senhor pode.’ Ele: ‘o que é, menina?’ Eu: ‘tô grávida.’ Ele: ‘ih, não, já tá aí, vamos criar.’ Pronto, foi isso (...) Tu queria ver nós na maternidade no nascimento dele. O Nazareno ficou nervoso, ficava, e passou o tempo todinho lá comigo, mesmo doente.” (Grazielle Formiga da Silva, 2024).

Assim, Nazareno acolheu Grazielle e assumiu a criação, a responsabilidade e o registro da criança, Heitor. Ressaltamos que Grazielle conheceu Nazareno por meio de sua avó biológica, Selvina, que era mãe de santo dele.

A análise das duas moções de pesar dedicadas a José Nazareno, além de revelar sua relação mais estreita com a prefeitura, evidencia também alguns ocultamentos em sua história. É importante lembrar que o narrado — escrito ou oral — se constitui tanto pelo que é dito quanto pelo que é silenciado, o não-dito. O documento emitido pela deputada reconhece sua trajetória como professor e sua relevância social, mas omite elementos fundamentais de sua identidade e percurso de vida. A ausência de menção ao seu companheiro, com quem era casado no civil, assim como ao fato de Nazareno ser Pai de Santo, sugere uma narrativa seletiva que apaga aspectos de sua vivência afetiva, familiar e religiosa, reduzindo sua existência ao papel de educador e figura pública dentro dos padrões heteronormativos e judaico-cristãos.

Essa seletividade não é caso isolado. Observa-se padrão semelhante na nota oficial da Prefeitura de Araguaína, que não menciona o filho e o companheiro de Nazareno. A negação desses aspectos reflete a invisibilização sistemática da diversidade religiosa e sexual nas esferas institucionais, bem como uma tentativa de encaixar sua memória em um modelo de respeitabilidade socialmente aceito. Ao desconsiderar sua atuação como Pai de Santo

umbandista, a nota esvazia um dos pilares fundamentais de sua trajetória, reforçando uma hierarquia simbólica que marginaliza as religiões de matriz africana. Embora a nota mencione que ele foi “fundador de Centro Espírita”, em momento algum deixa claro que a referência é à Umbanda, optando por um termo genérico que induz o leitor a associá-lo ao espiritismo kardecista. É certo que o terreiro dele se chamava Centro Espírita Santa Bárbara, mas o uso da preposição “de”, de forma genérica por parte da prefeitura, denota uma estratégia para evitar vincular um funcionário da prefeitura que está sendo homenageado às religiões de matriz africana.

A ausência de referências à sua orientação sexual e à sua família afetiva pode ser interpretada como um mecanismo de apagamento, alinhado a discursos normativos que relegam à invisibilidade aqueles que não se enquadram nos moldes heteronormativos e cristãos dominantes. Dessa forma, tanto a moção de pesar quanto a nota da prefeitura não apenas prestam homenagem, mas também delimitam os contornos dessa memória, silenciando partes que poderiam evidenciar as múltiplas camadas de sua identidade.

2.5 Nazareno, o acadêmico

Mesmo já consolidado como professor e gestor escolar, José Nazareno Oliveira de Aguiar sentiu a necessidade de aprofundar seus conhecimentos. Assim, ingressou no curso de Pedagogia do PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica) da UFT (Universidade Federal do Tocantins), realizado de forma modular entre 2012 e 2015. O curso acontecia nas férias de julho e janeiro, o que permitia que ele conciliasse sua atuação profissional com os estudos acadêmicos.

Como vimos, esse programa federal foi uma iniciativa destinada a ofertar formação superior gratuita para professores em exercício, visando melhorar a qualidade da educação básica, sobretudo em regiões com déficit de profissionais qualificados. Em entrevista com um dos professores e orientador de Nazareno no PARFOR, Plábio Marcos Martins Desidério, ele nos relatou como foi a experiência com Nazareno:

“O Nazareno foi meu aluno durante o curso de Pedagogia do PARFOR. Trabalhei três ou quatro disciplinas com ele (...) Conheci-o durante o curso modular, que acontecia nas férias (...) O Nazareno tinha mais experiência prática do que teórica, mas conseguia se apropriar do jeito que achava melhor dos textos. Não estava muito preocupado em ter um conhecimento teórico profundo, talvez até por ter sido diretor de escola na época (...) Inclusive, ele modificou a escola onde trabalhava, conseguiu fazer com que a comunidade do bairro, que antes tinha repulsa, começasse a gostar e a cuidar da escola. Acho isso muito interessante. Ele tinha esse conhecimento muito prático, e na disciplina não forçávamos tanto as questões teóricas, mas ele se apropriava do texto, tinha capacidade para isso, embora seu foco fosse mesmo a experiência como gestor e professor.” (Plábio Marcos Martins Desidério, 2024)

A experiência prática destacada pelo depoimento do professor Plábio reforça o perfil de Nazareno como educador dedicado à realidade escolar e comunitária. Sua atuação como gestor transformou a escola em um espaço mais acolhedor e valorizado pela comunidade, demonstrando sua capacidade de compreender as demandas locais do assentamento Rio Preto, bem como os desafios teóricos e burocráticos que enfrentava.

Essa abordagem prática foi complementada pela habilidade de Nazareno em construir relações interpessoais, promovendo o engajamento e a corresponsabilidade entre escola e comunidade. Como diretor, ele estabeleceu uma conexão sólida entre esses dois espaços, reforçando a ideia de que a educação é um processo coletivo, perspectiva respaldada pela literatura educacional que destaca as escolas como espaços de integração social, especialmente em contextos de resistência ou indiferença local.

Plábio ressalta que a vivência no mundo prático fazia com que Nazareno não priorizasse um conhecimento teórico aprofundado, mas que ele se destacava por aplicar o conteúdo acadêmico à sua prática cotidiana, conectando textos e experiências de maneira eficaz. Seu envolvimento nas aulas com questões políticas e educacionais também era marcante, participando ativamente de debates sobre a estrutura educacional, relações institucionais com o Estado e políticas públicas. Um episódio emblemático, segundo Plábio, foi quando Nazareno, na condição de diretor, afirmou ter transformado a relação entre escola e comunidade, implementando práticas que conquistaram a confiança local e resultaram na preservação da escola — feito amplamente reconhecido como exemplo de gestão escolar bem-sucedida.

Assim como seus colegas da educação enfatizaram, Plábio também mencionou a busca de Nazareno por separar cuidadosamente os diferentes aspectos de sua vida:

“Na sala de aula, ele fazia questão de ser apenas aluno. Não era o diretor, nem o Pai de Santo, era o estudante José Nazareno, dedicado e pontual. (...) Ele nunca falou da sua religião na sala de aula durante o curso de Pedagogia. Pelo menos na minha disciplina, ele separava muito bem. Dizia: ‘Aqui eu sou aluno, não sou diretor, nem Pai de Santo.’” (Plábio Marcos Martins Desidério, 2024)

Essa postura reforçou sua capacidade de transitar entre diferentes papéis sociais, demonstrando estratégias de sobrevivência ao gerenciar as múltiplas dimensões de sua identidade. Ao distanciar-se da identidade religiosa no espaço acadêmico, Nazareno preservava a sala de aula como território separado, onde as disputas entre sujeitos são constantes, além de garantir sua aceitação e eficácia nas esferas sociais institucionais. Essa atitude pode ser interpretada como forma de integração aos espaços institucionais, em que a religiosidade poderia ser equivocadamente marginalizada.

Ao transitar entre os papéis de diretor, educador e Pai de Santo, Nazareno reconfigurava constantemente sua posição nos diferentes territórios. Sua prática encontra ressonância na reflexão de Haesbaert (2004) sobre a identidade como construção dinâmica ligada a múltiplos territórios, que podem ser negociados, afirmados ou contestados. Para Nazareno, o espaço acadêmico representava um território onde sua atuação como aluno e educador precisava ser clara e distinta da sua identidade religiosa.

Contudo, sua prática pedagógica, que ultrapassava a mera transmissão de conhecimentos, também se configurava como forma de resistência e afirmação da identidade cultural afro-brasileira, em um contexto educacional que frequentemente marginaliza essas raízes. Seu engajamento nas discussões políticas e educacionais no PARFOR pode ser visto como tentativa de repensar a estrutura educacional e reforçar a importância da inclusão das diversidades culturais e identitárias naquele espaço.

Além disso, Nazareno desenvolveu atividades junto ao Colegiado de História e ao PPGCULT (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território) da UFNT (Universidade Federal do Norte do Tocantins), sempre na figura de Pai de Santo. A nota de pesar emitida pelo PPGCULT (Figura 13), por ocasião do falecimento de José Nazareno, evidencia sua relação estreita com a universidade. Para além de ex-aluno, ele atuava como parceiro em atividades acadêmicas, abrindo as portas de seu Centro Espírita para receber estudantes e pesquisadores e promovendo diálogos sobre a Umbanda. Essa colaboração reflete não apenas sua generosidade enquanto liderança espiritual, mas também seu compromisso com a formação crítica e o respeito às tradições afro-brasileiras no espaço acadêmico.

Figura 13 - Nota de pesar PPGCULT

NOTA DE PESAR

O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO (PPGCULT), COMUNICA, COM PROFUNDO PESAR, O FALECIMENTO DE JOSÉ NAZARENO OLIVEIRA DE AGUIAR, DIRIGENTE DO CENTRO ESPÍRITA SANTA BÁRBARA.

ALÉM DA SUA IMPORTÂNCIA PARA O CENÁRIO AFRO-RELIGIOSO DA CIDADE, O NAZARENO ESTEVE PRESENTE COMO PARCEIRO DO COLEGIADO DE HISTÓRIA E DO PPGCULT EM DIVERSOS MOMENTOS, ATRAVÉS DE PALESTRAS E RECEBENDO ESTUDANTES E PESQUISADORES.



NESTE MOMENTO DE PROFUNDO PESAR, MANIFESTAMOS AS NOSSAS MAIS SINCERAS CONDOLÊNCIAS.

ARAGUAÍNA-TO, 22 DE ABRIL DE 2021.

PPGCULT UFNT



PPGCULT



Fonte: <https://historia.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/29405-nota-de-pesar-jose-nazareno-oliveira-de-aguiar> Publicado: Quinta, 22 de Abril de 2021, 17h29

Podemos dizer que sua experiência com os formandos da UFT/UFNT, com os professores da instituição e como aluno no PARFOR contribuiu para ampliar suas reflexões sobre o papel da educação, conectando, ainda mais, sua prática à teoria e às discussões políticas que ele valorizava. Como veremos abaixo (Figura 14), o histórico escolar de Nazareno reflete sua dedicação à qualificação como educador, reforçando o papel central da educação em sua trajetória.

Figura 14 – Histórico Escolar do curso de Pedagogia UFT

Universidade Federal do Tocantins

Data: 3/4/2017
Hora: 13:49

Histórico Escolar com CR (Portal do Aluno)

Aluno: 2012110241 - José Nazareno Oliveira de Aguiar
Curso: PAR62100L - Curso de Pedagogia (Licenciatura) - PARFOR - Araguaína

RG: 027.614
Versão: 2010/2

Forma de Ingresso: Processo Seletivo PARFOR

Ano / Período de Ingresso: 2012/1o. Semestre

Situação do Aluno: Vinculado

Código	Nome Disciplina/Atividade	CR.	C.H.	Média	Situação	Local
Período: 1o. Semestre de 2012						
CHU195	Introdução à Filosofia	4	60	7,3	Aprovado	
LLA135	Lectura e Produção de Texto	4	60	9,0	Aprovado	
CHU610	Planejamento e Gestão da Educação	4	60	7,0	Aprovado	
CSA530	Seminário de Pesquisa I	4	60	8,5	Aprovado	
CSA534	Seminário de Pesquisa III	4	60	7,0	Aprovado	
CSA533	Sociedade, Cultura e Educação	4	60	9,7	Aprovado	
Total Créditos/Carga Horária cursados no Período:		24	360	Coeficiente de Rendimento:		
Período: 2o. Semestre de 2012						
CHU004	Antropologia e Educação	4	60	5,3	Aprovado	
CHU072	Filosofia da Educação	4	60	7,5	Aprovado	
CHU469	História da Educação Brasileira	4	60	9,5	Aprovado	
CHU959	Práticas de Lazer e Patrimônio Imaterial na Educação	4	60	****	Aprovado	
CSA532	Seminário de Pesquisa II	4	60	5,0	Aprovado	
CHU353	Sociologia da Educação	4	60	7,9	Aprovado	
Total Créditos/Carga Horária cursados no Período:		24	360	Coeficiente de Rendimento:		
Período: 1o. Semestre de 2013						
CHU003	Didática	4	60	9,0	Aprovado	
CHU605	Ética e Educação	4	60	8,8	Aprovado	
CHU099	Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências Naturais	4	60	9,0	Aprovado	
CHU621	Gestão Democrática e Multidimensionalidade das Instituições Educativas	4	60	8,9	Aprovado	
CHU404	Infância, Cultura e Sociedade	4	60	7,5	Aprovado	
CHU310	Psicologia do Desenvolvimento	4	60	7,8	Aprovado	
Total Créditos/Carga Horária cursados no Período:		24	360	Coeficiente de Rendimento:		
Período: 2o. Semestre de 2013						
CHU101	Fundamentos e Metodologia do Ensino de História	4	60	6,0	Aprovado	
CHU104	Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática	4	60	8,4	Aprovado	
CSA535	Políticas Públicas em Educação	4	60	9,0	Aprovado	
NCL142	Projeto de Estágio	4	60	7,0	Aprovado	
CHU303	Psicologia da Aprendizagem	4	60	9,0	Aprovado	
Total Créditos/Carga Horária cursados no Período:		20	300	Coeficiente de Rendimento:		
Período: 1o. Semestre de 2014						
CHU007	Arte e Educação	4	60	7,3	Aprovado	
CHU033	Educação Ambiental	4	60	7,5	Aprovado	
CHU616	Educação e Cultura Afro-brasileira	4	60	5,0	Aprovado	
CHU617	Educação e Tecnologias	4	60	9,5	Aprovado	

Autenticação: A1E0.CE48.2C9D.5F9A.A96D.0EE4.BF52.29AA

Consultar em: <https://sistemas.uft.edu.br/usuario/publico/autenticacao/form.action>

Validade: 365 dia(s).

Página: 1

Fonte: Arquivo concedido pela Escola Municipal Dr. Simão Lutz Kossobutzki

O histórico acadêmico de Nazareno é fundamental para compreender não apenas sua dedicação à qualificação profissional, mas também o modo como ele navegava entre diferentes esferas de sua vida e utilizava a educação como uma ferramenta estratégica para sua afirmação pessoal e social. Uma observação importante que surge ao analisar seu desempenho acadêmico, especialmente em disciplinas relacionadas à temática afro-brasileira, é a nota 5,0 obtida na disciplina de Educação Afro-Brasileira. Este resultado chamou a atenção, especialmente considerando a expectativa de que Nazareno, com sua vivência e liderança religiosa afro-brasileira, tivesse um desempenho mais elevado. Essa discrepância entre a nota e o esperado revela uma complexidade interessante sobre a relação de Nazareno com o conteúdo teórico da disciplina, sugerindo que, apesar de sua experiência prática, ele talvez não se visse totalmente alinhado ou representado nas abordagens acadêmicas da área.

Este detalhe no histórico acadêmico reforça a ideia de que, mesmo sendo uma autoridade em sua prática religiosa, Nazareno também enfrentava desafios ao transitar entre diferentes territórios e identidades, evidenciando a complexidade de sua construção identitária e o modo como ele utilizava a educação como um espaço tanto de aprendizado quanto de negociação simbólica. Assim, o histórico escolar de Nazareno no PARFOR torna-se uma peça importante para compreender a fala de Plábio a respeito do Nazareno acadêmico, como já vimos acima:

“O Nazareno era um aluno que tinha mais experiência prática do que teórica, mas ele conseguia se apropriar do jeito que ele achava que tinha que se apropriar do texto. Então, ele não estava muito preocupado em ter assim um conhecimento teórico e tal.”
(*Plábio Marcos Martins Desidério, 2024*)

Nesta pesquisa, que combinou História Oral e Pesquisa Documental, o histórico escolar de Nazareno no PARFOR torna-se uma peça importante para compreender sua jornada acadêmica. Este documento materializa sua busca por formação continuada, em meio às adversidades e responsabilidades religiosas que também assumia. Foi conciliando sua religiosidade como líder espiritual com atividades educacionais — seja enquanto professor ou aluno —, com atividades partidárias ou vida pessoal, que Nazareno construiu sua trajetória e deixou isso evidente para aqueles que sobre ela narraram.

No capítulo seguinte, abordaremos sua trajetória espiritual, que perpassa por um catolicismo de vertente mais popular até sua chegada, de forma mais oficial, à Umbanda. Veremos como sua identidade religiosa foi se consolidando ao mesmo tempo que ele territorializava fisicamente seu terreiro, e o momento de sua morte e destruição do espaço físico do Centro Espírita Santa Bárbara.

3 NAZARENO, PAI DE SANTO: ENTRE TERRITORIALIZAÇÃO E DESTERRITORIALIZAÇÃO

Este capítulo aborda a trajetória espiritual de Nazareno até se tornar Pai de Santo e fundador do Centro Espírita Santa Bárbara em Araguaína/TO. Sua história, narrada por si e pelos entrevistados, nos mostra o caminho que ele percorreu — entre aproximações, distanciamentos e novas aproximações — até se estabelecer como uma referência religiosa para o povo de santo da região.

A história da Umbanda em Araguaína será retomada a partir de pesquisas feitas por Venâncio (2013) e Almeida (2020), para mostrar o cenário afro-religioso em que Nazareno estava inserido e os desafios e transformações que a religião enfrentou ao longo das décadas. Como movimento de resistência e identidade, a Umbanda, assim como outras religiões de matriz africana, territorializou-se na região, possibilitando e sendo possibilitada pela comunidade afro-religiosa local.

No caso específico de Nazareno, mostraremos como, após sua morte, em 2021, e com a destruição de seu terreiro, iniciou-se um processo de desterritorialização — ainda que física e material — da religião por ele praticada. A destruição ocorrida parece simbolizar uma tentativa de apagamento não apenas físico, mas também simbólico, levantando questões sobre intolerância religiosa, patrimônio cultural e memória coletiva.

Apesar do ocorrido, percebemos que a ideia de apagamento não parece ter sido bem-sucedida quando falamos das práticas e ensinamentos religiosos por ele realizados, visto que alguns de seus filhos de santo procuram manter seus ensinamentos e seu legado vivos, como uma luta pela preservação e pelo reconhecimento da importância dele para a história da Umbanda em Araguaína.

3.1 Primeiro contato de Nazareno com as afro-religiosidades

Para falar das primeiras experiências de Nazareno com as religiões de matriz africana, precisamos retornar à sua infância. Em entrevista concedida à professora Sariza, em 2012, ele relatou que, aos dez anos de idade, um episódio específico foi decisivo para seu ingresso no universo afro-religioso. Um homem conhecido como João do Doce, inquilino do avô de Nazareno — que mantinha um pequeno comércio em frente à casa da família e que, segundo Nazareno, “mexia com macumba” — foi convidado a desocupar o espaço por estar em dívida com o aluguel. Embora tenha aceitado sair, ele teria afirmado que a família “pagaria” por essa decisão.

Pouco tempo depois, estranhos fenômenos ocorreram durante uma noite na casa dos avós. Pedras eram lançadas sobre a casa repetidamente, sem que se identificasse qualquer responsável, como relatado nesse trecho da entrevista abaixo por ele:

eu tava deitado mais a minha vó cedo da noite, quando jogaram pedra em cima da casa, jogaram tipo quando pega mão de piçarra e joga e com ela jogar aquelas piçarras minha vó ouviu e me chamou e perguntou se eu tinha ouvido, digo ouvi, ela disse, tem gente jogando pedra aqui, vamo sair lá fora e chamar o guarda do mercado pra ele vim. (...) eu tava com uns dez anos, e aí eu saí mais a minha avó, nós foi lá no mercado, chamemo o guarda, ele veio e olhou, disse não, não tem ninguém aqui. Quando a gente entrou jogaram de novo, aí o guarda veio de novo, minha vó gritou ele, ele veio e disse, não tinha ninguém porque eu tô dali faz é hora olhando num veio ninguém. Aí a terceira vez jogaram aí nós tornemo ouvi, aí nós saímo pra fora e fiquemo lá fora, manhecemo o dia lá fora preocupada com aquilo, e daí em diante ela começou a perder o sentido, o juízo dela foi variando, ela começou ouvir vozes, ouvi pessoas conversar, principalmente egum que são os mortos desencarnados, aqueles que ela conhecia antigamente começaram a conversar... (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

A partir desse episódio, sua avó começou a apresentar alterações comportamentais e perturbações espirituais, como perda de lucidez e escuta de vozes de *eguns* (espíritos desencarnados), inclusive de pessoas conhecidas em vida. Para Nazareno, esse foi o momento que marcou o início do desequilíbrio espiritual da avó e de um período de intensas manifestações mediúnicas no ambiente familiar.

Durante essas crises, ele passou a acompanhar a avó, percebendo que sua presença a acalmava. Diante da gravidade da situação, o avô de Nazareno decidiu buscar ajuda nos terreiros da região, levando a esposa em busca de cura espiritual. Foi nesse contexto que Nazareno passou a frequentar esses espaços religiosos, vivenciando seus primeiros contatos com o universo espiritual afro-religioso de Araguaína.

Em suas palavras, ele relembra o momento em que começou a perceber sua própria sensibilidade espiritual e o impacto que acreditava exercer sobre a avó:

ela começou a se trancar dentro do quarto e eu passei a ficar junto com ela o tempo todo, ela só ficava quieta lá dentro do quarto se eu tivesse com ela e eu acalmava aquelas entidades, aquelas coisas que chegavam muito próxima dela, só acalmava quando eu estava perto dela. (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2018)

Esse relato evidencia que, ainda na infância, Nazareno já percebia que desempenhava um papel de mediador entre o mundo espiritual e sua avó, atuando como um ponto de equilíbrio durante as manifestações que ela vivenciava. Com o falecimento do avô, essa dinâmica espiritual tornou-se ainda mais intensa. Nazareno passou a ouvir vozes, ter sonhos reveladores

e vivenciar fenômenos que interpretava como premonições. Tais experiências ampliaram sua sensibilidade mediúnica e sua relação com o campo espiritual.

Depois dessas experiências espirituais com sua avó, Nazareno ainda teve outras durante sua infância e adolescência, agora relacionadas à sua tia paterna, Djanira Ribeiro da Silva. Em entrevista concedida a Cleyton Gomes de Almeida, em 18 de novembro de 2019, ele narrou o sofrimento que sua tia enfrentava com embriaguez compulsiva e que, quando bêbada, incorporava uma entidade identificada como Pombagira Maria Padilha. Segundo Nazareno, em entrevista para Almeida:

Através do sofrimento de uma tia, irmã do meu pai, que sofria com espiritismo, ela bebia muita cachaça, ela transpassava e assumia uma nova identidade, então chamada pombagira, Maria Padilha. E ela dizia que foi feito um trabalho pra matar minha tia, mas como ela (tia) era o cavalo não poderia matar, mas fazia sofrimento, fazia beber pra fazer coisas que, pra gente, é um absurdo, às vezes bebia que caía no chão e ela mudava a personalidade dela toda, não era a mesma pessoa quando estava fora da cachaça e aquilo foi um tormento para nós entre 1981–1982 até 1984, foi muito sofrimento pra gente aderir e conhecer realmente a espiritualidade. (Cleyton Gomes de Almeida, 2019)

Segundo Almeida (2020), Nazareno, ainda muito jovem, enfrentava esse contexto sem a presença dos pais, que não moravam com ele, e sem o apoio dos avós, já falecidos. Sua tia era a única referência familiar próxima. Diante dessa situação e sem compreender o que acontecia, ele iniciou uma busca por respostas.

Na tentativa de encontrar uma solução para a condição da tia, começou a procurar ajuda dentro do próprio bairro. Em 1984, o setor Araguaína Sul, na cidade de Araguaína, possuía uma quantidade expressiva de terreiros, entre os quais se destacavam o terreiro do senhor Balbino e da senhora Felina, localizados na atual Rua Machado de Assis. Vale ressaltar que outros dirigentes também enfatizam que, da década de 1960 até 1990, foi o momento auge dos terreiros na cidade. Em entrevista concedida para Venâncio (2013), José Rodrigues, dirigente da Tenda Santa Bárbara, enfatizou que se podia passar a semana toda caminhando de centro em centro, porque todos os dias se ouvia o barulho dos tambores. A pesquisadora argumenta que esse momento de auge na quantidade de terreiros se deve ao grande fluxo migratório para a região, com a construção e pavimentação da rodovia BR-153, além das propagandas que o governo municipal fazia para atrair trabalhadores para a cidade (Venâncio, 2013, p. 45).

Almeida (2020) também comenta sobre esse momento de crescimento dos terreiros, com mais ênfase na década de 1980:

Com o tempo, a presença dos terreiros na região se intensificou. Entre 1982 e 1984, novos espaços de culto foram sendo estabelecidos, tornando-se cada vez mais visíveis. Foi nesse contexto que Nazareno conheceu duas pessoas que se tornariam fundamentais para seus primeiros contatos com a religião da Umbanda (Almeida, 2020, p. 32).

Nazareno recorda que, aos domingos, os sons dos tambores ecoavam pelo seu bairro, causando-lhe temor, mas que foi em um desses dias que obteve ajuda:

Eu conheci um velho, um senhor que morava em frente ao finado Loro e finada Maria, eles trabalhavam de espiritismo e começaram a me mostrar o espiritismo de uma forma diferente, me convidaram para ir ao terreiro e um dos primeiros terreiros que eu fui foi justamente o da Dona Olindina, na época, na Primeiro de Janeiro com a estrada da Jacuba, na Avenida Filadélfia. E hoje é ali onde é o Sipaúba, aquela praça Luís Gonzaga. Era ali o terreiro dela, era muito grande, era de tábuas (Almeida, 2020, p. 32).

Nazareno contou a Almeida que, a partir desse momento, o medo que sentia começou a ser substituído pela familiaridade. Loro e Maria, ambos umbandistas, passaram a levá-lo aos terreiros e a apresentá-lo à espiritualidade de forma gradual. Além deles, outra pessoa importante nesse percurso foi Raimunda, esposa de João Abacate, que trabalhava com Dona Olindina e ensinou Nazareno a participar da abertura dos trabalhos espirituais:

E foi através do finado Loro mais da finada Maria, que eles eram umbandistas, e através do seu João Abacate e a esposa dele, a finada Raimunda, na época trabalhava com a Olindina, ela quem abria a mesa da Olindina, toda vez que ia trabalhar e essa finada Raimunda se apegou muito a mim e começou a me ensinar a abertura de mesa! Junto com ela, aí sempre quando ela ia abrir a mesa, sentava junto com ela lá na mesa e ajudava a abertura da mesa e começava a gira, e eu ficava até o final porque ajudava a fechar a mesa. E eu sempre ia mais essa finada Raimunda do finado Loro (Almeida, 2020, p. 33).

Esse processo de imersão nos terreiros ficou cada vez mais frequente, segundo ele mesmo conta em entrevista para Almeida (2020). Narrando outro episódio que marcou sua infância, relatou que:

Lá na Olindina, eu apaguei a primeira vez, antes de eu ir ao José Rodrigues. Por isso que eu me afastei, porque eu não vi, eu só vi quando chegaram com uma louca. uma mulher, e era 4 homens segurando essa mulher e amarraram ela na guna central de corrente, colocaram os cadeados, e saiu todo mundo pra conversar com a Olindina e eu fiquei sozinho olhando pra mulher. A mulher deu um grito! As correntes caíram e ela correu, saiu simplesmente na Avenida Filadélfia na carreira e eu saí estonteando. Eu levantei e sai estonteando, estonteando aí só escutei quando a Olindina assim disse: Filho de peixe peixinho é, trabalha aí, jogou a faixa no meu pescoço, eu acordei, eu tava no lugar da louca amarrada, aí a Olindina disse “pode ir que ela tá parada em tal lugar e pode trazer ela que ela não vai mais pra lugar nenhum”, aí eu acordei. (Almeida, 2020, p.33 e 34).

Após vivenciar essa experiência espiritual, Nazareno decidiu se afastar completamente das práticas afro-religiosas. Segundo Almeida (2020), ele chegou a afirmar que não retornaria mais a nenhum terreiro. Ainda assim, algum tempo depois, já com a idade de 12 anos, motivado por curiosidade ou impulso espiritual, visitou outro espaço religioso, onde novamente foi acometido por um transe durante a abertura dos trabalhos. Nesse episódio, teve a sensação de perder os sentidos e acordou ajoelhado diante de uma mesa com velas acesas. O ocorrido o levou a reiterar sua decisão de se distanciar dessas práticas:

“Aí eu acordei, eu tava no pé da mesa de joelhos com três velas acesas, aí eu levantei e disse ‘nunca mais eu piso nesses negócios’” (Almeida, 2020, p. 33).

Logo após vivenciar os dois episódios marcantes, em terreiros diferentes, Nazareno ainda participou de mais uma gira, novamente no terreiro de Olindina. Durante o início dos trabalhos espirituais, a Mãe de Santo incorporou a entidade Cabocla Mariana, que se dirigiu diretamente a ele com uma mensagem específica. A entidade orientou-o a não seguir o desenvolvimento mediúnico naquele momento, afirmando:

“Não desenvolva agora que você é criança, você só tem 12 anos. Você não pode desenvolver agora senão vão te estragar, a tua missão é muito maior, não é pra agora, pode deixar que no tempo a gente volta”. (Almeida, 2020, p. 33).

Esse recado reforçava a ideia de que havia algo maior reservado para Nazareno no futuro, sendo necessário respeitar o tempo certo para o cumprimento de sua missão espiritual.

Na tentativa de se livrar dos desmaios recorrentes e buscando alívio para o que vivenciava, Nazareno procurou novamente auxílio espiritual em sua vizinhança, que, na época, era marcada pela presença de diversos terreiros ligados às religiões de matriz africana. Ele buscou a ajuda de um benzedor, cujo nome não se recordava, mas que se prontificou a ajudá-lo em troca de um maço de velas (Almeida, 2020, p. 34).

O benzedor, segundo o autor, realizou um ritual conhecido como **suspensão das correntes**, rezando sobre Nazareno e afastando temporariamente as entidades espirituais que se manifestavam em sua vida. Após esse momento, Nazareno não sentiu mais desejo de ir a nenhum terreiro.

Esse processo, conhecido como *suspensão das correntes* — termo que designa o afastamento temporário das entidades espirituais de uma pessoa com sinais precoces de mediunidade —, foi realizado pela entidade e possibilitou a Nazareno um caminhar de estudos e formação educacional, como vimos. Mas, como prometido por Mariana, quando ele completou 26 anos de idade, os espíritos passaram a exigir seu retorno às práticas mediúnicas.

3.2 Do catolicismo à Umbanda

De acordo com Venâncio (2019), Nazareno retornou de Minas Gerais a Araguaína motivado pela cura de um problema cardíaco e por um sonho revelador, que o fez tomar consciência de sua missão no mundo: ajudar as pessoas. Ao chegar à cidade, decidiu prestar concurso para bombeiro com dois objetivos principais: comprovar que estava curado e salvar vidas. No entanto, antes de tomar posse, desistiu da carreira militar para se dedicar a outra forma de auxílio: o sacerdócio.

Nessa fase, já adulto, Nazareno iniciou seus estudos em catequese, fez a primeira comunhão e recebeu o sacramento da crisma. Em Araguaína, foi o primeiro legionário da Legião de Maria Rosa Mística, momento este que marca sua iniciação na religiosidade católica. Foi nesse período que um dos entrevistados, chamado Raimundo Filho, relata ter conhecido Nazareno:

“Eu conheci o Nazareno na Igreja Católica, quando ele era... eu era coroinha e ele era ministro da Eucaristia. Aí ele era meu professor, né, da crisma, fazia formação da crisma. Depois nós tivemos um convívio, né. Ele era sendo professor, aí viramos amigos, porque ele também era vizinho nosso” (Raimundo Filho, 2024).

Com o propósito de seguir a vocação religiosa e tornar-se padre, Nazareno ingressou no seminário localizado em Tocantinópolis-TO, aprofundando ainda mais seu vínculo com a fé católica. No entanto, durante o período em que esteve no seminário, por volta dos seus 20 anos de idade, Nazareno relatou o retorno de experiências espirituais que já havia vivenciado anteriormente:

“O seminário era lá em Tocantinópolis, aí fui lá pro seminário, de lá comecei a ouvir de novo as coisas, começou a aparecer de novo” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Detalhou que passou a ouvir vozes, perceber vultos e presenciar fenômenos inexplicáveis, especialmente à noite. Segundo ele, chegou a alertar outros seminaristas:

“Vocês não ficam andando que vocês vão se assombrar, aqui não é lugar bom, porque já morreram muitas freiras”.

Ao investigar a história do local, Nazareno descobriu que o seminário onde havia iniciado sua formação sacerdotal fora anteriormente o Colégio Leão XIII. Segundo o site Guia Cidade, o Seminário Menor Leão XIII, localizado em Tocantinópolis-TO, possui uma rica história ligada à formação religiosa e ao desenvolvimento educacional da região. Construído entre 1955 e 1960, o seminário foi fundamental na formação de diversas turmas de padres, entre

eles o notável Padre Josimo Tavares, reconhecido nacionalmente por sua atuação em defesa dos trabalhadores rurais.

Tocantinópolis, anteriormente conhecida como Boa Vista do Tocantins, é uma cidade marcada por fortes influências políticas e religiosas. Um dos personagens centrais dessa história é o Padre João de Sousa Lima, que teve papel significativo em eventos políticos locais e está sepultado na Catedral de Nossa Senhora da Consolação, a primeira a ser tombada como patrimônio cultural do Tocantins.

Durante sua permanência no seminário, Nazareno tomou conhecimento de que ali também funcionara um convento de freiras e que diversas mortes haviam ocorrido no local, envolvendo tanto religiosas quanto seminaristas. Ele interpretou os fenômenos espirituais que vivenciava como manifestações das almas dessas pessoas, que, segundo ele, não haviam completado suas missões e permaneciam no local. Diante da intensidade dessas experiências espirituais, Nazareno decidiu abandonar a formação sacerdotal. Em suas palavras:

“Chegou num ponto que eu... sabe? Vou desistir, eu não quero usar o nome de Deus em vão. Assim... eu não queria me esconder dentro da Igreja” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Em outro trecho da entrevista, ao ser questionado sobre a persistência das manifestações espirituais, Nazareno relata que, mesmo após seu afastamento do seminário, tais experiências continuaram a ocorrer, intensificando-se especialmente a partir de 1998. Apesar de ter deixado a formação sacerdotal, ele permaneceu vinculado à Igreja Católica, sendo acompanhado pelo padre Enemésio, que mais tarde se tornaria o bispo Dom Enemésio Ângelo Lazzaris, da Diocese de Balsas, no Maranhão.

De acordo com o portal *Canção Nova Notícias* (2020), Dom Enemésio Ângelo Lazzaris foi nomeado bispo de Balsas em 12 de dezembro de 2007, pelo Papa Bento XVI, tendo assumido oficialmente a função em 29 de março de 2008. Permaneceu à frente da diocese até seu falecimento, ocorrido em 2 de fevereiro de 2020, na cidade de Araguaína, Tocantins. Antes de sua nomeação episcopal, Dom Enemésio exerceu a função de pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Araguaína, por um período de oito anos. É nesse contexto que Nazareno manteve sua atuação junto à Igreja, fundando comunidades religiosas, como a dedicada à Nossa Senhora das Graças, no Projeto Rio Preto. Posteriormente, passou a colaborar com a Paróquia Imaculada Conceição, localizada no setor Araguaína Sul. Ele conciliava seu trabalho como professor durante a semana com atividades religiosas aos fins de semana. Segundo suas próprias palavras, esse envolvimento visava afastá-lo das práticas religiosas de matriz africana:

“Tudo pra me ver livre da macumba” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

As lembranças de Roseane Costa, amiga pessoal de Nazareno, corroboram e ampliam essas informações ao rememorar sua atuação nesse período ainda vinculado à Igreja Católica. Sua entrevista é relevante por oferecer um olhar externo e afetivo sobre essa fase da vida de Nazareno, destacando sua liderança comunitária e o impacto social de suas ações religiosas:

“Eu conheci o Nazareno, eu era menina, conheci ele na igreja Imaculada Conceição. Ele foi fundador de um grupo de jovens chamado JUNAC [Jovens Unidos no Amor de Cristo]. Ele tinha uma preocupação de tirar os jovens da rua. Naquele tempo, nos anos 90, morriam muita criança, muito jovem, e ele tinha essa preocupação” (Roseane Costa, entrevista realizada em 17/05/2024).

Ela ainda recorda que soube do desejo de Nazareno em seguir a vida sacerdotal:

“Eu lembro que ele foi tentar ser padre, né, foi para o seminário. Aí eu nunca mais vi, nunca mais tive notícia dele, fui embora, perdemos contato” (Roseane Costa, 2024).

Com a saída do seminário e o retorno a Araguaína, ainda que estivesse em plena atuação nas atividades da Igreja Católica, Nazareno começou novamente a vivenciar experiências que, aos poucos, o conduziram às práticas espirituais de matriz africana. A reaproximação com a religiosidade afro-brasileira se deu de forma gradativa, envolta em resistências pessoais, conflitos internos e acontecimentos que marcaram sua vida emocional e espiritual. Em sua fala, ele rememora que, durante muito tempo, evitava frequentar locais associados a essas práticas, associando tais espaços à presença do “mal”:

“Passava lá no Zé Rodrigues, eu só olhava pra trás, ‘o cão tá alojado ali’ (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Apesar da resistência, Nazareno revela que eventualmente cedia à curiosidade ou ao convite de amigos, frequentando tais locais de forma desconfiada. Segundo ele, confiava em sua “corrente suspensa”, expressão usada para se referir à proteção espiritual que acreditava possuir, o que o fazia acreditar que os espíritos não o afetariam diretamente:

“Eu vou lá e nem um espírito me pega, que eu sabia meu trato mais da Mariana [...] que eu sabia que a minha corrente estava suspensa” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Aos poucos, porém, a convivência com certos grupos e o uso e abuso do álcool tornaram-se frequentes. Ele relata que, mesmo não sendo inicialmente adepto da bebida, devido a traumas familiares associados à cachaça e à sua tia, começou a ser influenciado por terceiros a beber cerveja. Nesse processo, vivenciou sensações que interpretava como manifestações espirituais, como apagões e lapsos de memória:

“Eu começava a beber sexta, sábado e domingo [...] de repente eu dava um branco, eu acordava, eu tava em casa, no outro dia em casa [...] eu botei os cascos assim. O dono do bar: ‘Que dia que você vai acertar aquelas cervejas?’ [...] ‘só uma caixa’. Eu digo: ‘Tem uma coisa errada’” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

O consumo excessivo e sem percepção de bebida alcoólica e os apagões começaram a deixá-lo desconfiado. Essas experiências se intensificaram a ponto de afetar sua vida afetiva, profissional e financeira. Ele relata ter perdido relacionamentos, enfrentado dificuldades econômicas e mergulhado em um estado de depressão profunda:

“Eles [os espíritos] viram que tava pouco, aí foram, isolaram minha vida pessoal, amorosa, tirou tudo, tudo, tudo [...] se eu pegasse o salário de manhã, meio-dia eu não sabia o que eu tinha feito [...] eu fui entrando em depressão, dívida por cima de dívida”.

Segundo ele, foi essa atuação espiritual dos guias que o afastou da Igreja Católica, o levou a vivenciar esse mundo boêmio de forma intensa e descontrolada e acabou afetando sua vida afetiva e financeira. Ele diz que sabia que havia algo de errado e de estranho, mas não relacionava com a espiritualidade. Por fim, entrou num quadro depressivo e de muita tristeza.

Mesmo com toda a turbulência que vinha sofrendo, Nazareno contou que não deixava de ir ao trabalho:

“Eu ficava mais ou menos assim quando eu ia pro serviço que eu entretinha a cabeça viajando, que eu viajava muito para as escolas rurais, eu fui coordenador na época, então quando eu tava viajando a cabeça tava um pouco mais, tava ocupada a mente” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Foi graças a um colega de trabalho, Raimundo Filho, com quem Nazareno tinha liberdade e confiança de falar sobre o que vinha passando, que ele encontrou uma resposta para seus problemas: dona Gildete, natural de São Raimundo das Mangabeiras (MA).

Foi entre uma conversa e outra que dona Gildete foi abordando o assunto da espiritualidade e, como diz Nazareno, da “macumba”. Ele lembra que, quando ela tocava no tema, ele procurava se esquivar da conversa. Não sabia que ela tinha mesa e era umbandista. Foi em uma conversa com amigos que tudo fez sentido para ele:

“Aí o Iramas diz assim: ‘Não, Nazareno, por onde é que tu anda que ninguém faz tempo que não te vê?’ E era o período que eu tinha entrado em depressão, que eu tava com aquela coisa assim, não queria mais sair pra canto nenhum. Eu digo: ‘Eu tô agora só de casa pro serviço e do serviço pra casa. Às vezes ainda vou na casa da dona Dete’. Aí o Iramas disse assim: ‘Dete? Quem é Dete?’. ‘Nilo?’, aí o Nilo disse: ‘Dete é aquela minha tia que eu te levei lá, aquela mulher que mexe nos pauzinhos’. Quando disse ‘mexe nos pauzinhos’, eu olhei pro Zé Rodrigues [estavam sentados num bar na frente do terreiro dele], aí todas as coisas que ela tinha dito... aí veio tudo.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012)

Gildete, descrita por ele como alguém “que mexia com os pauzinhos” — expressão popular usada para se referir às práticas umbandistas — recebeu Nazareno no dia seguinte em sua casa e teve um papel fundamental em seu desenvolvimento espiritual. Foi com ela que ele aprendeu o que era a Umbanda e teve auxílio para saber como trabalhar com diversas entidades (Venâncio, 2013). O encontro com dona Dete e o ambiente espiritual de sua casa funcionaram como catalisadores para essa reconexão, ressignificando sua relação com o sagrado.

É certo que a Umbanda praticada por Gildete tinha suas especificidades, devido às mudanças que a religião vai sofrendo de lugar para lugar. Foi com ela que Nazareno entendeu que a Umbanda é uma religião que recebe entidades a fim de ajudar as pessoas que estão no plano terreno. Sua concepção é reiterada por pesquisadores clássicos sobre o tema, e ainda completada quando reforçam que se trata da religião brasileira por excelência, pois formada no Brasil, a Umbanda se constituiu por meio do encontro e da ressignificação de diferentes tradições religiosas, entre elas o espiritismo kardecista, os cultos africanos, as crenças indígenas e o catolicismo popular.

Segundo Reginaldo Prandi (1995/1996, p. 65), a Umbanda é fruto de um movimento sincrético urbano que se estruturou, sobretudo, no Rio de Janeiro, a partir da década de 1920. Ela surge como uma alternativa mais acessível para as camadas populares, especialmente negras e mestiças, que não se identificavam com o espiritismo elitizado da doutrina kardecista. O autor ainda explica que a “Umbanda se tornou uma religião de negros e de pobres que reinterpretaram à sua maneira os orixás, os espíritos, os santos e os deuses” (Prandi, 1995/1996, p. 71), criando assim uma religião própria, com símbolos e práticas que refletem a diversidade cultural do Brasil:

“A umbanda é a religião dos caboclos, boiadeiros, pretos velhos, ciganas, exus, pombagiras, marinheiros, crianças. Perdidos e abandonados na vida, marginais no além, mas todos eles com uma mesma tarefa religiosa e mágica que lhes foi dada pela religião de uma sociedade fundada na máxima heterogeneidade social: trabalhar pela felicidade do homem sofredor.” (Prandi, 1995/1996, p. 70).

Diferente do Candomblé, que busca preservar tradições africanas com rigor litúrgico, a Umbanda se destaca por sua flexibilidade ritual e abertura doutrinária. De acordo com o autor, “A Umbanda é um sistema mais simples e mais aberto, que admite grande diversidade de práticas e crenças em seu interior” (p. 69). Essa característica permite que ela se adapte a diferentes contextos urbanos e sociais, absorvendo influências variadas conforme o grupo que a pratica. É por esta razão que destacamos que a Umbanda praticada por Gildete tem suas

especificidades, assim como a que Nazareno depois praticou teve também elementos muito próprios dela.

Assim como a Umbanda, em nível nacional, foi moldada por influências múltiplas quando de seu surgimento, sua formação no norte do Tocantins refletiu também a fusão de práticas religiosas trazidas por migrantes, adaptadas às dinâmicas culturais locais. Em Araguaína, a Umbanda não surgiu de forma isolada, mas em diálogo com tradições afro-maranhenses e afro-paraenses, como o Terecô e as Pajelanças. Foi nesse cenário, marcado pela chegada de influências religiosas externas e pela reinterpretação dessas práticas no contexto local, que Nazareno começou sua trajetória mais direta rumo a se tornar dirigente espiritual.

Segundo Venâncio (2019), a Umbanda chegou a Araguaína em um contexto de intensas migrações e trocas culturais que caracterizaram o norte do Tocantins, especialmente a partir da década de 1960. Esse período foi marcado pela pavimentação da BR-153, que conectou a região ao centro-sul do Brasil, facilitando o fluxo de pessoas e práticas culturais, incluindo as religiosas. A autora destaca que a formação religiosa afro-brasileira em Araguaína também foi fortemente influenciada pelos fluxos migratórios oriundos do Maranhão e do Pará, regiões onde se destacam tradições como o Terecô, o Tambor de Mina e as Pajelanças. Essas práticas moldavam a religiosidade local antes mesmo da institucionalização da Umbanda por meio de fiscais da Federação de Umbanda do Brasil, com sede em Brasília.

3.3 “Pois é, agora sou Pai de santo!”

Vale lembrar que, antes do reencontro com as práticas afro-brasileiras, Nazareno era amplamente reconhecido por seu envolvimento com a Igreja Católica. Raimundo, um dos participantes desta pesquisa, lembra que ele e outros jovens o conheciam como ministro da Eucaristia, legionário, professor de crisma e ex-seminarista, alguém que muitos acreditavam estar destinado ao sacerdócio. Ainda assim, Raimundo menciona que ouvia comentários sobre Nazareno “mexer com algo”, embora, na época, não tivesse certeza do que se tratava, nem se realmente era ele.

Anos depois, Raimundo reencontrou Nazareno já em seu novo papel, como Pai de Santo, e esse reencontro lhe causou impacto — mas não exatamente estranhamento — considerando sua memória de que já havia rumores de envolvimento com outras formas de espiritualidade. Ele relembra esse momento da seguinte forma:

“Era a mesma pessoa, acho que até melhor, né? Porque quando ele estava na igreja... tipo, ele fica assim escondido o que ele tinha pra ser, né? Então ele ficava tipo incubado, né? Aí, quando ele saiu, ele se libertou para ele ser o que ele realmente queria ser. Eu mesmo sou muito satisfeito com o padrinho. Hoje eu sinto muita falta dele, né? Eu convivi com ele mesmo até o último minuto.” (Raimundo Filho, 2024)

Assim como Raimundo, outro reencontro que ocorreu de forma inesperada foi com Roseane:

“Um dia uma amiga minha, que a mãe dela é umbandista, elas são de São Paulo, me chamou: 'Rose, vamos levar um bolo comigo ali?' Eu disse: 'Onde?' e ela: 'Não, é porque minha mãe tem uma promessa de São Cosme e São Damião, e todo ano ela paga um bolo. Onde tem festa de São Cosme e São Damião, ela dá um bolo, e tem um lugar ali, um centro de umbanda, e eu queria levar o bolo lá'. Quando eu cheguei lá, era o Nazareno. Só que eu não o reconheci e nem ele me reconheceu, porque na época eu era muito menina, acho que eu tinha uns 12 anos de idade, e depois eu estava com mais de 30. Então ele não sabia quem era eu, e nem eu, muito menos, quem era ele.” (Roseane Costa, 2024).

Durante a festa, no entanto, houve um reconhecimento sutil:

“Ele ficava me olhando e dizia: 'Vem à noite, acho que te conheço de algum lugar'. E eu falei: 'Também acho que te conheço de algum lugar'. Mas assim, não com preconceito, de forma nenhuma. Como eu sou católica apostólica praticante, eu disse: 'Não vou não, não é minha praia'. Mas minha amiga insistiu: 'Vamos, vem comigo à noite para que eu não venha só'. Era perigoso, né. Eu morava no bairro São João, minha amiga no setor Anhanguera, e ele lá no Céu Azul.” (Roseane Costa, 2024).

Ela foi, e o reencontro aconteceu de fato:

“Na festa à noite, ele perguntou: 'Qual o seu nome mesmo?' Aí eu falei. Ele disse: 'Menina, eu te vi pequena', porque ele é da idade da minha irmã praticamente.” (Roseane Costa, 2024).

O choque maior veio com a descoberta de que Nazareno não era mais seminarista:

“E eu disse: 'Meu Deus! É tu? Cadê a igreja? Cadê o grupo de jovens? Tu botava o pé quente em mim pra eu ir pra igreja, menino!' E ele disse: 'Pois é, agora eu sou Pai de Santo'” (Roseane Costa, 2024).

Contudo, o maior impacto não veio do reconhecimento mútuo, mas da revelação sobre a nova caminhada espiritual de Nazareno. Roseane, que o conhecera na juventude como alguém ligado à Igreja Católica, acreditava que ele se tornaria padre:

“Foi chocante porque eu achava que ele era padre, eu achava que ia encontrar o Nazareno celebrando missa. Aí eu encontro o Nazareno Pai de Santo, literalmente, Pai de Santo! (Roseane Costa, 2024).

Ela conta que a surpresa inicial deu lugar ao fortalecimento de uma amizade, que foi retomada com afeto e apoio mútuo:

“Trocamos telefone e voltamos a ser amigos. Ficamos muito amigos mesmo. Muito, muito, muito. Eu estava num momento muito difícil da minha vida, muito delicado, e ele me dava muito apoio, sabe?” (Roseane Costa, 2024).

Mesmo diante da mudança de religião, Roseane, assim como Raimundo, reconhece a continuidade de traços importantes na espiritualidade de Nazareno:

“Eu via também que, mesmo ele sendo umbandista, tinha muitos rituais. Eu já fui em festa, fui na festa de São Cosme e São Damião, nas festas de preto velho, que eu achava muito bonitas. Ele sempre rezava o terço, era muito caridoso, muito bom. Ele tinha um coração enorme” (Roseane Costa, 2024).

Esse reencontro e os vínculos mantidos posteriormente revelam como a atuação de Nazareno como Pai de Santo está diretamente relacionada com as dimensões espirituais e comunitárias que cercavam sua vida.

Os reencontros com Nazareno, já como Pai de Santo, na voz dos entrevistados, não parecem ter significado uma ruptura com sua identidade anterior, mas sim um desvelamento daquilo que sempre existiu de forma latente. Essa transição, que pode ser vista como uma mudança de rota espiritual, também revela um processo de **reterritorialização simbólica e concreta**, nos termos de Rogério Haesbaert (2004). O autor aponta que a territorialização não se limita a um espaço físico, mas envolve também a apropriação simbólica de um lugar por meio de práticas culturais, espirituais e identitárias.

Ao sair da Igreja Católica e afirmar-se como líder espiritual na Umbanda, Nazareno não apenas se “libertou”, como afirma Raimundo, mas também construiu um novo território de sentido, acolhimento e pertencimento para si e para a comunidade que ajudou a construir.

Haesbaert problematiza a ideia de desterritorialização como perda ou ruptura total, defendendo que o que ocorre, muitas vezes, é uma **reconfiguração territorial** — na qual se abandonam certas amarras para construir novas formas de enraizamento. Assim, o terreiro de Nazareno pode ser compreendido como esse novo território, um espaço de resistência e expressão de uma espiritualidade que não encontrava lugar pleno nas estruturas eclesiais católicas, mas que se realizou na Umbanda.

Reginaldo Prandi (1995) mostra como a Umbanda, em seu surgimento e mesmo posteriormente, se inscreve no contexto de disputas simbólicas no campo religioso brasileiro.

É em cenário semelhante, com conflitos entre matrizes religiosas distintas presentes em Araguaína, que Nazareno se torna Pai de Santo. Se a ciência e a modernidade ocidentais impõem uma forma de apagamento simbólico às práticas religiosas tradicionais, sobretudo aquelas ligadas à ancestralidade africana, como afirma Renato Ortiz (1976), Nazareno se coloca, ao assumir sua identidade afro-religiosa, como resistência — através de sua voz e de suas práticas umbandistas.

É certo que muito do que ele aprendeu enquanto seminarista e católico foi incorporado em seus rituais — inclusive no nome da casa, “Santa Bárbara”, como Roseane apontou — o que pode ter contribuído para uma maior aceitação e menor estranhamento por parte daqueles que o conheciam em tempos de outrora. Essa fusão de elementos não é algo de se estranhar quando observamos a história da Umbanda e sua relação sincrética com outras manifestações religiosas.

Assim, a trajetória de Nazareno está inserida em um contexto mais amplo de reformulação simbólica e social da Umbanda, marcada por um processo de ressignificação de práticas e saberes tradicionais afro-brasileiros em direção a um modelo mais aceito nos centros urbanos. Nesse sentido, como observa Renato Ortiz (1976):

“Existe, portanto, na religião umbandista um movimento duplo de absorção de valores: trata-se, de um lado, de valores culturais; de outro, de valores de classe. Como nota Cândido de Procópio, a doutrina da evolução serve de instrumento ideológico à adaptação da tradição africana para a prática religiosa mais em harmonia com o estilo de vida urbano e racional. Porém, não se deve esquecer que evoluir significa não somente se aproximar da cultura branca, mas assemelhar-se também ao branco burguês ou pequeno burguês.” (Ortiz, 1976, p. 122)

Essa reflexão ajuda a perceber como dirigentes, ao molde de José Nazareno, podem ter assumido um papel de mediação entre o saber tradicional afro-brasileiro e as exigências de legitimidade em uma sociedade marcada por desigualdades raciais.

Foi, então, com 26 anos que, ao reencontrar sua espiritualidade com o apoio de Gildete, José Nazareno iniciou seu processo de territorialização identitária como Pai de Santo na Rua Joinville, 589, Setor Céu Azul — região não central de Araguaína. (Figura 15)

Figura 15 - Imagem Nazareno de frente ao altar no terreiro localizado no Céu Azul.



Fonte: Arquivo Sariza O C Venâncio (20 de janeiro de 2012)

Inicialmente, José Nazareno atuou em uma casa de culto juntamente com Gildete, entre os anos 2000 e meados de 2013. Após desentendimentos, ele decidiu fundar seu próprio terreiro em 2015. Segundo relatos, o surgimento desse novo espaço de culto já havia sido previsto por suas entidades desde a infância. Em uma de suas falas, ele recordava uma mensagem espiritual recebida, sinalizando que a criação do terreiro fazia parte de um caminho espiritual anunciado desde cedo. A fala abaixo de Nazareno mostra como, ainda criança, os guias já sinalizavam que ele seria chefe de salão. A entrevista foi realizada em 2012, quando Nazareno ainda atuava com Gildete no terreiro dela, e já anunciava a possibilidade de abertura de um novo salão, onde ele seria o único dirigente:

“Esse é o mais novo terreiro, esse é mais novo de todos, é o terreiro que renasceu, que na época tinha doze anos, o orixá me falou que eu ia ter um grande terreiro na época, aonde não mais existisse os outros terreiros, esse iria nascer, ia ser um grande terreiro.” (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Essa declaração revela não apenas uma missão espiritual preestabelecida, mas também um profundo sentimento de continuidade e resistência das práticas umbandistas, reafirmadas por meio de sua liderança religiosa. A anúncio de um novo terreiro se deu no ano seguinte à entrevista, mas sua concretização ocorreu apenas em 2015.

O processo de territorialização de José Nazareno como Pai de Santo em Araguaína, especialmente no setor Céu Azul e, posteriormente, no bairro Bougainville, foi marcado por encontros, desencontros e reconfigurações que revelam a complexidade da construção de um espaço sagrado. A partir dos relatos de Maria Júlia e Roseane, é possível compreender esse percurso não apenas como um deslocamento físico, mas como uma experiência carregada de sentidos espirituais, afetivos e sociais.

Maria Júlia, que conheceu Nazareno por volta de 2002, relembra o início de sua relação com o terreiro no setor Céu Azul:

“Eu fui lá, né, conversei com ele, pedi para entrar lá. Ele me recebeu muito bem, ele e a outra lá que vivia com ele, né, a outra Mãe de Santo, Mãe Gildete, e me receberam muito bem... e eu fiquei frequentando lá” (Maria Júlia Rocha dos Santos, 2024).

Ela relata que naquele período o trabalho espiritual ainda estava centrado nas consultas, pois Nazareno não contava com um corpo mediúnico formado:

“Ele ainda não tinha médiuns, né?”.

A entrevistada ainda relata que, na casa onde atuavam, o trabalho religioso se dava principalmente por meio da consulência, sem a presença de médiuns em giras propriamente ditas:

“Em casa eles trabalhavam mais com consulência, não tinha médium. Então, digamos que eu fui uma das segundas médiuns dele”.

Nessa fala, Júlia se identifica como a segunda médium, embora não mencione quem teria sido a primeira. Ao falar sobre *consulência*, ela se refere ao fato de não haver giras, e de os trabalhos ocorrerem com as entidades incorporadas sentadas, diante do altar, onde atendiam os consulentes. Esse modelo inicial de atuação espiritual, mais contido e centrado nas consultas individuais, antecede a consolidação de Nazareno como dirigente de terreiro autônomo.

Apesar de o trabalho que Nazareno e Gildete vinham desenvolvendo juntos ter conquistado diversos adeptos e reconhecimento social, e de já terem iniciado sessões com giras, Roseane relata que tensões pessoais e espirituais entre eles — por vezes relacionadas também à orientação sexual de Nazareno — acabaram provocando o rompimento entre os dois. Essa ruptura levou Nazareno a deixar o terreiro onde atuava com Gildete e a recomeçar em um novo espaço, dando início a uma etapa mais autônoma de sua caminhada religiosa.

Foi nesse contexto de transição que surgiu a figura de Selvina, mulher residente na cidade de Filadélfia, no Tocantins (atualmente falecida), a quem Nazareno conheceu por meio da própria Gildete. Selvina viria a se tornar sua Mãe de Santo, assumindo um papel essencial

em sua formação mediúnica e no fortalecimento de sua doutrina espiritual após o rompimento com Gildete.

Vale ressaltar que, ainda no terreiro do Céu Azul, e a partir da relação com Selvina e do amadurecimento de sua prática, Nazareno passou a realizar giras com incorporação, introduziu o uso de tambores nos rituais e estruturou um ritual próprio. Ao se mudar para o novo terreiro, levou consigo esse aprendizado e a relação com Selvina. Ali, pôde desenvolver suas linhas de trabalho com maior liberdade e afirmar sua identidade religiosa sem as limitações vividas anteriormente.

Silvia conta que, ao sair da casa de Gildete — onde morava e atuava religiosamente — Nazareno inicialmente alugou, com apoio dela, uma casa na Vila Ribeiro, próximo ao bairro Céu Azul, em 2013. Após um período de dedicação à religião e ao acolhimento de outras pessoas, ele começou a construir, aos poucos, seu próprio espaço de culto no setor Bougainville, no terreno de sua mãe biológica. Essa nova etapa em sua vida contou com o apoio próximo de Roseane, que relembra:

“Ele resolveu abrir o próprio terreiro dele sozinho, que é lá no Bougainville. [...] Eu consegui o material pra ele... na verdade, nem foi o terreiro, foi o quartinho pra ele morar mesmo lá” (Roseane Costa, 2024).

A construção do terreiro e da casa onde Nazareno passou a residir foi realizada de forma gradual, com base em doações e colaborações de amigos e apoiadores. Rosalina, a mãe de Nazareno, lembra que o desejo dele era ter um espaço próprio:

“Ele queria ter um lugar dele mesmo, sabe? Realmente ele passou a ter o lugar dele, morar com as coisinhas dele” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Quando questionada sobre se costumava visitar o filho, dona Rosalina respondeu:

“Sim! Eu visitava ele e ele sempre me visitava. Sempre que ele ia lá pra casa, passava o dia todo comigo, era assim. Era mais difícil eu ir na casa dele, mas de vez em quando eu ia, sim, pra ver ele” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Essa fala de dona Rosalina evidencia uma relação marcada por afetos familiares, mas também revela uma possível dissociação simbólica em relação ao espaço sagrado ocupado por Nazareno. Ao afirmar que ia até sua casa “para ver ele”, ela parece reduzir o território do terreiro à esfera pessoal e familiar, desconsiderando — ao menos no discurso — seu caráter espiritual e coletivo.

O desejo de Nazareno por autonomia e por um espaço que pudesse chamar de seu foi concretizado com a construção do terreiro na Rua Perimetral 1, Quadra 94, Lote 33, Morada do Sol III, que passou a ser não apenas sua moradia, mas também o **Centro Espírita Santa**

Bárbara, local onde desenvolvia suas atividades espirituais. Para melhor situar o leitor em relação à espacialidade deste território sagrado, apresentam-se, a seguir, imagens de satélite (Figura 16) que mostram a área onde se localizavam o terreiro e a casa de Nazareno. As imagens, datadas de 2019 e 2024, permitem observar as transformações ocorridas no espaço ao longo do tempo, oferecendo uma comparação entre a configuração anterior e a atual do local após a destruição do terreiro.

Figura 16 - Localização do Centro Espírita Santa Bárbara.



Fonte: Elaborado por Natália Evora Vieira da Silva, 2024

A visualização geográfica apresentada acima permite compreender com maior clareza a inserção territorial do terreiro no tecido urbano e suas possíveis relações com o entorno. Esse recurso cartográfico reforça a ideia de que o espaço físico não é neutro, mas constitui uma dimensão fundamental na construção das territorialidades e das memórias que ali se articulam.

O terreiro de José Nazareno, por exemplo, está situado em uma zona mais afastada do centro da cidade, nas proximidades de uma das saídas de Araguaína, o que não apenas evidencia uma limitação ou escolha espacial, mas também revela dinâmicas históricas e sociais de marginalização territorial.

Essa localização periférica, como discute Almeida (2020), deve ser compreendida a partir de um contexto mais amplo de disputas simbólicas e práticas que marcam a presença das religiões de matriz africana nos espaços urbanos. Segundo o autor,

“A reconfiguração estrutural de Araguaína possibilitou um afastamento muito grande entre a própria comunidade. Porém, esse não foi o principal fato que causou o afastamento, pois havia grandes disputas entre os próprios dirigentes, e isso causava problemas de contato entre eles, o que gerava afastamento dentro do campo umbandista” (Almeida, 2020, p. 77).

Almeida acrescenta ainda que esse processo de distanciamento também se relaciona à discriminação e à intolerância religiosa, que “afastaram de modo gradativo os dirigentes para longe do centro; alguns permanecem no mesmo local até hoje, mas vivem de maneira discreta, quase imperceptível” (Almeida, 2020, p. 78).

Isso contribuiu para a reconfiguração territorial dos terreiros, que passaram a ser instalados majoritariamente em bairros periféricos e distantes uns dos outros, dificultando o contato e a articulação entre as casas. Assim, ao considerar a localização geográfica do terreiro de Nazareno, as imagens não apenas situam o espaço físico, mas também permitem visualizar as marcas de exclusão e resistência impressas no território, evidenciando como o espaço urbano reflete e produz desigualdades simbólicas, religiosas e sociais.

A localização e a configuração física do terreno podem ser interpretadas à luz do conceito de multiterritorialidade, de Rogério Haesbaert (2004), que reconhece que um mesmo espaço pode ser vivido e significado de formas distintas, a depender dos sujeitos e de suas experiências. Se, para Nazareno, o território ocupado era espaço de moradia e religiosidade, para dona Rosalina ele se apresentava apenas como o local onde habitava seu filho — desconsiderando, ainda que involuntariamente, as dimensões simbólicas e espirituais que o compunham. Ou, ainda, pode-se pensar que ela considerava esse espaço como religioso, mas como um espaço que deveria ser ocultado, escondido ou combatido. Vale ressaltar que Rosalina fazia parte do Salão do Reino das Testemunhas de Jeová.

Por outro lado, há também aqueles que se aproximaram desse lugar reconhecendo sua relevância espiritual para Nazareno e sua importância no apoio comunitário. Além do apoio material e afetivo, Roseane também acompanhou de perto as vivências espirituais no novo

espaço. Participou de festas, como a tradicional feijoada de Preto Velho e as celebrações de São Cosme e São Damião, realizadas no terreiro. Presenciou, ainda, o florescimento das atividades religiosas conduzidas por Nazareno, agora como dirigente umbandista. Ao recordar esse reencontro com o amigo, que ela conhecera anteriormente na Igreja Católica, Roseane comenta “Eu achei chocante, mas eu acho muito bonita a religião” (Roseane Costa, 2024).

Sua fala revela também um processo de reconexão com suas próprias raízes negras e indígenas, entrelaçadas com o respeito e admiração pela trajetória espiritual de Nazareno. “Minha bisavó foi amarrada em uma árvore por 15 dias para amansar... então minha descendência é muito forte. [...] Até o Nazareno vinha bater a caixa do Divino Espírito Santo pra minha mãe” (Roseane Costa, 2024).

Esses relatos, quando articulados, revelam uma dimensão fundamental da memória coletiva: a construção do terreiro de Nazareno foi, antes de tudo, uma experiência vivida e compartilhada por diversas pessoas que o cercaram, independentemente da religião por elas professada. Como aponta Halbwachs (2006), a memória individual é sempre sustentada por grupos sociais que a moldam e lhe dão sentido. Nesse sentido, tanto Raimundo Filho, quanto Maria Júlia e Roseane são portadores de fragmentos dessa história, contribuindo para a reconstrução de uma memória viva e plural sobre o surgimento e a consolidação de um território religioso que marcou a história da Umbanda em Araguaína.

Os relatos evidenciam como a espiritualidade de Nazareno esteve entrelaçada às raízes culturais e às experiências coletivas daqueles ao seu redor. Sua trajetória como Pai de Santo, portanto, foi marcada por interrupções, conflitos pessoais, reencontros com a fé e pelas influências das tradições religiosas do Norte e Nordeste do país, como o Terecô, o Tambor de Mina e as Pajelanças — práticas presentes entre os migrantes maranhenses e paraenses que se estabeleceram na região de Araguaína.

Essas religiões nortearam os rituais conduzidos por Nazareno em seu terreiro, constituindo uma espiritualidade híbrida, enraizada nas vivências locais. Ele próprio reconhecia essa influência ao afirmar que “A Umbanda que praticamos aqui não é igual à do centro-sul. Temos algo único, e isso vem das nossas raízes” (Almeida, 2020).

A espiritualidade vivida por Nazareno, mediada pelas entidades e pela escuta dos sinais espirituais, revela não apenas um modo singular de exercer sua fé, mas também sua participação na construção de um território de resistência, onde o sagrado, a memória coletiva e a identidade negra e indígena se entrelaçavam. Afinal, toda prática espacial — mesmo em sua forma embrionária — induzida por um sistema de ações e comportamentos, traduz-se numa produção

territorial. Trata-se de uma tessitura de laços, redes e sentidos que moldam os espaços e reafirmam a identidade coletiva por meio da fé e da memória (Haesbaert, 2004, p. 150).

Nesse contexto, é possível compreender o terreiro de Nazareno como expressão de uma multiterritorialidade, que articula diferentes dimensões de pertencimento (Figura 17). Como discutem Cordeiro e Silva (2021), o território não se reduz ao espaço físico, mas abrange também um espaço simbólico, afetivo e relacional, que carrega memórias, saberes e espiritualidades. A construção desse terreiro não representou apenas a fundação de um espaço religioso, mas também a afirmação de um lugar de existência e resistência para sujeitos historicamente marginalizados — negros, indígenas e pobres.

Figura 17 - Primeira festa de Rei Caboclo Tupinambá no terreiro no Setor Bougainville



Fonte: Sariza O C Venâncio (01 de novembro de 2015)

Como pode-se perceber, e mostrado a partir da fala de Roseane, Nazareno iniciou seus trabalhos em um salão ainda por terminar. O teto era coberto por plástico, com iluminação aparente, paredes sem reboco etc. Com o tempo, com ajuda de amigos e membros do terreiro, ele foi melhorando as condições físicas do espaço, como podemos ver na figura 18, dois anos depois o terreiro já estava pronto.

Figura 18 - Imagem Festa de Lourenço Légua no terreiro no Setor Bougainville



Fonte: arquivo Sariza O C Venâncio (14 de julho de 2017)

A territorialidade sagrada construída por Nazareno inscreve-se, portanto, em um processo de ressignificação do espaço urbano a partir de memórias ancestrais e práticas tradicionais, muitas vezes marginalizadas pelo discurso dominante. Como afirmam as autoras, “a territorialidade assume formas diversas, por vezes silenciosas e simbólicas, mas profundamente potentes” (Cordeiro; Silva, 2021, p. 83).

É certo que de silencioso havia pouco, quando se trata do terreiro de Nazareno. Aos domingos, ao meio-dia, ou nos trabalhos realizados à noite, era possível ouvir de longe o rufar dos tambores. Ao chegar ao local, viam-se claramente estátuas de pretos-velhos e caboclos em tamanho real. Todo esse cenário compunha a preservação de rituais, festas e narrativas que, mesmo em um contexto de reterritorialização, garantiam a continuidade de vínculos culturais e espirituais.

A trajetória de Nazareno mostra que, mesmo em meio às rupturas e deslocamentos que marcaram sua vida — e a de muitos dos que o cercavam — houve a possibilidade de reconstrução de um novo território a partir das referências de sua ancestralidade e das práticas afro-indígenas. Isso reafirma a ideia de que o território é também um campo de disputas simbólicas, no qual se travam lutas por reconhecimento, dignidade e pertencimento. Assim, o terreiro torna-se não apenas um lugar de culto, mas um espaço de reconexão entre o passado e o presente, entre o individual e o coletivo, entre o visível e o invisível.

3.4 A Prática religiosa de Nazareno

Nazareno era conhecido por sua postura acolhedora e pelo compromisso em ajudar a comunidade, tanto em questões espirituais quanto materiais. O terreiro que ele liderava era percebido como um espaço de cura e resolução de problemas, frequentemente procurado por pessoas de diferentes origens. Como ele próprio afirmava: “Aqui não fechamos a porta para ninguém. Quem vem com fé é atendido” (Almeida, 2020).

Essa imagem de Nazareno como uma figura benevolente, abnegada e protetora de seu povo aproxima-se do que Dosse (2012) compreende como um processo de hagiografização — uma construção memorial marcada pela exaltação de virtudes extraordinárias atribuídas a lideranças religiosas. Trata-se de uma dinâmica em que as narrativas e lembranças compartilhadas reforçam sua autoridade simbólica mesmo após a morte, contribuindo para sua consagração no imaginário coletivo.

Com base nisso, pode-se interpretar que a memória de Pais e Mães de Santo, assim como a de padres, papas e pastores, é frequentemente atravessada por elementos de sacralização, nos quais se exaltam não apenas suas boas ações em vida, mas também sua presença espiritual contínua. Esse processo é intensificado quando o terreiro é compreendido como um espaço de ancestralidade, resistência e transmissão de saberes — fatores que reforçam a permanência, ainda que na memória, dessas lideranças dentro das comunidades afro-brasileiras.

As contribuições de Paul Thompson (1992) são fundamentais para compreender a relevância da memória coletiva na preservação e construção de identidades culturais e sociais, especialmente entre grupos historicamente marginalizados. O autor argumenta que a história oral amplia a historiografia ao incluir a história de indivíduos e comunidades excluídas dos registros oficiais. Para ele, a memória — tanto individual quanto coletiva — revela dimensões emocionais, sociais e culturais do passado, oferecendo uma narrativa mais inclusiva e sensível às experiências vividas.

Thompson (1992, p. 187) também destaca que a memória “não é apenas um processo individual, mas também social. Ela é constantemente reorganizada e reconstruída, de acordo com as mudanças nas relações pessoais e no contexto social”. Essa perspectiva permite entender que as lembranças sobre figuras como José Nazareno são continuamente reinterpretadas, refletindo transformações culturais e sociais de quem o recorda. Assim, as narrativas construídas por seus filhos de santo e demais membros da comunidade tornam-se fontes legítimas para compreender não apenas sua identidade, mas também o valor cultural e espiritual que ele representa para cada um de forma individual e para a coletividade.

Nesse sentido, a figura de Nazareno transcende o papel de agente religioso e adquire contornos simbólicos mais amplos, tornando-se um verdadeiro marco identitário para a comunidade — tanto no campo educacional, como já vimos, quanto para o povo de santo. A evocação constante de sua atuação contribui para a construção de uma imagem fortemente associada a virtudes como generosidade, acolhimento, zelo e sabedoria. Como discute Dosse (2012), o processo de hagiografia envolve a valorização da vida de certas personalidades religiosas por meio de relatos que enfatizam feitos notáveis e dedicação exemplar, configurando uma forma de consagração simbólica.

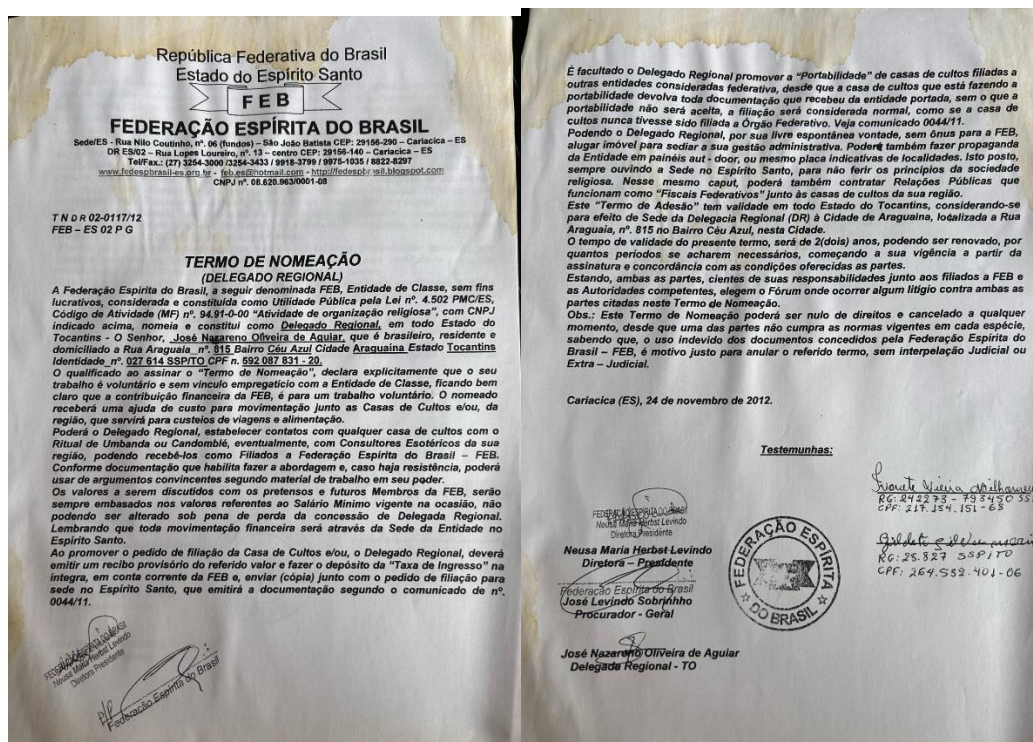
A entrevista com Júlia, que foi médium de Nazareno, reforça essa perspectiva ao destacar as lições de responsabilidade e dedicação espiritual deixadas por ele:

O que ele me ensinou, né, assim eu, observando ele, o que que ele me ensinou, que a gente tem que se dedicar, né ter responsabilidades e se dedicar àquilo ali. Então ele se dedicou muito à vida espiritual dele (...) tudo que ele fazia era dentro ali da espiritualidade, de concordância ali com a espiritualidade.” (Maria Júlia Rocha dos Santos, 2024).

O cuidado com o espaço sagrado também é evidenciado: “Em questão de trabalho, de ornamentação, de comprar coisas para o terreiro, né, ele era muito caprichoso. Inclusive, o terreiro dele era muito bonito, né, falando do Céu Azul.” (Maria Júlia Rocha dos Santos, 2024). Vale ressaltar que muitas das estátuas em tamanho natural que existia no terreiro, feitas de gesso, eram fabricadas pelo próprio Nazareno. Falas como a de Júlia consolidam a imagem de Nazareno como uma liderança admirada não apenas por sua atuação espiritual, mas também por seu senso de missão e organização.

Nazareno, talvez por ter sido professor e compreender melhor a burocratização das instituições, buscou desde o início — ainda com Gildete — institucionalizar sua prática religiosa ao filiar-se à Federação Espírita do Brasil (FEB) (Figura 19), com sede no Espírito Santo, e tornar-se delegado regional da entidade no estado do Tocantins. Esse vínculo com uma entidade federativa revela seu compromisso em garantir maior respaldo jurídico e social à sua atuação religiosa, bem como à territorialidade construída por meio de seu terreiro. Ao alinhar-se a uma organização que, desde suas origens, buscou dar personalidade jurídica e legitimidade aos terreiros e casas de culto, Nazareno inscreveu sua prática em um esforço coletivo de enfrentamento à intolerância religiosa e de afirmação de direitos.

Figura 19 - Termo de posse em 2012 de José Nazareno como Delegado Regional da FEB



Fonte: Sariza O. C. Venâncio.

A própria história da FEB reforça esse caráter de resistência e organização institucional. Criada a partir da Casa de Caridade Nossa Senhora da Glória, vinculada ao Terreiro Caboclo Tupinambá, em Niterói (RJ), a Federação surgiu em 1941 como resposta às perseguições religiosas e à necessidade de garantir reconhecimento legal às casas de culto espiritualista e afro-brasileiras. Com o tempo, transformou-se em uma entidade federativa com personalidade jurídica em todo o território nacional, amparada pelo Código Civil Brasileiro e pela Constituição Federal, como registra a própria instituição em seu site oficial (Federação Espírita do Brasil, 2024)³.

A filiação de Nazareno à FEB, portanto, não se deu de forma aleatória, mas como uma estratégia para legitimar, proteger e fortalecer sua territorialidade sagrada frente às instâncias legais e sociais. Esse gesto demonstra sua consciência política e espiritual, reforçando a importância do reconhecimento institucional para a sobrevivência e continuidade das tradições afro-brasileiras no Tocantins.

Apesar de não relatar abertamente situações de intolerância religiosa, Nazareno demonstrava, por meio de suas atitudes e falas, uma preocupação que o conduzia no

³ Disponível em: <http://www.fedespbrasil-es.org.br/pg/1675/historia-da-feb/>.

enfrentamento das adversidades e na consolidação de direitos para sua comunidade religiosa. Em entrevista concedida à professora Sariza Caetano, em 11/08/2012, ele nega ter sofrido qualquer tipo de preconceito:

Não, nada, nada, nada, nada. Até porque eu sou da sociedade, eu sou professor concursado há dezoito anos, como eu te contei naquela hora, e eu trabalho dentro da secretaria de educação [...] sou muito respeitado no meu campo profissional [...] sou envolvido na política com os prefeitos, com os vereadores [...] todo mundo me conhece dentro desse palco político da cidade [...] mesmo eu sendo espírita, fala porque fala pelas costas, mas de frente não, a gente não se choca [...] então a gente tem aquele respeito [...] (José Nazareno Oliveira de Aguiar, 2012).

Seguindo a perspectiva de Stuart Hall (2016), que compreende a identidade como um processo discursivo e mutável, é possível interpretar que Nazareno mobilizava diferentes elementos identitários de forma estratégica, conforme as demandas e contradições do contexto social em que estava inserido. Ao recorrer à sua identidade de professor associada a um capital cultural institucionalizado e às suas relações com agentes políticos, ele acionava recursos simbólicos que lhe conferiam legitimidade e reconhecimento social. Essa mobilização de identidades e capitais funcionava como uma forma de negociação e sobrevivência em uma sociedade marcada por práticas de homofobia, racismo e intolerância religiosa. Assim, sua identidade não era fixa, mas performada e articulada em resposta às estruturas de poder e às formas de exclusão que o cercavam.

Essa mobilização funciona como uma estratégia de distinção, por meio da qual Nazareno delimita sua posição dentro de um espaço social marcado por desigualdades e estigmas, especialmente no que diz respeito às religiões afro-brasileiras. Ainda que a Umbanda seja frequentemente alvo de preconceito, a atuação de Nazareno em campos considerados legítimos — como a educação pública e a política local — possibilitava a construção de uma imagem social respeitável, o que lhe conferia certa proteção simbólica e evitava confrontos diretos.

Compreende-se, assim, que sua fala é atravessada por um esforço de legitimação de si mesmo diante da sociedade, num movimento típico de agentes que ocupam posições ambíguas dentro do campo social: ao mesmo tempo em que participam de esferas desvalorizadas (como o campo religioso afro-brasileiro), detêm reconhecimento em esferas valorizadas (como o campo educacional e político).

Apesar da tentativa de Nazareno de silenciar ou neutralizar os impactos do preconceito em sua trajetória, os relatos de pessoas próximas revelam uma realidade mais complexa.

Membros do terreiro, como sua irmã Sílvia, apontam que o preconceito era sentido de forma clara, mesmo que ele preferisse não expor esse sofrimento. Ela relata:

Sílvia: Nós sabia que ele sofria, mas nós também não perguntava, nós não entrava na vida pessoal dele, e ele levava... um dia ele estava de boa, outro dia ele estava ruim. Só que a gente já sabia como era, entendeu? Esse lado do preconceito na macumba, nós passou demais. Porque tipo assim, você chegar no lugar e vê as pessoas olhando para você com olhar diferente, você conhece na hora. Então nós chegava em certo lugar que as pessoas.

Grazy: Já olhava: ‘ó os macumbeiro aí’.

Sílvia: Já vem chegando, entendeu? (Sílvia Ribeiro da Silva, Grazielle Formiga da Silva, 2024).

As duas entrevistadas ainda revelam episódios de vandalismo contra o terreiro, indicando ações violentas e desrespeitosas:

Grazy: Já sim. Teve bebo que passava ali, botava as estátuas para debaixo do chão, bagaço. (...)

Jonh: Quando o terreiro estava funcionando, então tinha esses vandalismos que iam lá, bebiam as pingas dos santos, derrubavam os santos?

Grazy: Ih, tinha vez que quebrava as coisas.

Jonh: Ele refazia, mas fazia boletim de ocorrência ou não?

Sílvia: Não, ele levava na esportiva.

Grazy: Porque a pessoa ia pagar de certa forma. (Sílvia Ribeiro da Silva Grazielle Formiga da Silva, 2024).

Apesar de sua postura aparentar serenidade diante dessas situações, as falas das pessoas próximas revelam uma percepção distinta: havia a certeza de que “a pessoa ia pagar de certa forma”. Isso poderia ocorrer por meio de rezas, trabalhos espirituais realizados por Nazareno ou, ainda, por iniciativa das próprias entidades, que se encarregariam de aplicar uma espécie de justiça espiritual. Nesse sentido, ele não via a necessidade de recorrer às instâncias policiais.

Mesmo não querendo falar sobre o preconceito vivido, as pessoas próximas de Nazareno reconheciam o impacto da intolerância religiosa na vida dele. Júlia, por exemplo, diz:

Porque assim, ele era uma pessoa que, por mais que... como eu falei, eu nunca vi ele reclamar, mas a gente sabe que, querendo ou não, preconceito existe, né? (...) Hoje eu às vezes repito a mesma coisa que eu ouvi ele falar uma vez. Ele dizia assim: ‘Podem falar o que quiserem, isso não vai me diminuir. Enquanto não vierem me bater, pode falar o que quiser’ (Maria Júlia Rocha dos Santos, 2024).

Os testemunhos analisados indicam que José Nazareno, mesmo sem relatar diretamente experiências explícitas de discriminação, vivia sob a constante tensão imposta por um preconceito estrutural, frequentemente naturalizado ou invisibilizado. Essa realidade pode ser compreendida à luz da noção de violência simbólica, desenvolvida por Pierre Bourdieu (1989).

A intolerância religiosa sofrida por Nazareno não se limitava a episódios evidentes, como agressões físicas ou simbólicas contra o terreiro que liderava. Ela se manifestava também na resignação de Nazareno em não denunciar. A postura de Nazareno, ao não denunciar essas situações, pode ser compreendida como uma forma de resignação diante de um cenário que historicamente marginaliza as religiões de matriz afro-brasileira. O que se enquadra precisamente com base em elementos das religiões afro-brasileiras. A entrevistada Roseane Costa (2024) evidencia as múltiplas dimensões desse preconceito, destacando suas intersecções: “Sofria muito! Por ser Pai de Santo, por ser gay”. A fala de Roseane reforça que a discriminação enfrentada por Nazareno operava em diferentes níveis — intersecção sexual, religiosa, classe e raça — revelando a complexidade das violências simbólicas sofridas por ele.

Dessa forma, ainda que Nazareno optasse por uma postura de resistência aparentemente silenciosa, sua atuação política, espiritual e social demonstrava uma preocupação com os desafios enfrentados por sua comunidade religiosa. Assim, através de documentos ou não, Nazareno permanece vivo na memória da comunidade e na continuidade das práticas religiosas por ele promovidas. Conforme destaca Venancio (2019), ele não apenas preservou as tradições da Umbanda em Araguaína, mas também as transformou, adaptando-as às especificidades culturais do Tocantins. Seu trabalho consolidou o Centro Espírita Santa Bárbara como um espaço de resistência, acolhimento e espiritualidade.

No contexto da Umbanda em Araguaína, como discutido anteriormente, a prática religiosa se caracteriza por uma hibridização que envolve não apenas elementos do centro-sul do Brasil, mas também as tradições locais do Maranhão e Pará, como o Terecô e as Pajelanças. Nesse cenário de fusão religiosa, surgem entidades como os Légua, que têm um papel fundamental na Umbanda local. É a partir da importância dessas entidades em seu culto que Venancio (2019) estudou a casa, e em seu trabalho pode-se compreender melhor a estrutura da casa de Nazareno.

De acordo com Venancio (2019), os Légua são entidades encantadas que, apesar de sua origem nas tradições afro-brasileiras do Maranhão e Pará, tornaram-se parte fundamental da Umbanda em Araguaína, em especial em casas que tiveram contato com pessoas oriundas dos estados mencionados, ou que tiveram seus dirigentes viajando e aprendendo por lá. Os Légua não apenas exemplificam o sincretismo da região, mas também atuam como mediadores culturais entre os diferentes planos espirituais, incluindo os dos encantados, que já desempenham um papel central nos rituais liderados por José Nazareno.

Como Nazareno afirmou em suas entrevistas, as entidades como os Légua são essenciais para a compreensão da dinâmica espiritual local, ajudando a estabelecer uma conexão entre os

rituais da Umbanda e as tradições mais antigas da região. Essa valorização das entidades também se refletia na forma como os trabalhos espirituais eram conduzidos em seu terreiro. A ritualística seguia um padrão, conforme relatam os filhos de santo que conviveram com ele. Os depoimentos de Graziele Formiga da Silva e Raimundo Filho de Sousa (2024) revelam aspectos complementares sobre os momentos de abertura, condução e encerramento das giras, evidenciando um sistema simbólico que combinava elementos da tradição católica com a doutrina e práticas da Umbanda.

Segundo Graziele, os trabalhos se iniciavam com a reza do terço, um marco da forte presença do catolicismo no terreiro de Nazareno. Ela recorda: “nós começávamos pelo poder da Santa Cruz: 'livrai-nos Deus de todos os nossos inimigos, glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, amém'. Aí nós iniciávamos” (Graziele Formiga da Silva, 2024). Após esse momento, entoavam-se três Ave-Marias, o Credo e demais rezas católicas. Em seguida, dava-se início à abertura de mesa com as chamadas doutrinas, cânticos espirituais que evocavam a presença das entidades e estabeleciam o ambiente ritual: “A gente começava, Oxalá ligai as correntes que Jesus Cristo mandou [...] aí estava ligada as correntes” (Graziele Formiga da Silva, 2024).

Logo após, realizava-se a defumação do espaço com um ponto que faz referência ao ato: “Eu incensei o terreiro de meu pai, eu incensei o terreiro de Dom João” (Graziele Formiga da Silva, 2024). Nesse momento, o ambiente e os médiuns eram purificados por meio da fumaça do incenso. A preparação do espaço físico e espiritual antecedia todo o processo. Como destaca Sílvia Ribeiro da Silva (2024), o terreiro era dividido simbolicamente em três casinhas, cada uma associada a uma linha espiritual (Pretos Velhos, Caboclos e Exus). Ainda na abertura do trabalho, acendiam-se as velas e se firmavam as correntes: “a gente limpava o terreiro, deixava tudo organizado, saía acendendo vela e ligando cada corrente antes de começar a gira” (Sílvia Ribeiro da Silva, 2024).

Além da preparação do espaço, havia também a purificação do corpo dos médiuns: “todos nós os médiuns, tinha que limpar o corpo antes de entrar para poder fazer os trabalhos” (Sílvia Ribeiro da Silva, 2024). Nazareno, por sua vez, também realizava uma preparação individual: “ele se isolava dentro do quarto dele e se concentrava e não queria que ninguém atrapalhasse ele. Ele tomava o banho dele, se fardava e ficava quieto isolado até a hora de ir trabalhar” (Graziele Formiga da Silva, 2024).

Esses relatos demonstram não apenas a dimensão espiritual da ritualística, mas também a disciplina e a dedicação pessoal de Nazareno ao conduzir os trabalhos. Raimundo Filho de Sousa complementa essas memórias, afirmando que os trabalhos normalmente tinham início ao meio-dia, com a firmação da esquerda: “A gente iniciava ele meio-dia, né, com a firmação pra

esquerda, aí da esquerda a gente passava para a direita [...] rezava o terço e daí se dava o início” (Raimundo Filho de Sousa, 2024).

As giras eram conduzidas por meio de uma alternância entre as linhas, com sessões que duravam cerca de uma hora e meia cada: “de cada tempo, de uma hora e meia por aí, a gente mudava, né, vinha mudando as linhas para o tambor” (Raimundo Filho de Sousa, 2024). Havia ainda cuidados específicos com a preparação espiritual, como o uso de banhos de ervas e a defumação: “Tinha a defumação do terreiro, defumação dos médiuns, tinha tudo”.

O comportamento dos médiuns também era regulado por normas de resguardo espiritual. Segundo Raimundo Filho, “No dia que vier, é com o corpo limpo, a mente limpa [...] Tinha que se resguardar 24h, né. Não podia estar em buteco, bebendo, sair de lá pra ir beber” (Raimundo Filho de Sousa, 2024). Ele ainda fala que a indumentária variava de acordo com a linha ou entidade homenageada: “Na maioria das vezes era branca, agora nos dias de festa era [...] caboclo era verde e branco, preto velho era branco, Santa Bárbara era vermelho e branco. E o Tupinambá mesmo era branco”.

O encerramento dos trabalhos também seguia um ritual coletivo. Conforme descreve Grazielle, todos se dirigiam à frente da mesa e “aí fechava, ia todos nós para a frente da mesa, aí fechava a mesa todinha. Depois que fechava, cada um com a sua farda ia para casa”.

Ela acrescenta que cada guia espiritual se despedia em seu próprio tempo: “Cada um vai no seu tempo e na sua hora [...], mas normalmente já sabia tempo de horário de trabalho”.

A organização e a sequência ritualística narrada pelos entrevistados revelam como que Nazareno conduzia as atividades espirituais em seu terreiro. Como descrito anteriormente, a abertura das giras seguia uma ordem precisa, com respeito às entidades que se manifestavam e à lógica espiritual que regia cada momento da sessão. Essa estrutura não se limitava apenas ao ritual das giras, mas se estendia também à programação anual das festividades realizadas no Centro Espírita Santa Bárbara.

Além da rotina dos trabalhos espirituais regulares, havia um calendário de festas que marcava datas simbólicas para as linhas espirituais cultuadas por Nazareno. Com base nos relatos orais e na entrevista concedida por José Nazareno, foi possível reconstruir o calendário anual de festas realizadas no Centro Espírita Santa Bárbara. As comemorações seguem uma lógica espiritual e afetiva que articula elementos da religiosidade afro-brasileira com o calendário católico popular, revelando sincretismos e práticas específicas de devoção e cuidado coletivo. Algumas datas são ligadas diretamente às entidades cultuadas por Nazareno, como seus guias de coroa ou de trabalho, enquanto outras associam-se a festas tradicionais reinterpretadas no contexto da Umbanda.

Em janeiro, por exemplo, era realizada, no dia 20, a festa de São Sebastião, uma celebração dedicada aos caboclos, ainda que levasse o nome do santo católico. No mês seguinte, fevereiro, aconteciam duas festas importantes: no dia 10, a festa para o Caboclo Ariolindo, em homenagem ao guia espiritual e pai de santo de Nazareno; e no dia 11, a festa para Exu, vinculada à figura de Omolu (ou Omolú), reforçando a presença dessa entidade ligada à saúde e à transformação.

Em maio, no dia 13, celebrava-se a festa dos Pretos Velhos, com a tradicional feijoada oferecida à comunidade e aos visitantes, reforçando o caráter acolhedor do terreiro. Julho era marcado por duas comemorações: no dia 14, a festa de Pai Lourenço, guia de coroa de Nazareno; e no dia 26, a festa de Senhora Santana, celebrada em homenagem à santa associada ao Caboclo Ariolindo.

No mês de agosto, havia duas celebrações relevantes: no dia 6, a festa de Jacira, entidade feminina reverenciada no terreiro; e no dia 25, a realização da Mesa de Lúcifer, um rito específico em que os participantes pediam proteção contra energias negativas. Essa mesa era montada com alimentos, bebidas, velas e elementos simbólicos direcionados ao espírito de Lúcifer, segundo os relatos, não como um culto à maldade, mas como parte de uma prática de defesa e equilíbrio espiritual.

Em setembro, no dia 27, realizava-se a festa dos Erês, relacionada à comemoração católica de Cosme e Damião. A celebração incluía uma mesa no chão com doces, bolos, refrigerantes e outros itens, montada para receber os Erês durante suas incorporações. Em novembro, no dia 1º, havia a festa do Caboclo Tupinambá, uma das mais importantes da casa, encerrada à meia-noite com a partilha de um bolo simbólico.

Por fim, dezembro era marcado pela festa de Santa Bárbara, no dia 4, padroeira do terreiro. Neste dia, os participantes vestiam-se com roupas nas cores vermelha e branca, encerrando-se com essa celebração o calendário litúrgico do Centro Espírita Santa Bárbara.

A fim de sistematizar essas informações e facilitar a visualização do calendário festivo do terreiro, organizamos abaixo a tabela 2, com os meses do ano, os nomes das comemorações e uma breve descrição dos eventos conforme foram narrados nas entrevistas.

Tabela 2 - Calendário do Centro Espírita Santa Bárbara

Mês	Comemoração	Descrição do evento
Janeiro	Dia 20 - Festa de São Sebastião	Festa realizada para os caboclos mas recebia o nome de São Sebastião.
Fevereiro	Dia 10 - Festa para Caboclo Ariolindo Dia 11 - Festa para Exu.	Realizava nesse mês duas festas a primeira em homenagem a seu pai de santo, a segunda atribuída a Omolu.
Março	Não tinha festa	
Abril	Não tinha festa	
Maio	Dia 13 - Festa para Pretos Velhos	Realizava uma feijoada para toda a comunidade e visitantes.
Junho	Não foi citado se havia ou não alguma festa.	
Julho	Dia 14 -Festa do pai Lorenzo Dia 26 - Festa de Senhora Santana.	Realizava duas comemorações a primeira para festejar seu guia de cabeça principal. E a segunda para a santa do caboclo Ariolindo.
Agosto	Dia 06 - Festa da Jacira. Dia 25 - mesa de Lúcifer	A mesa de Lúcifer era feita com galinha, sangue com cachaça, cervejas e velas. Onde todos no dia em volta da mesa pediam a Lúcifer para afastar toda energia negativas e que Lúcifer não perturbassem ninguém da casa.
Setembro	Dia 27- Festa dos erês	Festa para Cosme e Damião. Nesse dia organizavam uma espécie de mesa no chão com balas, bolos, refrigerantes etc. para os erês quando desciam no terreiro.
Outubro	Não tinha comemoração	
Novembro	Dia 01 – Festa de Tupinambá	Realizava a comemoração com um bolo até a meia noite.
Dezembro	Dia 04 - festejo Santa Barbara	Festejo em homenagem a santa que dá nome ao terreiro. As vestimentas eram vermelhas e brancas nesse dia e se encerra com essa festa o calendário do terreiro.

Fonte: Elaborada pelo autor com bases na entrevista realizada pela Professora Sariza com Nazareno (2012) e entrevistas realizadas com o povo de santo que participou da pesquisa.

Na visão de Nazareno, os Léguas são associados a uma linhagem ancestral que remonta a tempos bíblicos, especificamente ao período do dilúvio. Como explica o dirigente Nazareno, "eles datam da época de Noé, e não entraram na arca. Quando as chuvas começaram a alagar a terra, o patriarca da família levou todos para uma caverna onde se esconderam, sobreviveram

e, ao beberem da primeira poça d'água, se encantaram" (Venâncio, 2019, p. 189). Essa narrativa reforça o vínculo dos Léguas com as águas e as matas, sendo uma narrativa que carrega um simbolismo de resistência e adaptação frente aos desafios divinos e naturais. Talvez, não por acaso, Nazareno tenha se aproximado tanto dessa família encantada; sua trajetória parecia refletir a história deles.

3.5 Do Cuidar do Outro ao Esquecimento de Si: A Doença e o Recolhimento de Nazareno

A trajetória de Nazareno também foi marcada por uma postura ética de acolhimento e solidariedade, algo que perpassava tanto suas ações no campo espiritual quanto suas relações pessoais. Entretanto, esse gesto constante de doar-se ao próximo parece ter tido um custo silencioso ao longo do tempo. À medida que envelhecia e a saúde se fragilizava, o Pai de Santo foi gradualmente se recolhendo, enfrentando um período de adoecimento que o afastou da vida pública e comunitária.

O terreiro, nesse sentido, era mais do que um espaço religioso: funcionava como um território de acolhimento, resistência e pertencimento. Diversos depoimentos destacam como Nazareno mantinha uma postura de abertura, acolhendo pessoas de diferentes origens, classes sociais, orientações sexuais e condições de vida. Raimundo Filho, médium do terreiro, afirma que “ele servia todo mundo, ele era igual coração de mãe, para ele lá não tinha... ele não fazia distinção de pessoa, tanto o branco, o preto. Eu ainda até questionava o preto: ‘Padrinho, por que no seu salão só dá gente preta, só dá preto, nós é preto, só dá preto?’ ‘Eu não sei, é porque os espíritos só gostam de preto mesmo (risos)’” (Raimundo Filho de Sousa, 2024). Apesar do riso mostrar um tom de brincadeira com o dito, essa resposta de Nazareno pode ser analisada a partir da relação entre a Umbanda e a ancestralidade negra que a constitui. Ainda que dita de forma bem-humorada, sua fala revela sentidos amplos sobre os vínculos históricos e espirituais que marcam a presença das populações negras nos terreiros e a identificação dos guias espirituais com esses corpos e trajetórias.

Assim, a fala “os espíritos só gostam de preto mesmo” aponta, para além da brincadeira, uma visão carregada de ancestralidade e pertencimento. Essa ideia pode ser interpretada como um reconhecimento da forte presença de guias espirituais que representam a memória coletiva das populações negras, especialmente os pretos-velhos que, como observa Prandi, “representam os arquétipos de ancestrais escravizados e oprimidos, que retornam como mestres espirituais, depositários de saberes e condutores da cura e da justiça” (Prandi, 2001, p. 131).

Dessa forma, a predominância de pessoas negras no terreiro de Nazareno não se dá por acaso, mas reflete a própria história da Umbanda e a exclusão da população negra no país. A religião, ao centralizar entidades como os pretos-velhos, os caboclos e os exus, não apenas acolhe sujeitos historicamente marginalizados, como também os eleva a uma posição de protagonismo espiritual. Assim, ao afirmar que os espíritos “só gostam de preto mesmo”, Nazareno, ainda que de forma coloquial, revela a íntima conexão entre a religiosidade de matriz africana e a vivência negra, reafirmando o terreiro como um espaço de resistência, memória e dignidade.

Além do acolhimento espiritual, os relatos apontam para uma dimensão concreta de amparo a pessoas em situação de vulnerabilidade social. Um exemplo marcante citado nas entrevistas é o de Chicão, um homem trans que, segundo os depoimentos, foi acolhido por Nazareno e passou a morar com ele. Silvia relembra: “aí tinha outro rapaz também que morava mais ele, era o Chicão, não tem? Eu não sei onde é que o Chicão tá socado (...) foi outro também que o Nazareno adotou, botou dentro de casa também”. Em seguida, Grazielle complementa que “ele normalmente pegava gente assim que não tinha nada”. Esses testemunhos reforçam a compreensão do terreiro como um espaço de resistência cotidiana e de práticas de cuidado que desafiavam normas sociais excludentes. A atuação de Nazareno mostrava que a prática religiosa estava para além do cuidado espiritual; articulava-se com valores de solidariedade, inclusão e justiça social.

Outro episódio narrado por Roseane Costa, amiga próxima de Nazareno e testemunha de sua caminhada, ilustra de forma sensível a dimensão desse cuidado. Mesmo doente e sem estar se alimentando de forma adequada, Nazareno foi procurado por um pastor evangélico de Colinas do Tocantins, que levava consigo a filha, em situação de desespero. A jovem estaria “possuída por uma pomba-gira” e, após tentativas frustradas de expulsar o suposto “demônio”, recorreu a Nazareno como último recurso. Sem qualquer sinal de julgamento ou recusa, Nazareno acolheu a família, levou a jovem até o altar de seu terreiro, rezou o terço e, com serenidade, afirmou que a filha não estava possuída, mas que ela era uma médium.

Para Nazareno, o que se manifestava na menina não era um espírito maligno, mas sim uma mediunidade não compreendida, frequentemente oprimida por discursos religiosos intolerantes. Ao pastor, disse: “Pare de chamar tanto diabo, demônio na sua casa. Isso faz com que ela veja o que vocês temem. A menina não tem demônio no corpo, ela tem mediunidade. E ela precisa ser acolhida, não rejeitada” (Roseane Costa, 2024). Ao final da oração, a jovem apresentava sinais de melhora, e o pastor, impressionado, saiu em silêncio. Roseane, que

acompanhava a cena, recorda o impacto daquele momento como um retrato claro da postura de Nazareno: acolher, instruir e cuidar, mesmo quando ele próprio estava em sofrimento.

Essa disposição de cuidar se refletia também em ações concretas de solidariedade cotidiana, como relatado por sua mãe em entrevista. Mesmo sem ter convivido com ele no dia a dia, ela reconhecia o quanto ele se dedicava às necessidades do outro:

Olha, eu não conheci diretamente o Nazareno assim. Mas que ele fazia isso, ele fazia! Toda vez que eu chegava na casa dele, ele tinha muita cesta, tinha várias cestas, e eu perguntava “Meu filho, pra quê esse tanto de cesta?”, “Não, mãe, é para dar para as pessoas que estão necessitadas”. Eu digo “Nazareno, você precisa cuidar de você primeiro, para depois você cuidar dos outros, você tem que pensar em você”. (Rosalina Oliveira de Aguiar, 2024).

Esse depoimento reforça a imagem de um homem comprometido com o bem-estar coletivo, cuja prática espiritual estava ligada ao acolhimento de todos que o procuravam em situação de vulnerabilidade física ou espiritual.

Apesar do constante apoio às pessoas, Graziele conta que a ausência de reciprocidade nos momentos em que ele mais necessitou se tornou evidente: “Ele ajudou muitos os outros e, no final, quase não sobrou ninguém para cuidar dele” (Graziele Formiga da Silva, 2024). Esse testemunho evidencia uma das dimensões mais duras vivenciadas por lideranças espirituais, em especial na Umbanda, que, ao longo da vida, se dedicam a acolher, aconselhar e sustentar afetivamente tantas pessoas, mas que, em momentos de vulnerabilidade, experimentam o abandono ou o silêncio.

Apesar da força espiritual que permeava o Centro Espírita Santa Bárbara, segundo os entrevistados, e da presença marcante de entidades como os Léguas, que atuavam como agentes de proteção e cura dentro da comunidade, é importante destacar que Nazareno, enquanto dirigente, também enfrentava seus próprios conflitos e fragilidades inerentes ao ser humano. Ao longo do tempo, ele passou a lidar com sérios problemas de saúde, especialmente em decorrência do agravamento de sua diabetes. O avanço da doença, aliado à resistência em seguir os tratamentos adequadamente, impactou diretamente sua rotina, levando ao afastamento gradual tanto das atividades religiosas quanto do trabalho educacional.

Esse momento de vulnerabilidade marcou profundamente as memórias dos que o acompanhavam, como relatam alguns entrevistados ao mencionar que, em determinado ponto, Nazareno demonstrava sinais de desistência da vida, expressando um desejo de morrer — o que, infelizmente, veio a se concretizar algum tempo depois.

Roseane, uma das pessoas que acompanhou de perto sua vida, relembra esse momento com visível tristeza durante a entrevista:

John: Você chegou a acompanhar o período que ele começou a ficar doente, você ficava sabendo? Ele compartilhava isso, que ele estava com a diabete alta?
 Roseane: Sim! Ele cortou o pé. Tudo começou quando ele pisou no caco de vidro, né, aí foi infeccionando, infeccionando e ele nunca se cuidava. Aí o médico pedia “Dá um tempo na bebida, vamos fazer uma dieta direitinho pra sarar”, ele não se cuidava. (Roseane Costa, 2024)

Essa lembrança de Nazareno, marcada por sua debilidade física, revela uma faceta de sua identidade muitas vezes obscurecida pela imagem forte do líder espiritual. Stuart Hall (1997) destaca que as identidades não são fixas ou essencializadas, mas construídas de forma discursiva, múltipla e em constante transformação. A memória de seus afetos, dores e desejos expressa a complexidade de ser Nazareno, alguém que, ao mesmo tempo em que representava força e cura para muitos, também experienciava o adoecimento, o desgaste e a vulnerabilidade em sua trajetória pessoal.

Como relembra Graziele: “Eu atendia, ele botava eu para atender quando ele não dava conta que a doença já estava aí” (Graziele Formiga da Silva, 2024). Mesmo doente, Nazareno permanecia atento às demandas espirituais e humanas do terreiro, ainda que isso significasse abrir mão de si para cuidar dos outros. Para Graziele, os filhos de santo eram também filhos de coração, pois Nazareno os acolhia com afeto, orientação e responsabilidade. No entanto, esse mesmo comprometimento, segundo ela, teve um preço alto: “Ele ajudou muito os outros e no final quase não sobrou ninguém para cuidar dele”. Esse abandono se torna mais evidente nas suas palavras ao dizer que, quando “todo mundo tá com a vida arrumada que não precisa mais, aí esquece né, aí some”.

A fala dela expressa não apenas uma dor pessoal, mas também um padrão recorrente nas relações com líderes religiosos de matriz africana e suas comunidades, especialmente em contextos de vulnerabilidade social. Nesse sentido, é pertinente a reflexão de Reginaldo Prandi (1995, p. 76), ao afirmar que, em muitos casos, essas casas funcionam como agências de serviços religiosos, nas quais o sagrado é acionado mais como meio para resolver problemas imediatos do que como vínculo contínuo com o religioso. Como observa o autor:

Como agência de serviços religiosos oferecerá ao não devoto um tipo de serviço em que o sagrado, o estritamente religioso, é pouco exigente para quem busca uma religião não para ser ou por ser religioso, mas simplesmente para a solução de um problema não resolvido por outros meios. (Prandi, 1995, p. 76),

Essa lógica instrumentaliza o terreiro como espaço de atendimento, onde o dirigente espiritual é valorizado enquanto oferece soluções, mas frequentemente esquecido quando não é mais “necessário”. No caso de Nazareno, essa dinâmica torna-se visível tanto nas falas dos que conviveram com ele quanto no esvaziamento afetivo e físico que acompanhou seu adoecimento e morte. O terreiro, outrora cheio de pessoas em busca de auxílio espiritual, tornou-se silencioso diante de sua fragilidade. A reciprocidade, tantas vezes desejada como retribuição simbólica, não foi plenamente vivida por ele. Assim, o seu legado resiste, não apenas na memória daqueles que ficaram, mas na denúncia silenciosa de uma prática de fé marcada, muitas vezes, pela ingratidão e pelo consumo espiritual episódico.

A ausência dos que antes recorriam a ele parece ter deixado marcas profundas. “Ele ficava bastante em silêncio”, lembra, sugerindo que esse silêncio era um sintoma do sofrimento. Grazielle ainda reforça que “ele não tinha paz... não tinha sossego”, relatando que a rotina dele era atravessada por demandas constantes, sem descanso, nem mesmo para necessidades básicas: “nem de ir no banheiro direito, nem de comer, nem de beber uma água, nem de dormir, que era gente toda hora chegando, toda hora tinha gente, toda hora tinha, toda hora” (Grazielle Formiga da Silva, 2024).

Esses fragmentos de memória revelam não apenas o desgaste físico, mas também o emocional, reforçando a ideia de Hall de que a identidade é moldada por experiências contraditórias e por posições ocupadas ao longo do tempo. Nazareno, o pai de santo que ofertava cuidado e escuta, também era alguém que padecia, calava e sofria em silêncio, especialmente quando o corpo já não correspondia à força que sempre projetou.

É importante relembrar que certas construções narrativas sobre figuras consideradas exemplares – especialmente no campo religioso – tendem a operar segundo uma lógica semelhante à da hagiografia. Segundo Michel de Certeau, a narrativa hagiográfica é estruturada por um princípio de origem essencial: “O santo é aquele que não perde nada do que recebeu”; ou seja, a ideia que estrutura o discurso hagiográfico é considerar que a santidade está presente desde a origem, com uma “vocação” ou “eleição” reconhecida ainda na infância (Certeau, 2011, p. 297 apud Lima Silva; Veras, 2016, p. 174).

A vida do santo é apresentada como uma totalidade já contida na infância ou nas experiências iniciais, e essa “vocação” é vista não como construção progressiva, mas como um dado revelado ao longo do tempo por meio de uma “epifania progressiva”. Essa perspectiva, ainda que com roupagens distintas, pode ser percebida em diversas biografias religiosas, onde a trajetória do sujeito é organizada a partir de marcos originários que o predestinam à santidade ou à missão espiritual.

Nessa construção, como observa Dosse (2009), o personagem se apresenta inteiriço, imutável, moldado desde cedo para enfrentar as adversidades com coerência interna e fidelidade ao seu chamado. Tal estrutura narrativa, longe de simplesmente registrar fatos, opera com a força simbólica da origem, legitimando o biografado como figura exemplar e, por vezes, quase mítica. Trata-se de uma articulação entre a ordem do ser e a ordem do parecer, como propõe Certeau, mediada por uma ideia de “poder” que pode se expressar tanto nas virtudes quanto nos milagres, e que torna possível o relato de manifestações consideradas extraordinárias (Certeau, 2011, p. 298-300).

Ao analisar memórias e relatos sobre figuras religiosas como José Nazareno, é preciso atentar para esse modo de construção narrativa que pode naturalizar a vocação e apagar as rupturas, dilemas e transformações ao longo da vida do sujeito. A repetição de certos elementos biográficos – como o contato precoce com a fé, os primeiros sinais de sensibilidade espiritual, o enfrentamento de perseguições ou o abandono quando mais precisava – muitas vezes não atua apenas como memória, mas como dispositivo de consagração hagiográfica. Assim, esses elementos ganham o status de biografemas (Barthes, 1980), fragmentos capazes de condensar sentidos e alimentar a construção simbólica do personagem, transformando detalhes cotidianos em emblemas de virtude e missão (Silva; Veras, 2016).

Nesse sentido, as memórias evocadas por pessoas que conviveram com Nazareno como Pai de Santo não apenas revelam afetos e experiências compartilhadas, mas também contribuem para a elaboração de sua imagem enquanto liderança espiritual exemplar e sem contradições e conflitos consigo e com outros. Durante as entrevistas realizadas com essas pessoas próximas a ele, emergiram situações que, para elas, foram marcantes naquele momento dos relatos, por exemplo, sobre seus últimos dias de vida e sobre o processo de despedida, carregado de significados afetivos, espirituais e tensionamentos familiares.

3.6 José Nazareno Oliveira de Aguiar e Centro Espírita Santa Bárbara: o fim?

Para compreender as circunstâncias que envolveram o falecimento de Nazareno, é necessário considerar o contexto sanitário crítico em que sua morte ocorreu. A pandemia da Covid-19, que atingiu o Brasil com força, agravou diversas vulnerabilidades sociais, institucionais e pessoais, inclusive afetando diretamente figuras como Nazareno, cuja trajetória na educação e na religiosidade afro-brasileira de Araguaína foi marcada por resistências e enfrentamentos. Assim, contextualizar a chegada da Covid-19 ao Brasil e, especialmente, sua

interiorização até Araguaína-TO contribui para compreender o cenário que envolveu seus últimos dias de vida.

A pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil no início de 2020 e, a partir das grandes capitais, iniciou um processo de interiorização, alcançando rapidamente regiões periféricas e cidades médias. Segundo AGUIAR et al. (2020), esse movimento de disseminação do vírus encontrou na malha rodoviária e nos intensos fluxos populacionais do norte dos vales dos rios Araguaia e Tocantins um ambiente propício para sua expansão. No caso específico de Araguaína, situada no norte do Tocantins e considerada um polo regional, o primeiro caso confirmado ocorreu em 30 de março de 2020. A cidade, conectada por importantes rodovias federais como a BR-153, rapidamente se tornou um dos principais núcleos de contágio na região. Os autores destacam que, entre os dias 5 de abril e 1º de maio daquele ano, houve um aumento expressivo no número de casos, indicando que a circulação entre Araguaína e centros como Imperatriz (MA) e Marabá (PA) teve papel decisivo na propagação do vírus.

A espacialização cartográfica e os dados epidemiológicos analisados pelos autores revelam que a Covid-19 se espalhou dos grandes centros para cidades menores ao longo das rodovias, e que Araguaína, com suas funções regionais e reabertura precoce do comércio, se tornou um vetor relevante na disseminação da doença no território analisado. Em abril de 2021, mês e ano em que Nazareno deu entrada no hospital, foi um dos períodos mais críticos da pandemia da COVID-19 no Brasil. Segundo o site Deutsche Welle, naquele mês, o país enfrentou o ápice da crise sanitária, registrando mais de 82 mil mortes, incluindo um recorde de mais de 4.000 óbitos em um único dia, devido à disseminação acelerada da variante P.1 e à superlotação dos hospitais, especialmente nos leitos de UTI (Deutsche Welle, abril de 2021). Conforme informado pelo portal UOL, o Brasil ultrapassou a marca de 400 mil mortes por COVID-19 em abril de 2021, apenas 36 dias após atingir 300 mil óbitos, revelando a gravidade e a velocidade da tragédia naquele momento (UOL, 29 de abril de 2021). Essa conjuntura de colapso hospitalar e alta mortalidade afetou todas as camadas da população, agravando ainda mais a vulnerabilidade daqueles acometidos pela doença.

Foi neste cenário de emergência sanitária que José Nazareno Oliveira de Aguiar teve seu fim de vida. Com apenas 49 anos, prestes a completar 50 em outubro daquele ano, Nazareno faleceu no dia 21 de abril de 2021, às 21h15, no Hospital Regional de Araguaína, sendo sepultado no Cemitério São Lázaro, de acordo com sua certidão de óbito.

A causa da morte foi registrada como choque séptico, septicemia, pneumonia (PNM) e doença pulmonar crônica descompensada (DPCD), o que indica que ele foi acometido por uma infecção generalizada que evoluiu rapidamente, agravada por uma condição pulmonar

preexistente. A morte de Nazareno ocorreu em um momento de colapso hospitalar no país. Internado no Hospital Regional de Araguaína, ele não chegou a ser transferido para a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), permanecendo na chamada “sala vermelha”, reservada a pacientes em estado grave que aguardam vaga em leitos intensivos, até sua morte.

Vale ressaltar que o processo de adoecimento de Nazareno foi lento e doloroso. Segundo Jacinta, sua amiga e colega de profissão, ele enfrentou sucessivas amputações decorrentes da diabetes, passando da perda de um dedo até partes maiores do pé. Ainda assim, não perdia o bom humor: “a gente sorria demais. Eu dizia para ele: ‘daqui uns dias vai cortar mais’, e ele ria” (Jacinta Ribeiro Lopes, 2024). Jacinta relata, emocionada, que o último encontro dos dois foi alegre e tranquilo, mesmo diante do estado de saúde avançado. A mesma dor é compartilhada por Roseane, amiga próxima que o acompanhou de perto nos últimos dias de vida dele: “Ele me abraçou e disse: ‘Papai volta já, meu filho’ (olhando para Heitor, que tinha três anos de idade nessa época). Mas ele não voltou” (Roseane Costa, 2024).

A diretora Maria Alves descreve um Nazareno acolhedor mesmo já debilitado pela doença. Antes da pandemia, os colegas de trabalho costumavam visitá-lo, levando lanches e passando tardes em sua companhia: “A gente sempre ia lá levar um bolo, refrigerante... e ficava assim uma tarde com ele” (Maria Alves, 2024). No entanto, com o agravamento da doença e o impacto da pandemia, esse convívio foi se tornando mais restrito. Quando Nazareno faleceu, a notícia abalou aqueles que permaneceram próximos a ele como sua irmã Silvia:

Aí o Nazareno morreu, John. Eu recebi a notícia aqui, era umas oito horas da noite. Dois filhos de santo dele foram lá pra casa dele. Eu estava aqui em casa, ali sentada, quando eu recebi a notícia, e isso pra mim... acabou. Isso foi o que eu considero hoje como irmão, que é o Flávio, que ele deixou, que é outro igual à Grazi que eu tenho (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Silvia diz que fez questão de honrar um dos últimos desejos expressos por Nazareno em vida que era que seu corpo fosse velado no salão do terreiro, espaço que por anos havia acolhido não apenas os rituais, mas também suas relações de afeto, espiritualidade e resistência. Silvia recorda esse pedido com firmeza e reverência:

Porque antes dele morrer, John, ele falou pra mim, toda vida ele falava. Ele dizia: ‘Silvia, quando eu morrer, é pra você me botar dentro do salão. Pode dar chuva de canivete, pode vir quem quiser em cima de mim, só que você não precisa ter medo não, que os orixás não vão deixar acontecer nada com você’. E eu fiz” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Essa preocupação de Nazareno, assim como outras que tinham a ver com sua partida, já eram expressas por ele nos meses que antecederam sua morte. Silvia relembra com emoção os

momentos que antecederam e seguiram a morte de Nazareno, destacando a presença ativa de Flávio, amigo próximo e considerado por ela como um irmão quando da internação dele:

porque ele já sabia de tudo. O Nazareno já tinha conversado. E pra tu ver o tanto que o Nazareno era sábio: quando nós fomos levar ele pro Regional, o Flávio chegou, e ele [Nazareno] disse: ‘Pega essa vela e assenta lá’. O Flávio foi e assentou a vela. E aquela vela correu sepultamento, correu tudo. E a vela chorava, chorava. Eu ia lá, olhava pra aquela vela... A vela, que era pra aturar sete dias, aturou três dias. Eu não sei que segredo é que tem. Eu tinha vontade de ir lá, mas eu não dou conta (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Maria Alves, por sua vez, comenta como foi o velório, ressaltando a força espiritual do momento. Ela lembra que o ritual foi marcado pela presença significativa dos adeptos da religião: “Tinha muita gente lá, o povo de santo, rezando, bailando, as mulheres todas de branco” (Maria Alves, 2024). O velório dele, ainda que proibido naquele momento, só foi possível de ser realizado devido aos contatos que Nazareno tinha em diversos setores da sociedade araguainense. A despedida foi marcada por uma participação restrita, concentrando-se principalmente entre seus filhos de santo e pessoas ligadas ao espaço religioso.

A escolha do terreiro como espaço para a despedida final gerou conflito com a mãe de Nazareno, que, segundo os depoimentos, nunca aceitou sua religiosidade nem sua sexualidade. Uma das entrevistadas comenta: “Ela (mãe do Nazareno) é Testemunha de Jeová. Não entrou no velório. Não queria que acendesse nada lá, mesmo o terreiro sendo o espaço dele” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Entre os últimos desejos de Nazareno estava o pedido para que seu corpo fosse velado no salão do terreiro, espaço simbólico de sua trajetória religiosa e afetiva. Grazielle Formiga da Silva, que conviveu com ele, relata: “Antes de morrer, o Nazareno pediu pra mim que, quando ele partisse, fosse velado dentro do salão do terreiro” (Grazielle Formiga da Silva, 2024).

Nesse sentido, negar o rito de despedida no terreiro é tentar destituir o sujeito de seu território simbólico, apagando dimensões fundamentais de sua biografia e pertencimento. A territorialidade religiosa de José Nazareno, construída ao longo da vida, resiste mesmo após sua morte, e a decisão de velá-lo no salão do terreiro, a pedido dele, mostra como ele queria demonstrar que esse território era importante para ele. Fazer esse pedido torna-se, assim, um ato político e espiritual de afirmação de sua identidade como Pai de Santo.

A disputa pelo corpo e pelo espaço sagrado de despedida evidencia o conflito entre a religiosidade afro-brasileira e valores familiares marcados por religiosidades hegemônicas, como as de matriz cristã-evangélica. A irmã continua:

Ele estava com medo de eu passar dificuldade. Deixou tudo preparado: deixou R\$ 4.820 na conta pra comprar o caixão. Eu não sabia de nada. Ele me chamou ainda no hospital, na sala vermelha, antes de morrer, e me entregou a aliança. Disse: ‘Tu não desaparta dessa aliança. Aonde tu for, tu leva contigo. E aqui está o cartão. Qualquer coisa, o Flávio (amigo próximo de Nazareno) sabe de tudo. Ele não vai te deixar na mão (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Ela relata que Nazareno sabia que não voltaria mais para casa, o que reforça a percepção de que ele organizou sua partida com cuidado e proteção aos seus “Ele falou: ‘Não desampara meu filho não. Eu nunca vou deixar você passar necessidade. Você pode até passar por um tempo, mas depois Deus vai te ajudar.’ E ele não voltou mesmo, John. Ele já sabia de tudo” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

A despedida de José Nazareno, realizada dentro do espaço do terreiro conforme sua vontade, torna-se um marco de resistência simbólica. Em uma sociedade onde os rituais fúnebres têm sido cada vez mais institucionalizados e padronizados, a decisão de velar seu corpo no terreiro reafirma sua trajetória religiosa e sua identidade construída naquele espaço. Como apontam Menezes e Gomes (2011, p. 94), os rituais mortuários, além de conferir destino ao corpo, “refletem os valores e as crenças compartilhados por cada grupo, cultura ou sociedade”. A opção de Nazareno por ser velado no espaço onde construiu sua história religiosa é, portanto, um gesto de afirmação identitária e de poder estar entre os seus.

O respeito à vontade do falecido adquire, na contemporaneidade, um novo estatuto. As autoras observam que há uma crescente valorização da singularidade e da autonomia individual na organização das cerimônias de despedida, as quais tendem a refletir cada vez mais os gostos, trajetórias e pertencimentos do indivíduo que se foi (Menezes; Gomes, 2011, p. 106). Essa ênfase na singularidade também aparece na importância atribuída à memória do morto, que “permanece na memória dos vivos” e continua sendo referência simbólica e afetiva. No caso de Nazareno, a realização do velório no terreiro não apenas respeita sua escolha pessoal, mas também transforma o espaço religioso tantas vezes invisibilizado socialmente em território de memória, dignidade e reconhecimento.

Além disso, as autoras enfatizam que os rituais de morte operam como mecanismos de coesão social, ainda que, em muitos casos, revelem conflitos, ausências e disputas entre diferentes grupos de pertencimento (Menezes; Gomes, 2011, p. 111). No caso de Nazareno, a pouca participação de pessoas fora do campo afro-religioso na cerimônia fúnebre revela tensões entre a dedicação que ele ofereceu em vida e a ausência de reciprocidade após sua morte. A escolha do terreiro como lugar de passagem final, portanto, não apenas cumpre um desejo

individual, mas reativa o valor simbólico do espaço religioso afro-brasileiro, desafiando os modos hegemônicos de lidar com o morrer.

A despedida de José Nazareno, realizada dentro do espaço do terreiro conforme sua vontade, torna-se um marco de resistência simbólica. O ato de velá-lo ali, diante da desaprovação da própria mãe, representa a reafirmação de sua identidade espiritual, de sua trajetória de liderança religiosa e da importância do terreiro como território de memória e de pertencimento. Mesmo em sua ausência física, os vínculos afetivos e religiosos se manifestam, e o terreiro reafirma-se como lugar de enraizamento e continuidade. Essa tensão ganha contornos interessantes nessa narrativa quando o corpo se torna o centro de disputas entre diferentes formas de pertencimento e reconhecimento simbólico.

Quando Silvia fala: “Ele me disse: Quando eu morrer é para me colocar dentro do salão”. Essa fala ilustra como o terreiro, mais do que um espaço físico, é um território de memória, proteção espiritual e continuidade simbólica. Como afirma Haesbaert (2024), o território é sempre mais do que um simples espaço delimitado; ele envolve relações de pertencimento, poder e identidade.

A territorialidade religiosa de José Nazareno, construída ao longo da vida, resiste mesmo após sua morte. A decisão de velá-lo no salão do terreiro conforme seu próprio desejo mostra que esse espaço era, para ele, mais que um cenário ritual: era um lugar de pertencimento e consagração. Ao realizar o velório ali, sua filha de santo não apenas respeita um pedido íntimo e espiritual, como também reafirma a identidade de Nazareno como Pai de Santo. O gesto torna-se um ato político e religioso de resistência e preservação de sua história.

Entretanto, esse ato não ocorreu sem resistência. A mãe de José Nazareno, pertencente a uma religião de matriz judaico-cristã, recusou-se a participar da cerimônia fúnebre por ocorrer dentro do terreiro. Segundo relatos de Silvia e Grazielle, a mãe de Nazareno não entrou no velório “Porque era dentro do terreiro” (Grazielle Formiga da Silva, 2024).

Essa ausência revela não apenas uma discordância pessoal, mas uma ruptura simbólica que marca a rejeição da identidade religiosa e afetiva de Nazareno. Silvia reforça, “Ela nunca aceitou, John, aquilo lá... aquilo que eu te falei sobre a sexualidade dele e a área de Umbanda” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

O terreiro, enquanto território simbólico e sagrado, tornou-se também um espaço de disputa familiar e religiosa. Como descreve Haesbaert (2024), o território é também um campo de tensões, disputas simbólicas e embates de poder — “um espaço onde se expressam diferentes territorialidades que se sobrepõem, se confrontam e, por vezes, se excluem” (Haesbaert, 2004).

Nesse caso, o confronto se deu entre uma territorialidade de afirmação representada pela religiosidade afro-brasileira de Nazareno e pela preservação de seus rituais e uma territorialidade de negação, ancorada em valores normativos de matriz hegemônica. A escolha por manter o corpo no salão do terreiro, mesmo sob pressão, reforça a potência da territorialidade religiosa como forma de resistência simbólica. Como completa uma das entrevistadas, “Nunca tinha acontecido o que aconteceu. Porque se ela [Grazy] tivesse ficado, a mãe dele nunca ia destruir, o que a mãe dele fez eu fazer.” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Ainda que fragmentada, essa fala aponta para um sentimento de ruptura: a ausência de continuadores legítimos da tradição religiosa de Nazareno pode ter contribuído para a posterior destruição do terreiro. A presença contínua de pessoas que partilhavam da mesma espiritualidade poderia ter fortalecido a preservação daquele espaço como território simbólico de memória e resistência.

A seguir, a figura 20 e 21 registram o antes e o depois do terreiro, ilustrando visualmente a transformação do espaço e reforçando a importância de sua preservação enquanto lugar de memória, religiosidade e pertencimento.

Figura 20 - Terreiro após a destruição



Fonte: Sariza O C Venâncio (foto tirada em 06 de maio de 2021)

Figura 21 - imagem atual do local onde era o terreiro.



Fonte: Wellton Jonh, 2025.

A reconstrução da memória de José Nazareno, por meio de narrativas orais e documentais, revela como sua presença se prolonga mesmo após a morte, especialmente através da importância simbólica do terreiro. Esse espaço, que abrigava práticas espirituais, encontros comunitários e experiências afetivas, passou a ser disputado logo após seu falecimento.

As falas de Silvia e Graziele evidenciam como o processo de destruição do terreiro teve início de forma abrupta e dolorosa, poucas horas após o enterro de Nazareno. Como relata Silvia: “A mãe dele me deu um dia para me tirar tudo...” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024), revelando a pressão para o esvaziamento imediato do espaço. Graziele complementa: “Foi assim, ele foi enterrado, seis horas já começou”, (Graziele Formiga da Silva, 2024), indicando a rapidez com que o terreiro começou a ser desmontado.

Essa urgência na desarticulação do espaço evidencia a tentativa de apagar um território simbólico construído ao longo de sua vida, espaço que carregava não apenas objetos e estruturas físicas, mas significados para sua comunidade de santo. A retirada forçada e repentina dos elementos do terreiro pode ser compreendida como parte de um processo de silenciamento das memórias e práticas afro-brasileiras que ali se manifestavam.

A origem do conflito está diretamente ligada à propriedade legal do espaço. Embora tenha sido fundado, cuidado e vivenciado por Nazareno como território sagrado, os lotes onde

o terreiro foi construído estavam registrados no nome de sua mãe biológica. Esse detalhe jurídico, muitas vezes irrelevante nas dinâmicas espirituais do cotidiano, revelou-se decisivo após sua morte. Sem a formalização da transferência da posse, sua mãe reassumiu legalmente o controle do terreno, desconsiderando a dimensão simbólica e espiritual ali existente.

A morte de José Nazareno Oliveira de Aguiar trouxe à tona uma série de tensões envolvendo não apenas a continuidade do Centro Espírita Santa Bárbara, mas também disputas relacionadas à posse e ao direito sobre os lotes onde o terreiro funcionava. Embora o espaço tenha sido por muitos anos ocupado e cuidado por Nazareno, os terrenos estavam legalmente registrados em nome de sua mãe biológica, Rosalina Oliveira Aguiar.

Foi apenas após o falecimento do filho, ao tomar conhecimento da existência de um companheiro com quem ele havia se casado e de Heitor, criança registrada por Nazareno como seu filho, que Rosalina decidiu reivindicar de volta os terrenos e solicitou a retirada de tudo o que havia no espaço. Segundo ela: “Eu mandei que eles tirassem as coisas [...] Tiraram sim. O que eles puderam levar, eles levaram” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Essa atitude, embora legalmente amparada, revela múltiplas camadas de conflito. Do ponto de vista econômico, a ação de Rosalina pode ser interpretada como uma tentativa de preservar seu patrimônio diante da possibilidade de que o espaço fosse disputado por terceiros, inclusive por alguém que ela não reconhecia como parte legítima da família. Conforme relatado, “vieram atrás dizendo que tinham direito” (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024). Sua fala parece mostrar a ação de algumas pessoas intensificou sua decisão de reaver o controle do terreno.

Nesse sentido, há uma distinção clara feita por ela entre permitir que o filho permanecesse no lote como havia feito até então e aceitar que outros, como o companheiro de Nazareno ou mesmo o filho, pudessem reivindicar esse espaço após sua morte. No entanto, essa mesma atitude também pode ser lida sob a ótica de conflitos religiosos e afetivos. Embora houvesse respeito aparentemente formal entre mãe e filho, havia também uma nítida barreira no campo espiritual. Nazareno e Rosalina não moravam próximos, e nas ocasiões em que ele a visitava, a religião era um tema de tensão constante. A falta de diálogo religioso entre ambos era evidente: “Ele falava: ‘Mãe, você não quer ouvir como eu sou na minha religião?’ E eu: ‘Não! Prefiro parar de falar da minha religião da Bíblia, que é uma coisa certa pra você, do que te ouvir falando na sua’” (Rosalina Oliveira de Aguiar, 2024). A fala revela um respeito condicionado e limitado à crença do outro, sustentado por uma visão moral rigidamente ancorada em sua própria fé cristã.

A tentativa de venda do espaço também encontrou resistência por parte da sociedade. Rosalina relata que, ao tentar vender os lotes, tem enfrentado estigmas relacionados ao fato de

ali ter funcionado um terreiro: “Aconteceu de alguém me falar: ‘Olha, só de saber que isso já foi um centro, fica difícil de você vender porque aí fica todo mundo com medo’”. Ela rebate essa visão com um discurso racional: “Um centro espírita não faz medo a ninguém. Pode ser que a pessoa siga ele, e a pessoa que segue ele, não tem medo. Vai é valorizar” (Rosalina Oliveira de Aguiar, 2024). A entrevistada reconhece que há um estigma persistente que atravessa a memória material dos espaços religiosos afro-brasileiros, mas também vê como estratégia de venda oferecer para pessoas que são da religião e que veem esse espaço como lugar sagrado.

A disputa pelos lotes, portanto, não pode ser compreendida apenas como um conflito patrimonial. Ela reflete relações marcadas por homofobia silenciosa, pelo não reconhecimento da diversidade familiar de Nazareno e por intolerância religiosa disfarçada de respeito formal, sobretudo expressa na recusa ao diálogo. A decisão de apagar a presença do terreiro, mesmo que os objetos tenham sido devolvidos aos filhos de santo, evidencia um gesto de ruptura com a trajetória construída por Nazareno, cujos vínculos afetivos e espirituais foram relegados em nome da propriedade privada e da moral familiar judaico-cristã. A frase dita por Rosalina: “Respeitava, mas nunca aceitei”, resume o tipo de tolerância condicionada que muitos líderes religiosos de matriz africana enfrentam inclusive dentro de seus próprios lares.

Silvia, filha de santo e irmã de criação de Nazareno, expressa com emoção a importância que tinha o terreiro, “Ali tem muito, muito ritual, muita coisa. Se tu ver, John, aquele salão... aquele salão era tão lindo que tu não tem nem noção. O tanto de santidade que ele tinha... era a vida dele, era aquilo ali, entendeu?” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024). Esse depoimento reafirma que o terreiro não era apenas um espaço físico: era um território existencial e religioso. Ao ser questionada sobre a documentação dos lotes, Silvia complementa “Ele disse que tinha uma sessão de direito dela passando aquilo ali, entendeu? E quando ele morreu, nós não achamos esse sessão. Foi aí que ela tomou conta de tudo, entendeu? Assim, olha... entrego ela na mão de Deus, só que você carrega” (Silvia Ribeiro da Silva, 2024).

Esse trecho evidencia a fragilidade jurídica do terreiro diante da ausência de documentação, além de revelar a dor, o ressentimento e o sentimento de injustiça vivenciados por quem via naquele espaço um centro de pertencimento. O conflito entre a mãe de Nazareno e seus filhos de santo não se restringiu à esfera material ou patrimonial. Ele também se expandiu para o campo simbólico, refletindo o embate entre visões religiosas distintas: de um lado, a Umbanda e seus valores ancestrais; de outro, a religiosidade hegemônica que, neste caso, se manifestava nas crenças pessoais da mãe, que se identificava como Testemunha de Jeová e rejeitava abertamente a prática espiritual do filho. Em seu próprio relato, ela declara:

Eu tinha noção, mas eu não gostava porque eu não sou espírita, sou Testemunha de Jeová. Aí eu sempre explicava uma coisa pra ele, mas ele não aceitava, pois queria era ser espírita. Aí um dia ele falou pra mim que ia se batizar, aí eu falei: ‘Olha, vou te falar só uma coisa, se você se batizar, lembre que as pessoas que se batizam nesse tipo de religião, eles morrem numa situação [...] talvez não se peregrinando naquela situação, mas tem o perigo de dar certos tipos de doença, doenças incuráveis.’ Falei muita coisa assim pra ele... aí ele se batizou (Rosalina Oliveira Aguiar, 2024).

Essa fala revela o preconceito ainda presente em relação às religiões afro-brasileiras e a tentativa de associá-las a punições espirituais, doenças ou consequências negativas, discurso que contribui, mesmo que de forma indireta, para a marginalização e o apagamento dessas expressões de fé. Assim, a destruição do terreiro reflete uma disputa de narrativas: de um lado, os filhos e filhas de santo que lutam por preservar a memória, o legado e a religiosidade de Nazareno; de outro, a figura materna, que representa o peso das normativas hegemônicas, muitas vezes carregadas de preconceito, que deslegitimam e silenciam tradições afro-religiosas.

Mesmo com a destruição física, o terreiro permanece vivo como um território simbólico na memória coletiva da comunidade de santo e daqueles que conheceram Nazareno. A partir dessa perspectiva, o território extrapola seus limites materiais e continua existindo no imaginário, nas narrativas e nas práticas de resistência cultural que ele representava.

Nesse sentido, o terreiro ainda é articulado como espaço de pertencimento, memória e identidade afro-religiosa. Como afirma Haesbaert (2024), o território vai além do espaço físico — ele é construído por relações simbólicas, afetivas e políticas, sendo fundamental para a constituição de identidades e memórias coletivas. Assim, memória, território e identidade revelam-se dimensões interdependentes e indissociáveis na análise da experiência de José Nazareno e sua relevância para a comunidade umbandista de Araguaína.

A destruição do terreiro, portanto, representa uma tentativa de erradicar não apenas um espaço físico, mas também um ponto de referência cultural e espiritual essencial. Trata-se da negação de um território simbólico onde se articulavam saberes, práticas e vínculos identitários. Como nos mostram Halbwachs (1990) e Pollak (1989), a memória coletiva é uma construção social, sujeita a constantes transformações, moldada por disputas de poder, por contextos históricos e pelas relações que se estabelecem no tempo.

É justamente nesse terreno instável e dinâmico da memória que se inscrevem as lembranças sobre José Nazareno. Sua presença continua viva nas narrativas orais, nas experiências compartilhadas e nas marcas deixadas por sua atuação religiosa e educacional. Ainda que os espaços físicos vinculados à sua história tenham sido apagados ou silenciados, as memórias resistem como forma de reivindicação simbólica e de pertencimento.

A imagem que se segue é do túmulo de José Nazareno, no Cemitério São Lazaro em Araguaína, localizado na Rua Belo Horizonte, nº 276, no Setor Urbano. Este é o principal cemitério público da cidade e é administrado pela Fundação de Atividade Municipal Comunitária (FUNAMC). A imagem foi escolhida para encerrar este capítulo por ser agora seu lugar físico de memória.

Figura 22 - Foto da lapide de onde Nazareno está sepultado juntamente com familiares paternos.



Fonte: Arquivo do autor.

Embora represente um fim material, ela também convoca reflexões sobre memória, ausência e permanência. Como afirma Pollak (1989), a memória é sempre um campo de disputas e representações. Nesse sentido, registrar o local onde seu corpo foi sepultado não é apenas um gesto de encerramento, mas também de reconhecimento da importância de sua existência. Mesmo após sua morte, Nazareno continua presente, vivo nas lembranças, nas palavras daqueles que com ele conviveram e nas práticas que ajudou a construir.

O túmulo, aqui, não é apresentado como lugar de culto ou reverência, mas como marco visual que sinaliza o fim de uma existência física e o início de um processo de reconstrução memorial política. Ao trazer essa imagem, propõe-se ao leitor não um encerramento definitivo,

mas a abertura para outras leituras possíveis da presença pós-morte de Nazareno, aquela que persiste nas narrativas, nas lembranças e nas lutas simbólicas de sua comunidade.

CONCLUSÃO

A trajetória de José Nazareno Oliveira de Aguiar evidencia a força simbólica e política da memória como resistência. Sua atuação como pai de santo e educador em Araguaína configurou-se como um movimento de afirmação identitária diante de múltiplas formas de apagamento. Assim como aponta Bernardo (2003, p. 178, *apud* EUGÊNIO, 2019, p. 172), “os elementos tradicionais africanos movimentam-se na subalternidade, ressignificando-se, ganhando diferentes e mais sentidos para não morrerem, para permanecerem vivos”. Nazareno ao ocupar o território urbano como professor, como Pai de Santo e com seu terreiro, reinscreveu a ancestralidade afro-brasileira no espaço público, desafiando a lógica do silenciamento imposta pela colonialidade e pelo racismo estrutural.

A memória de Nazareno, como a de outros líderes de religiões afro-brasileiras, resiste às diversas formas de tentativas de apagamento. A disputa por seus bens após sua morte, os conflitos com a mãe biológica que nunca aceitou sua religiosidade nem sua sexualidade, e o desmonte do terreiro físico após sua partida, revelam a atualidade daquilo que Rodnei William Eugênio (2019) denuncia como a permanência de um racismo que se oculta sob discursos de “consciência humana” e de uma homofobia silenciosa que nega direitos e afetos mesmo dentro da família. Como lembra o autor, “não se pode esquecer que quem sofre o racismo é o corpo negro”, e este corpo, associado a práticas religiosas afrodescendentes e a vivências dissidentes da heteronormatividade, continua sendo marginalizado, mesmo após a morte.

Contudo, o que vimos é que Nazareno ainda vive, porque ele continua presente na memória e nas narrativas daqueles que foram seus filhos de santo, colegas, amigos e familiares. Esse processo de rememoração coletiva se aproxima daquilo que Ribeiro (2018) chama de “desafio biográfico”, ou seja, a tentativa de narrar vidas singulares como portadoras de múltiplos sentidos, entrelaçando dimensões individuais, coletivas, históricas e afetivas. Como observa o autor, ao falar sobre as potencialidades da escrita de vidas, “a narrativa biográfica permite a reconstrução de sujeitos que, embora localizados nas margens da história oficial, encarnam resistências e projetos de mundo que desafiam as estruturas dominantes” (Ribeiro, 2018, p. 144).

A biografia de Nazareno, construída a partir de relatos orais, entrevistas e rastros de memória, não se limita a um percurso individual, mas atua como expressão de um coletivo que

se recusa a desaparecer. Nesse sentido, ela se insere no que François Dosse (2009) define como “idade hermenêutica” do fazer historiográfico: uma abordagem que não se fixa apenas na linearidade dos fatos, mas que se abre à interpretação, à subjetividade e às experiências plurais dos sujeitos históricos.

Reconstituir a vida de Nazareno através das diversas memórias acessadas, sejam escritas, orais ou imagéticas, é também um ato político, é desafiar a lógica da invisibilidade, é reivindicar sua existência como referência, é dar corpo à narrativa de um homem negro, homossexual, religioso e educador que, apesar das violências, fez do seu terreiro um espaço de acolhimento, fé e resistência. Como bem sintetiza Ribeiro (2018, p. 146), “a biografia se torna o lugar onde o indivíduo, muitas vezes silenciado, reencontra sua voz na história”.

A História Oral e da Pesquisa Documental, assim, não só capturou os eventos lembrados, mas também iluminou os silêncios e as ausências nas narrativas dos entrevistados. Ao documentar essas memórias, foi possível compreender como as escolhas de lembrar ou esquecer ajudam a construir a imagem de Nazareno e como essas memórias refletem as complexas relações de poder, pertencimento e resistência dentro da tradição umbandista em Araguaína-TO. As metodologias não apenas se revelaram uma ferramenta eficaz para reconstruir a trajetória de vida de Nazareno, mas também para entender as tensões que cercam suas memórias e o impacto que ele teve em sua comunidade.

A história de José Nazareno não termina com sua partida física, tampouco com a destruição do terreiro. Pelo contrário, sua presença resiste e se reinscreve nos afetos, nas narrativas e nos símbolos que permanecem vivos entre aqueles que com ele partilharam a educação, a fé e a caminhada espiritual. Como afirma Rogério Haesbaert (2004), o território não é apenas uma delimitação espacial, mas uma construção afetiva, política e simbólica que permanece mesmo após o desaparecimento de sua materialidade. É nesse sentido que o terreiro, ainda que fisicamente extinto, continua a existir como território simbólico e existencial, enraizado na memória coletiva da comunidade umbandista de Araguaína.

O conceito de território, apresentado por Rogério Haesbaert (2011), ajuda a ampliar essa visão quando nos sugere que a memória após a morte de Nazareno vai além do simples exercício de suas funções educacionais. Ele construiu um lugar que se materializou nas relações e na identidade coletiva da comunidade escolar. Esse “território de saber” criado por Nazareno não se limitou ao espaço físico das escolas, mas se estendeu ao campo afetivo, onde ele exerceu uma liderança que ultrapassava os limites das salas de aula. Seu trabalho consolidou uma rede de pertença e identidade para aqueles que participaram de sua trajetória.

Assim como sua atuação na educação, os rituais, as palavras de conforto e o auxílio que Nazareno oferecia ao próximo permanecem vivos na memória coletiva. Ainda que o terreiro e sua presença física não existam mais, a presença simbólica daquilo que ele representou continua mobilizando sentidos e afetos entre aqueles que com ele conviveram. No atual contexto, marcado por sua ausência física, práticas religiosas antes coletivas passam por ressignificações e são, muitas vezes, reelaboradas no plano individual ou transferidas para outros espaços de culto. Assim, cada pessoa que era próxima a ele, do ponto de vista espiritual, acaba encontrando uma forma de seguir em frente sem ele fisicamente, mas com ele na ancestralidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. G. et al. Notificando o medo: cartografia e percepção da Covid-19 na malha rodoviária na porção norte dos vales dos rios Araguaia e Tocantins. **Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, Edição Especial: Covid-19, p. 153-163, jun. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/Hygeia0054395>.

ALMEIDA, C. G de. **Trajetórias socioespaciais de dirigentes umbandistas em Araguaína - TO**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2020.

ASCOM/MPE. **Ministério Público ajuíza ação contra ex-prefeita de Araguaína por doação ilegal de áreas pública**. Portal Surgiu, 10/05/2011. Disponível em: <https://surgiu.com.br/2011/05/10/minist%C3%A9rio-p%C3%BAblico-ajuiza-a%C3%A7%C3%A3o-contra-exprefeita-de-aragua%C3%ADn/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

Assembleia Legislativa do Estado do Tocantins. **Moção de Pesar nº 3162/2021**. Disponível em: https://sapl.al.to.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2021/3162/jose_nazareno.pdf. Acesso em: 21 jan. 2025.

AZEVEDO, E. **Ex-prefeita de Araguaína e ex-deputada, Valderez é nomeada secretária de Ações Governamentais**. AF Notícias, 30/01/2024. Disponível em: <https://afnoticias.com.br/blog-do-arnaldo-filho/ex-prefeita-de-araguaina-e-ex-deputada-valderez-e-nomeada-secretaria-de-aco-es-governamentais>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BACELLAR, E. de A. **A pesquisa documental e os arquivos públicos**. São Paulo: [Editora], 2005.

BERNARDO, R. B. **Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 2003.

BIRMAN, P. **Fazer estilo criando gêneros: posses e exorcismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BIRMAN, Patricia. **Fazer estilo criando gêneros**: possessão e diferença de gênero em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985.

BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 752 p.

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes (Orgs.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 69-89.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 510 p.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Tradução de Mariza Corrêa. Petrópolis: Vozes, 1987. 472 p.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996. 224 p.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <https://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/NORTE/TO/14431>. Acesso em: 30 out. 2024.

BROWN, D. D. **Umbanda**: religion and politics in urban Brazil. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1977. 256 p.

CIDADE, da Guia. **Seminário Menor Leão XIII**. Disponível: <https://guiacidade.com.br/tocantinopolis-to/empresa/seminario-menor-leao-xiii-1511470000.html>. Acesso em: 17 mai. 2025.

COSTA, M. M. **As relações de poder no processo de territorialização dos religiosos da Congregação Pequena Obra da Divina Providência no norte goiano (1950-1970)**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Território) - Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território, Araguaína, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/950/1/Miriam%20Mendes%20Costa%20-%20Disserta%20a7%20a3o.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

CORDEIRO, Camila; SILVA, Jailson. Territórios de resistência: saberes, memórias e espiritualidades nas comunidades tradicionais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 23, n. 3, p. 550–566, 2021. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6759>. Acesso em: 25 jul.2024.

DEUTSCHE WELLE. **Brasil registra abril mais mortal da pandemia, com mais de 82 mil mortes**. Deutsche Welle, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-registra-abril-mais-mortal-da-pandemia-com-mais-de-82-mil-mortes/a-57390385>. Acesso em: 19 maio 2025.

DORNELLES, F. F. Dornelles. **Valderez Castelo Branco, uma mulher na Assembleia de TO**. Blog – Fundação Francisco Dornelles. Disponível em: <https://ffd.org.br/valderez-castelo-branco-uma-mulher-na-assembleia-de-to/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

DOSSE, F. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: EDUSP, 2009. 448 p.

EUGÊNIO, R. W. **A memória ancestral de Pai Pérsio de Xangô: expansão e consolidação do Candomblé Paulista**. 272 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

EUGÊNIO, R. W. **Religiões afro-brasileiras e racismo religioso: corpo, território e resistência**. São Paulo: Edições Sesc, 2019.

FERRETTI, M. **Caboclo no tambor de mina e na dinâmica de um terreiro de São Luís: a casa de fant-ashanti**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 1991.

FERRETTI, M. **Matriarcado em terreiros de minas do Maranhão: realidade ou ilusão?** São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2005.

GOIÁS. **História dos municípios goianos**. Secretaria do Estado da Casa Civil, 01/03/2024. Disponível em: <https://www.biblioteca.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 dez. 2024.

GOIÁS. Lei nº 2.125, de 14 de novembro de 1958. Cria o município de Araguaína, no estado de Goiás, e dá outras providências. GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS: Secretaria de Estado da Casa Civil, 1958. Disponível em: <https://legisla.casacivil.go.gov.br/api/v2/pesquisa/legislacoes/90610/pdf#:~:text=LEI%20N%C2%BA%202.125%2C%20DE%2014,Art>. Acesso em: 09 mai. 2025.

HAESBAERT, Rogério. **Desterritorialização e identidade: a rede como território**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. 293 p.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 396 p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2003. 224 p.

HALL, S. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Apicuri Editora, 2016. 260 p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama de Araguaína 2023**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/araguaina/panorama>. Acesso em: 7 dez. 2024.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 288 p.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia, Brasília, n. 322, p. 1-24, 2002. Disponível em: <http://www.dan2.unb.br/images/doc/Serie322empdf.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2024.

LOPES, Alberto Pereira. **Escravidão por dívida no norte do Estado do Tocantins: vidas fora do compasso**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências – Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2011.

MARTINS, J. de S. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. Tempo Social; **Revista Sociologia USP**, v. 8, n. 1, p. 25-70, maio 1996.

MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13477>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2005. 292 p.

MENESES DA PAZ, A.; DÉCIA, A. C. M. A construção do mito de origem da Umbanda e as disputas pela legitimidade religiosa. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 227, mar./abr. 2021.

MENEZES DA PAZ, C.; DÉCIA, S. **Umbanda: cultura, resistência e tradição**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2020.

MENEZES, R. A.; GOMES, E. de C. Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, p. 89–121, 16 ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/38585>. Acesso em: 20 maio 2025.

MONTERO, P. **Religião e cultura: a construção simbólica da Umbanda**. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2015.

MOURA JUNIOR, L. C. dos S. **A modelagem matemática e o caso da silagem de milho no Assentamento Rio Preto/TO**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Araguaína, 2023.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. Coordenação de Djamila Ribeiro. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2020. 160 p.

NOTÍCIAS, AF. **Professor e fundador de Centro Espírita sofre parada cardíaca e morre aos 49 anos em Araguaína**. AF Notícias, 22/04/2021. Disponível em: <https://afnoticias.com.br/cidades/professor-e-fundador-de-centro-espirita-sofre-parada-cardiaca-e-morre-aos-49-anos-em-araguaina>. Acesso em: 21 jan. 2025.

O NORTE, PORTAL. **Ministério Público Estadual bloqueia bens de Valderez por contratações sem concurso durante sua gestão**. Portal O Norte, 24/05/2013. Disponível em: <https://www.portalonorte.com.br/noticias/araguaina/araguaina-56552-ministerio-publico-estadual-bloqueia-bens-de-valderez-por-contratacoes-sem-concurso-durante-sua-gest/56552/>. Acesso em: 21 jan. 2025.

OLIVEIRA, P. de S. Caminhos de Construção da Pesquisa em Ciências Humanas. In: LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 65-85.

OLIVEIRA, P. de. **Umbanda e identidade nacional: a construção do campo religioso umbandista no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2008.

OLIVEIRA, S. A. de. Políticas públicas e desafios da educação em Araguaína-TO. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br>.

PINHONI, M.; CROQUER, G. **Brasil tem mais templos religiosos do que hospitais e escolas juntos; região Norte lidera, com 459 para cada 100 mil habitantes.** G1, 02/02/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2024/02/02/brasil-tem-mais-templos-religiosos-do-que-hospitais-e-escolas-juntos-regiao-norte-lidera-com-459-para-cada-100-mil-habitantes.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2024.

POETA, L. **Valderez Castelo Branco e seu exemplo de trabalho e dedicação para o Tocantins.** Radar Tocantinense, 20/01/2023. Disponível em: <https://radartocantinense.com.br/2023/01/20/valderez-castelo-branco-e-seu-exemplo-de-trabalho-e-dedicacao-para-o-tocantins/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2 n. 3, p. 3-15, 01 jun. 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PORTELLI, A. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios:** forma e significado na história oral. Tradução de Paulo Fonseca. São Paulo: Letra e Voz, 2010. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br>. Acesso em: 25 out. 2024.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016. 200 p.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral.** São Paulo: Letra e Voz, 1997.

PRANDI, R. **Encantaria brasileira:** o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 388 p.

PRANDI, R. Povo negro e religiões negras no Brasil: para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. **Revista USP**, n. 28, p. 64-83, dez. 1995/1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revusp/article/view/28365/30223>. Acesso em: 18 nov. 2024.

RHODE, R. O mito de origem e a construção da identidade religiosa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, 2009.

RIBEIRO, V. B. As possibilidades e desafios do relato biográfico: biografia & história: hagiografia, trajetórias e prosopografia. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 44, n. 1, p. 140–152, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>. Acesso em: 20 maio 2025.

SÁ JÚNIOR, J. **A invenção da Umbanda branca:** o espiritismo e a formação de uma nova tradição religiosa no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2004.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental:** pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, p. 1–15, jul. 2009.

SILVA, L. **A resistência nos terreiros:** a defesa da identidade religiosa afro-brasileira. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

SILVA, W. C. L.; VERAS, R. de C.. As biografias protestantes como hagiografias: análise de três obras biográficas do protestantismo brasileiro (1930-1950). **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 9, n. 26, p. 163-184, set/dez. 2016. ISSN 1983-2850.

SOUZA, A. N. Os Territórios Simbólicos no Processo de Territorialização e Desterritorialização Cultural, na Perspectiva de Rogério Haesbaert. **Jamaxi – Revista de História**, v. 3, n. 2, 22 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/3313>. Acesso em: 19 nov. 2024.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 336 p.

TOCANTINS, G1. **Deputada e ex-prefeito são chamados para depor em investigação por fraude em licitação**. G1 Tocantins, 28/11/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/11/28/deputada-e-ex-prefeito-sao-chamados-para-depor-em-investigacao-por-fraude-em-licitacao.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TOCANTINS, G1. **Deputada Valderez Castelo Branco é condenada a 14 meses de prisão por uso de documento falso quando foi prefeita**. G1 Tocantins, 29/03/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/03/29/deputada-valderez-castelo-branco-e-condenada-a-14-meses-de-prisao-por-uso-de-documento-falso-quando-foi-prefeita.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TOCANTINS, G1. **Ex-prefeita de Araguaína é investigada por doar lotes a pessoas que ocupavam cargos públicos**. G1 Tocantins, 19/08/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/03/29/deputada-valderez-castelo-branco-e-condenada-a-14-meses-de-prisao-por-uso-de-documento-falso-quando-foi-prefeita.ghtml>. Acesso em: 21 jan. 2025.

UOL, Notícias. **Brasil ultrapassa 400 mil mortes por Covid-19; país vive pior momento da pandemia**. Notícias UOL, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/04/29/brasil-ultrapassa-400-mil-mortes-por-covid-19-pais-vive-pior-momento-da-pandemia.htm>. Acesso em: 19 maio 2025.

VENÂNCIO, S. O. C. **Encantados na Umbanda no norte do Tocantins**. 251 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2019.

VENÂNCIO, S. O. C. **Tenda Umbandista Santa Joana d’Arc: a Umbanda em Araguaína**. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. São Luís, 2013.

VENÂNCIO, S. O. C.; FERRETTI, M. "Os Antigos que Trabalhavam Perfeitamente Morreram": a memória da umbanda em Araguaína (TO). **Revista Mosaico - Revista de História**, v. 6, n. 1, p. 77–86, jun/jul. 2013. DOI: 10.18224/mos.v6i1.2747. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/2747>. Acesso em: 25 out. 2024.

Fontes Orais

Aurélia de Souza Santos. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida. Araguaína, TO, 20 de março de 2024.

Brás Alves de Noletto, Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 19 de março de 2024.

Fabiana Ferrari, conversa pelo WhatsApp, 12 de dezembro de 2024.

Graziele Formiga da Silva. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 04 de maio de 2024.

Jacinta Ribeiro Lopes. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 22 de março de 2024.

Lucélia da Silva Costa. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 19 de março de 2024.

Maria Alves da Silva, Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 20 de março de 2024.

Maria Júlia Rocha dos Santos, Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 10 de maio de 2024.

Plábio Marcos Martins Desidério. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 07 de maio de 2024.

Raimundo filho de Sousa. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 29 de maio de 2024.

Rosalina Oliveira Aguiar. Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida. Araguaína, TO, 22 de maio de 2024.

Roseane Costa, Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 17 de maio de 2024.

Silva Ribeiro da Silva, Entrevistador: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 04 de maio de 2024.

Maria Alves, mensagem de áudio via Whatsapp: Wellton Jonh Pereira Santos Almeida, TO, 16 de maio de 2025.